



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

GIOVANNA GOMES CARDOSO DE LIMA

**RELAÇÕES DE GÊNERO SOB UMA PERSPECTIVA DIASPÓRICA NA
FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA**

JOÃO PESSOA

2025

GIOVANNA GOMES CARDOSO DE LIMA

**RELAÇÕES DE GÊNERO SOB UMA PERSPECTIVA DIASPÓRICA NA
FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais pela
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Xaman Korai
Pinheiro Minillo

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732r Lima, Giovanna Gomes Cardoso de.

Relações de gênero sob uma perspectiva diaspórica na
formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba
/ Giovanna Gomes Cardoso de Lima. - João Pessoa, 2025.
111 f. : il.

Orientação: Xaman Korai Pinheiro Minillo.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Imigração japonesa. 2. Relações de gênero. 3.
Diáspora. 4. Paraíba. 5. Cultura. I. Minillo, Xaman
Korai Pinheiro. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327(043)


GIOVANNA GOMES CARDOSO DE LIMA

RELAÇÕES DE GÊNERO SOB UMA PERSPECTIVA DIASPÓRICA NA FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovada em, 03 de outubro de 2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **XAMAN KORAI PINHEIRO MINILLO**
Data: 06/10/2025 08:59:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Xaman Korai Pinheiro Minillo – (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Documento assinado digitalmente
 **SILVIA GARCIA NOGUEIRA**
Data: 06/10/2025 16:50:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Silvia Garcia Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Documento assinado digitalmente
 **IZADORA XAVIER DO MONTE**
Data: 06/10/2025 09:09:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Izadora Xavier do Monte
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

À memória da imigração japonesa no nordeste brasileiro e aos descendentes da diáspora, dedico este breve registro.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, irmãos, familiares e todos os animais de estimação que fizeram parte dessa longa jornada.

À professora Xaman Minillo pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação, por ter feito o possível (e o impossível) para que eu pudesse me formar sem mais atrasos, e claro, pela paciência mesmo com meus atrasos e crises.

Aos professores Geraldo Campos e Ahmed Zoghbi, por todo suporte, dedicação e por continuarem me acompanhando (mesmo que à distância) nesse percurso.

A Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba, por auxiliar e ser a base central deste trabalho, sem vocês nada disso seria possível.

A Alice Lumi Satomi, Tereza Mitsunaga e Takako Watanabe por me concederem a honra de ouvir e registrar esta pequena parte de suas histórias.

Aos meus amigos que me acompanharam e apoiaram mesmo longe, aqueles que conheci em Penedo, os que me acolheram em Sergipe e os que transcenderam fronteiras: Luiz Henrique Ferreira Wanderley, Vitória Nathália Oliveira de Aguiar, Ana Clara Gonsaga, Lucas Mendes, Gabriel Pereira, Alberth Francesco, Luiz Fernando Morato, Luiz Felipe Morato, Fernanda Blume, Fernanda Estolano, Eduarda Torquato, Ellen Victoria, Roberta Queiroz, Frederico Torres, Joara Barreto, Beatriz Devides, Giovanna Rodrigues, Victoria Catarina, Nayara Santos, Amauri, Daniel Vitor, Diva Mesquita, Débora Ranielly, Letícia Lemos, Emmanuely Ramalho e todos os outros queridos e queridas que não consegui mencionar sem ocupar um espaço astronômico.

Ao meu irmão Vinícius por ter me auxiliado na correção das transcrições de cada entrevista realizada, mesmo que essa ajuda tenha vindo com a exigência de ter um parágrafo dedicado somente a ele nesses agradecimentos (merecidos no final das contas).

A Esther Yuri Matsuo, por ser mais do que uma grande amiga (mesmo que pequena no tamanho) e me auxiliar nas correções e na organização das minhas ideias para que esse trabalho fosse o melhor possível neste longo e corrido período de tempo.

Aos amigos que fiz na Paraíba, por tornarem essa breve passagem pela UFPB mais acolhedora, divertida e suportável: Kelson, Aniely, Samara, Lindy, Ana Karolayne, Hellen, Tori, Analice, Márcio, Abraão, Igor, Daniel e todos os outros que permaneceram ao meu lado até o momento.

Ao Grupo de Estudos do Leste-Asiático (GELA), à Coordenadoria de Estudos da Ásia da UFPE (CEASIA) e ao Centro Internacional de Estudos Árabes e Islâmicos da UFS (CEAI) por alimentarem minha paixão pelos Estudos da Ásia, mesmo quando tudo parecia estar tão distante.

E por fim, mas não menos importante, ao EXO por entregar alegrias e alienação durante esses 13 anos de existência.

“古今集の昔から、何百首何千首となくある桜の花に関する歌、———古人の多くが花の開くのを待ちこがれ、花の散るのを愛惜して、繰り返し繰り返し一つことを詠よんでいる数々の歌、———少女の時分にはそれらの歌を、何と云う月並なと思いながら無感動に読み過して来た彼女であるが、年を取るにつれて、昔の人の花を待ち、花を惜しむ心が、決してただの言葉の上の「風流がり」ではないことが、わが身に沁しみて分るようになった。”

“The ancients waited for cherry blossoms, grieved when they were gone, and lamented their passing in countless poems. How very ordinary the poems had seemed to Sachiko when she read them as a girl, but now she knew, as well as one could know, that grieving over fallen cherry blossoms was more than a fad or convention.”

— 谷崎 潤一郎 (Jun'ichirō Tanizaki), 細雪 (Makioka Sisters)

RESUMO

O trabalho analisa o processo de formação e consolidação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba (ACBJ/PB) no que diz respeito ao papel da mulher nikkei e imigrante na tomada de decisões e organização da associação enquanto comunidade. O objetivo deste trabalho é compreender a posição da mulher nikkei e imigrante no que diz respeito a manutenção da cultura tradicional japonesa na capital paraibana. Apoiado na contribuição teórica de Yuval-Davis (1997) sobre gênero e nação, enfoca nos fatores “gênero”, “etnia” e “função” como os objetos de análise. Estes são examinados em torno do processo histórico de formação da ACBJ/PB e as vivências das mulheres que compõem o quadro de associados, assim como a atuação destas mulheres no que tange à disseminação e preservação da cultura de seus antepassados em situação de diáspora. A metodologia da pesquisa foi qualitativa, de caráter exploratório e com uso de parcial da etnografia em conjunto com a observação participante, embasada na realização de entrevistas com mulheres que participam da associação. Para complementar a pesquisa, também foram utilizados documentos pertencentes a associação, relatórios do processo de formalização e artigos jornalísticos e acadêmicos que o envolvem. Os resultados foram constituídos a partir da percepção das lideranças femininas enquanto fundamentais para a criação e manutenção da associação até dos dias atuais, em especial, quando considerados os papéis decisórios no sistema organizacional e da disseminação da cultura japonesa e nipo-brasileira na capital paraibana.

Palavras-Chave: Imigração Japonesa; Relações de Gênero; Diáspora; Paraíba; Cultura.

ABSTRACT

The study analyzes the process of formation and consolidation of the Cultural Association Brazil–Japan of Paraíba (ACBJ/PB), with regard to the role of Nikkei and immigrant women in decision-making and in the organization of the association as a community, particularly in light of Yuval-Davis's (1997) theoretical contribution on Gender and Nation. The aim of this work is to understand the position of Nikkei and immigrant women concerning the preservation of traditional Japanese culture in the capital of Paraíba. The factors “gender,” “ethnicity,” and “function” are the objects of analysis, revolving around the historical process of the ACBJ/PB's formation and the lived experiences of the women who make up its membership, as well as their role in the dissemination and preservation of their ancestors' culture in a diasporic context. The research methodology was qualitative, exploratory, and partially ethnographically based, combined with participant observation, and supported by interviews conducted with women who take part in the association. To complement the research, documents belonging to the association, reports on its formalization process, as well as journalistic and academic articles related to it were also used. The results were built from the perception of female leadership as fundamental to the creation and maintenance of the association up to the present day, particularly when considering their decision-making roles within the organizational system and their contribution to the dissemination of Japanese and Japanese-Brazilian culture in the capital of Paraíba.

Keywords: Japanese Migration; Gender Relations; Diaspora. Paraíba.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[illegible]

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 OBJETIVO GERAL.....	20
2.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	20
3 METODOLOGIA.....	21
3.1 PROCEDIMENTOS.....	25
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	27
5 A PRESENÇA NIPO-BRASILEIRA NA PARAÍBA.....	33
6 A ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA.....	39
7 OS PAPÉIS DAS MULHERES NA MANUTENÇÃO DA CULTURA NIKKEI NA PARAÍBA.....	44
7.1 SOBRE GÊNERO.....	44
7.2 SOBRE A DIÁSPORA NIPO-BRASILEIRA NO NORDESTE.....	46
7.3 SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO.....	48
7.4 SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE A — ENTREVISTA COM ALICE LUMI SATOMI.....	62
APÊNDICE B — ENTREVISTA COM TAKAKO WATANABE.....	82
APÊNDICE C — ENTREVISTA COM TEREZA MITSUNAGA.....	98
ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO POR ALICE LUMI SATOMI.....	114
ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO POR TAKAKO WATANABE.....	117
ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO POR TEREZA MITSUNAGA.....	120

1 INTRODUÇÃO

A presença nipônica no processo de formação do Brasil é um tópico cujos debates se concentram, em sua maioria, na região sudeste do país devido à chegada do *Kasato-maru* no Porto de Santos — sendo este o navio responsável pela vinda dos primeiros imigrantes japoneses na costa brasileira —, que ocasionou a concentração de japoneses na cidade mediante o incentivo do setor público ao cultivo cafeeiro e a necessidade de desenvolvimento da atividade hortifrutigranjeira no estado de São Paulo (Sakurai, 2007) e, posteriormente, de pessoas nipo-brasileiras nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (Dezem, 2005). Em suma, esta fase primária da Imigração Japonesa no Brasil teve como principal objetivo a necessidade de mão de obra qualificada para a ampliação dos métodos de cultivo de vegetais e frutas, com um foco essencial no plantio de café, matéria-prima essencial para o desenvolvimento produtivo do Brasil a partir de 1850 (Furtado, 1977).

Sendo assim, é de suma importância investigar e propor reflexões acerca da trajetória dos imigrantes que vieram para a região nordeste, seus descendentes e como foram formadas as associações que reúnem essa parcela da população. Instituições que, além de reunirem japoneses e descendentes, buscam a manutenção e a disseminação da cultura, idioma e costumes, que em determinados momentos da história do Brasil chegaram a ser proibidos (Dezem, 2007). Sendo assim, esta pesquisa tem o objetivo de investigar a formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba (ACBJ/PB), com especial atenção ao papel das mulheres na comunidade, moldada a partir de um questionamento basilar: quais foram os papéis das mulheres nikkeis na formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba? “.

As relações de gênero e suas mutações ao longo dos anos nestas comunidades se mostram um fator-chave para compreender o modo de vida de descendentes inseridos na lógica coletiva da associação. Tendo em vista que, por muitas vezes, é possível cair em armadilhas vinculadas a estereótipos e pré-conceitos quando se trata de pensar as relações de asiáticos-brasileiros¹ com o patriarcado e como esse fator se reflete na organização e respectivas atividades da associação (Lee; Shimabuko; Higa, 2018, p. 328).

¹ Pessoas brasileiras natas quem possuem ascendência asiática (Matsuo, *et al.*, 2024).

No caso da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba, a presença das mulheres em cargos de poder e decisão é frequente desde a fundação em 2004, tal fenômeno é notável em outras associações da região Nordeste do Brasil, como as presentes nos estados de Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

Yuval-Davis (1997) destaca que a percepção do papel da mulher enquanto responsável pela manutenção e disseminação da cultura é algo presente em diversas sociedades tradicionais ao redor do mundo e é passível de ser aplicado ao caso da ACBJ/PB, cujas associadas e líderes costumam “tomar as rédeas” em funções relativas à tradição e a perpetuação dos modos de vida construído pelos nikkeis² no Brasil ao longo das décadas.

Sendo assim, para compreender a história da comunidade nipo-brasileira na Paraíba é preciso também entender as relações internas no âmbito comunitário. Em especial, compreender o papel das mulheres neste processo e sua importância na manutenção da comunidade.

A construção desta pesquisa é relevante no campo das Relações Internacionais em função da preservação da memória das famílias que imigraram para o Brasil e, enfrentaram nesse processo dificuldades ocasionadas por mudanças políticas e históricas internacionais. Deste modo, se mostra necessário investigar as contribuições das mulheres para a associação — fruto dos processos citados anteriormente — e como as práticas estão conectadas à herança japonesa, ao contexto histórico de chegada e estabelecimento desta comunidade. Para além disso, é necessário compreender a importância cultural desta associação para a comunidade nikkei do nordeste e para o município de João Pessoa como forma de disseminação de conhecimento e manifestação cultural em nome da memória das famílias que vieram para a região.

A pouca produção acadêmica acerca da presença nipônica e da comunidade nipo-brasileira no estado da Paraíba é outro fator motivador para a realização desta pesquisa. Além disso, a incipiência da inclusão da discussão de gênero no que diz respeito ao estudo das comunidades nipo-brasileiras da região nordeste é outro aspecto que destaca a necessidade do desenvolvimento de um estudo com este escopo.

²日系(につけい): O nipo-brasileiro, ou seja, o descendente de japonês, é atualmente denominado de nikkei, não importa a que geração pertença. (Silva & Soares, 2013, p. 105)

Em síntese, este trabalho surge da necessidade de tentar colaborar para a produção de conhecimento acerca de um tema que tem sido pouco explorado ativamente nos últimos anos. Em especial, ao amplificar as vozes das mulheres que compõem a ACBJ/PB como forma de registrar experiências, vivências e narrativas que auxiliem na produção de cada vez mais registros sobre a presença nipo-brasileira no estado da Paraíba.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em seu livro *Gender & Nation* (1997) a socióloga Nira Yuval-Davis discorre sobre a interseccionalidade entre gênero, nação e processos nacionalistas, destacando como as relações de gênero e suas estruturas de poder se moldam a partir de projetos nacionais, em uma crítica a posição de negligência que as teorias clássicas do nacionalismo (Gellner, 1983; Hobsbawm, 1990; Kedourie, 1993; Smith, 1971; 1986) colocam as dimensões de gênero. Do mesmo modo, a autora aponta para a necessidade de perceber as relações de gênero como processos que não podem ser generalizados sob uma perspectiva eurocêntrica e ocidental, afinal, as relações étnico-raciais são fundamentais para a compreensão dos diversos modelos de nacionalismo e nação em conjunto com o estabelecimento das estruturas de poder no campo das perspectivas de gênero (Yuval-Davis, 1997, p. 29).

Além das reflexões acerca dos diferentes papéis desempenhados por mulheres no que tange à manutenção do “Estado-nação”, Yuval-Davis (1997) discorre sobre o quanto este conceito tende a definir barreiras etnocêntricas de pertencimento nacional que acabam classificando imigrantes entre aqueles que são desejados no processo de construção de uma nação — e aqueles que foram aceitos somente para acelerar esse processo — mas foram excluídos e classificados enquanto “elementos indesejados” quando o objetivo foi alcançado.

Uma certa ‘massa’ de pessoas era vista como crucial para a viabilidade do processo de ‘construção da nação’ no local. Embora a imigração tenha sido incentivada como uma maneira rápida de alcançar esse objetivo, medidas foram originalmente tomadas para excluir ‘elementos indesejáveis’, como no ‘perigo amarelo’ construído contra os imigrantes leste-asiáticos (Yuval-Davis, 1997, p. 47).

O mito do “perigo amarelo” (do alemão: *gelb Gefahr*) foi utilizado pela primeira vez na Europa pelo Kaiser Guilherme II da Alemanha para “advertir” aos russos sobre a expansão japonesa no continente asiático (Dezem, 2005, p. 5), mas sua popularização atravessou fronteiras, tendo sido utilizado no Brasil principalmente na Era Vargas (1930-1945).

O mito do “perigo amarelo”, expressão racista que designa países e pessoas com origem japonesa, chinesa e coreana, por exemplo, como inimigo comum do Ocidente, se manifestou em diversos momentos da história nacional[...] (Higa, 2021, p. 24).

Mesmo que o Brasil enquanto projeto de “Estado-nação” tenha suas bases essencialmente fundamentadas em processos de imigração — sejam estes forçados

ou não — é perceptível que o direito a um sentimento de pertencimento nacional é historicamente negado aos imigrantes de origem não branca/europeia e seus descendentes. O fenômeno em questão afeta, sobretudo, as mulheres, sobre as quais, devido a seu gênero, as pressões são intensificadas pela negação do pertencimento ao modelo de Estado-nação, cujas barreiras limitantes privilegiam determinados aspectos étnico-raciais e culturais em detrimento de outros.

A unidade mítica das 'comunidades imaginadas' nacionais, que divide o mundo entre 'nós' e 'eles', é mantida e reproduzida ideologicamente por todo um sistema do que Armstrong (1982) chama de 'guardas de fronteira' simbólicos. Esses 'guardas de fronteira' podem identificar pessoas como membros ou não membros de uma coletividade específica. Eles estão intimamente ligados a códigos culturais específicos de vestimenta e comportamento, assim como a sistemas mais elaborados de costumes, religião, modos de produção literária e artística e, é claro, à língua (Yuval-Davis, 1997, p. 39, tradução nossa).

Percebendo as fronteiras e o mito das “comunidades imaginadas” nacionais, é possível compreender a diáspora³ japonesa no Brasil enquanto um fenômeno marcado pela assimilação forçada da população imigrante, em especial, pela proibição do ensino da língua japonesa e de reuniões internas. Tais restrições foram diretamente ocasionadas pelo mito do “perigo amarelo” e por uma política de perseguição aos imigrantes no país durante a II Guerra Mundial em decorrência da associação do Império Japonês ao Eixo (Perazzo, 2009).

Durante Segunda Guerra Mundial, as pressões da geopolítica imperialista estadunidense e o imaginário racista articulam os saberes que já estavam consolidados na ciência, na política e na opinião pública brasileira para criar um novo momento de inquietação racial (Outra Coluna, 2016).

Deste modo, a percepção dos imigrantes japoneses no imaginário racista brasileiro não era restrita unicamente ao sentimento de divisão do mundo entre “nós” e “eles”, afinal, as políticas restritivas dialogavam diretamente com os receios em relação aos avanços do Império Japonês durante a guerra, gerando a falácia de que todo imigrante japonês era um espião do Eixo (Perazzo, 2009).

Em 1934, Oliveira Viana, um grande expoente do racismo brasileiro, declarava: “Em menos de 20 anos, [...] o mundo asiático, repululante no seu formigueiro humano, já nos lançou em nosso solo quase cem mil japoneses... Para nós, o problema da assimilação do imigrante japonês é infinitamente mais difícil de resolver do que o dos imigrantes das outras

³ Os estudos sobre a diáspora podem ter se intensificado recentemente, mas a palavra em si, bem como o fenômeno de dispersão populacional, são antigos. Diáspora se origina do grego *diaspeirein*, isto é, “espalhar”. O prefixo *dia-* contém a ideia de “movimento através”, “passagem” ou “afastamento”, ao passo que *speirein* significa “semear ou dispersar”. (Braga, 2010, p. 13)

raças aqui afluentes... o japonês é como o enxofre: insolúvel.”(Outra Coluna, 2016).

Considerando o panorama histórico e político da Imigração Japonesa, é necessário analisar suas consequências para a diáspora nipônica, em especial, quando pensamos nas consequências da assimilação forçada para os imigrantes e seus descendentes (Outra Coluna, 2016). Como destacado por Yuval-Davis (1997), existem diversos impactos sociais e políticos a partir do estabelecimento de um conceito reducionista de “Estado-nação” que delimita fronteiras físicas, socioculturais e étnico-raciais para definir quem pertence ou não ao projeto nacionalista. No caso da diáspora japonesa no Brasil, a condição de isolamento imposta, direta ou indiretamente, aos imigrantes resultou na sustentação do ideal de que pessoas de origem japonesa e seus descendentes não fazem parte do projeto nacional brasileiro, conforme descrito no depoimento a seguir (Hollanda *et al.*, 2018, p. 331).

Perdi as contas de pessoas que entram no meu estabelecimento comercial e gritam: “Volta para a sua terra”. [...] Certa vez, fui “elogiada” por uma cliente que me viu conversando em português com os meus filhos e disse que eu estava de parabéns por ensinar a língua dela a eles. Somos vistos como estrangeiros e, logo, temos sempre que nos provar. [Sabrina Kim, descendente de sul-coreanos, participante do canal do YouTube Kores do Brasil] (Hollanda *et al.*, 2018, p. 331).

E ainda como Yuval-Davis (1997) pontua que o sentimento de não pertencimento é ainda mais intenso quando percebido sob as perspectivas de gênero, uma vez que inseridas em um contexto coletivo, é comum que as mulheres estejam inseridas em situações marcadas por dualidades ou contradições. A autora aponta que mesmo as mulheres sendo frequentemente associadas a honra e a *raison d'être*⁴ de projetos nacionais e étnicos específicos. Todavia, são frequentemente excluídas do “nós” coletivo do corpo político e mantêm uma posição de objeto em vez de sujeito (Yuval-Davis, 1997, p. 63). Quando consideramos o recorte étnico-racial para sustentar esta afirmação existe um sentimento ainda maior de objetificação, afinal, se as fronteiras estabelecidas pelo projeto nacionalista tendem a apagar imigrantes enquanto sujeitos membros do corpo político da nação, tal situação se agrava para mulheres imigrantes (Yuval-Davis, 1997, 65). Como demonstrado pela autora no trecho abaixo:

⁴ Expressão francesa que, traduzida para o português, significa “razão de ser” ou “razão para ser”, frequentemente utilizada para se referir ao motivo pelo qual algo existe.

Nesse sentido, a construção da feminilidade carrega uma propriedade de “alteridade”. Códigos culturais rigorosos sobre o que significa ser uma “mulher adequada” são frequentemente desenvolvidos para manter as mulheres nessa posição inferior de poder. As “sabedorias” coletivas usadas para justificar padrão muitas vezes soam muito semelhantes a outras noções de senso comum empregadas para excluir, inferiorizar e subjugar “outros” – como “mulheres são estúpidas”, “mulheres são perigosas” ou “mulheres são impuras e podem nos contaminar” (Yuval-Davis, 1997, p. 63, tradução nossa)

Não obstante, somando o racismo e a xenofobia contra imigrantes japoneses aos ideais patriarcais de duas sociedades distintas, a brasileira e a japonesa, cujas pressões sociais se diferem como consequência das divergências culturais, as mulheres japonesas e nipo-brasileiras enfrentam níveis de opressão completamente diferentes quando definimos estes recortes. Consequentemente, foram criadas diversas percepções distorcidas das mulheres asiáticas, classificadas em arquétipos estereotipados que, em vários momentos, resultam na sexualização e na concepção de que essas mulheres precisam ser salvas das “primitivas” sociedades “orientais” pelos homens brancos ocidentais e civilizados (Ishida, Braga, 2019, p. 57).

Para além de uma construção imagética da mulher nipo-brasileira como indivíduos passivos de um processo político-histórico, é preciso destacar sua importância na manutenção e na disseminação da cultura japonesa no contexto familiar e, consequentemente, para a comunidade externa, isto é, sociedade brasileira. Cravo e Soares (2010) compreendem a mulher nikkei na qualidade de uma figura central para a manutenção dos costumes ancestrais na família, afinal, em grande medida estas mulheres foram as responsáveis diretas pelo cuidado com a casa, pela administração financeira e pela criação dos filhos.

As mulheres permaneceram dando suporte técnico aos maridos e quando a situação financeira melhorou, as mulheres Nikkei passaram a se dedicar somente ao lar, à caridade e à hospitalidade. Passam a ter a função de manter a ordem na casa enquanto os maridos estavam no campo, além de ensinar a tradição japonesa para os filhos e manter os costumes no meio familiar, como a cerimônia do chá, o arranjo de flores, a culinária, a religião e a língua (Cravo e Soares, 2010).

Ademais, essa relação direta com as funções relacionadas ao cuidado e a disseminação da cultura não se restringia somente ao âmbito doméstico, bem como se torna essencial para a manutenção das associações nipo-brasileiras seja através da cozinha ou da gestão de atividades culturais como oficinas, feiras, festivais e atividades internas (Cravo e Soares, 2010).

Considerando os aspectos destacados anteriormente, este trabalho explora as perspectivas que compreendem as comunidades japonesas no que diz respeito ao papel da mulher frente a uma situação de diáspora, assim como, a mulher nikkei como figura fundamental para a formação da Associação Cultural Brasil-Japão. A pesquisa tem o objetivo de compreender as relações de gênero no âmbito comunitário e na formação histórica da comunidade japonesa do estado. Buscamos analisar a questão da formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e o papel das mulheres que compõem essa comunidade, seja na organização, manutenção e até mesmo na disseminação de conhecimento acerca da cultura, história, língua e costumes oriundos dos primeiros imigrantes japoneses que permaneceram no Brasil.

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o papel da mulher nikkei e imigrante no processo de formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e sua importância para a manutenção da cultura japonesa na região de forma a avaliar o que tal atuação implica em termos de relações de gênero.

2.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o processo de formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba;
- Identificar os papéis das mulheres nikkeis e imigrantes no que diz respeito à manutenção e transformação da cultura japonesa em diáspora;
- Analisar as relações de gênero no âmbito da ACBJ/PB e identificar se há uma estrutura patriarcal na organização da associação;
- Identificar como diferenças de raça e gênero se manifestam em situação de diáspora;
- Analisar como as mulheres nikkeis e imigrantes são compreendidas como figuras-chave na manutenção da cultura.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho examina a atuação das mulheres nikkeis no processo de formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba. A pesquisa é orientada pelo questionamento principal: quais foram os papéis das mulheres nikkeis na formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba?

O recorte geográfico é localizado em João Pessoa, no estado da Paraíba, e, de maneira mais ampla, na região nordeste do Brasil, sendo analisado como raça e gênero influenciam a formação da ACBJ/PB. O recorte temporal se limita a partir da fundação da associação, em 2004, até 2025.

Apoiado nisso, questionamos também o que a atuação das mulheres nikkeis na ACBJ/PB possibilita observar sobre relações de gênero em uma comunidade diaspórica japonesa relativamente isolada⁵ que busca disseminar e preservar a cultura de seus antepassados.

Estas perguntas são contextualizadas diante dos desafios da diáspora (Braga, 2010), do racismo (Dezem, 2007) e do patriarcalismo (Yuval-Davis, 1997) notáveis nas comunidades nikkeis mais tradicionais do Brasil (Kebbe, 2010). Sendo assim, a pergunta se apoia em sub-perguntas: I. quais foram as posições institucionais ocupadas pelas mulheres nikkeis na ACBJ/PB?; II. quais foram os principais desafios enfrentados pelas mulheres nikkeis no contexto da diáspora no Brasil?; III. como esses desafios influenciaram sua participação na formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba? e; IV. essas mulheres enfrentaram resistência na comunidade ao assumirem posições de destaque?

Logo, este trabalho se trata de um estudo parcialmente etnográfico (Kosminsky, 2007) de base qualitativa e interpretativa (Radhay, 2008), cujo objeto foi analisado no âmbito teórico da Observação Participante (Malinowski, 1984) a partir dos conceitos de gênero e nação (Yuval-Davis, 1997) mediante a articulação interdisciplinar entre diferentes campos teóricos das humanidades (Winter, 2016; Hollanda *et al*, 2018).

Tendo em vista a lacuna significativa no que tange a produções acadêmicas que abordam o objeto, foi necessário recorrer a fontes primárias de informação, como relatos, matérias jornalísticas e midiáticas disponíveis em sites oficiais de

⁵ Em comparação às regiões centrais de maior fluxo de imigrantes japoneses, como São Paulo e Pará, na Paraíba conta com uma comunidade menor e isolada, sendo João Pessoa o único município a possuir uma associação nikkei (Satomi, 2025) (IBGE, 2022);

jornais locais, em especial, do acervo digital e físico do jornal A União. Destacam-se as entrevistas informais (López, 1999, p. 48) com figuras-chave que compõem a Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba como parte da construção inédita de informações sobre a questão proposta.

Na primeira etapa da pesquisa foi realizada uma análise bibliográfica de artigos e capítulos de livros que discorrem sobre as relações de gênero, as quais as temáticas são comumente trabalhadas nas teorias Feministas das Relações Internacionais, no entanto, focamos nesses conceitos conforme a tese de Yuval-Davis (1997) da vertente interseccional, seguindo o caráter qualitativo proposto. Também foram utilizados documentos pertencentes a ACBJ/PB e matérias midiáticas sobre ações realizadas pela associação no decorrer dos anos a fim de obter maior compreensão sobre o caso em análise.

No levantamento bibliográfico realizado previamente na plataforma Google Acadêmico foram encontradas 10 produções relativas a discussões acerca do papel das mulheres nikkeis ou nipônicas em suas respectivas comunidades e desses trabalhos, 3 abordaram comunidades no sudeste, 3 abordaram comunidades na região centro-oeste e 4 sobre a região sul. Não foram encontrados trabalhos vinculados à compreensão de associações nas regiões nordeste e norte. Identificou-se, assim, que as diásporas japonesas no Brasil têm sido alvo de análises nos últimos dez anos em comunidades das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste (Kebbe, 2010). Contudo, o Nordeste ainda segue carente de produções relativas aos modos de vida das associações nipo-brasileiras e as questões de gênero que envolvem as relações entre homens e mulheres nesse âmbito comunitário.

Tendo em vista a lacuna nas produções acadêmicas que abordem o tema das questões de gênero que circundam a comunidade nipo-brasileira da Paraíba, este trabalho utilizou de matérias jornalísticas e registros históricos acerca da Imigração Japonesa no estado, em especial, devido à necessidade de abarcar o contexto histórico do surgimento da comunidade nikkei sediada em João Pessoa. No entanto, é inegável a necessidade de abordar processos históricos e sociais levando em consideração as narrativas e experiências daqueles que constroem a história, viabilizando a inclusão de perspectivas locais para além de produções acadêmicas. Para tal, foi desenvolvida pesquisa baseadas em entrevistas, conforme o método etnográfico.

Kosminsky (2007) destaca o método de pesquisa etnográfico enquanto uma forma de perceber a necessidade de uma participação mais direta e profunda do pesquisador em relação ao grupo pesquisado, possibilitando o registro e a análise da história em movimento, além das crenças e identidades dos sujeitos pesquisados. Ainda segundo a autora, apesar de demandar um longo período de tempo, o estudo etnográfico propõe uma análise qualitativa ampla, baseada na observação e, em alguns momentos, na participação ativa do pesquisador na comunidade pesquisada.

Ainda que o estudo etnográfico seja essencialmente utilizado no campo da Antropologia, é preciso pontuar sua importância no que diz respeito à compreensão de dinâmicas particulares de processos históricos como o caso da imigração. Para sustentar a utilização deste método no campo das Relações Internacionais, Radhay (2008) destaca a necessidade de perceber a narrativa da imigração enquanto algo convencionalmente relacionado às vontades particulares, mas também, às grandes mudanças dinâmicas da trajetória da nação enquanto conceito histórico, social e geográfico. É inegável que, mesmo que a imigração seja um fenômeno motivado por razões diversas, é algo intrinsecamente vinculado à narrativa histórica do Estado-nação enquanto uma coletividade de pessoas, e não somente fronteiras territoriais.

Por exemplo, a lei de imigração é, interdiscursivamente, uma narrativa, pois contribui para construir a perspectiva do Estado-nação sobre a imigração e também constitui a própria história do Estado-nação: uma comunidade construída. Ao mesmo tempo, os (as) imigrantes possuem as suas próprias histórias – os seus mundos – pessoas que mudaram de um lugar a outro devido a circunstâncias distintas; pessoas em busca de uma vida melhor ou oportunidades de emprego; refugiados fugindo da perseguição política, guerras ou até desastres naturais; aventureiros, casamentos, interesses culturais (Radhay, 2008, p. 47).

A percepção da imigração não deve ser reduzida aos fenômenos sociais e políticos de um Estado-nação, uma vez que os imigrantes possuem suas próprias histórias e motivações individuais e diversas, que podem ou não partir de uma decisão voluntária (Radhay, 2008, p. 47). Consequentemente, enquanto metodologia, a etnografia necessita de uma empiria baseada na interação direta com o grupo pesquisado, o que pode ser realizado através do uso de entrevistas informais e da observação participante (Naves, 2007, p. 153).

Em algumas pesquisas etnográficas, a interação direta do pesquisador com o meio pode ser percebida como uma forma de “contaminar” os resultados obtidos, no entanto, em determinadas situações, a observação participante de Malinowski (1984) une a análise teórica à práxis. O autor propõe que mediante um estudo ativo, no qual a obtenção de informações e a análise teórica são vinculadas a estabelecimento de um relacionamento com o grupo pesquisado, é possível uma inserção densa e prática no meio pesquisado e em suas práticas e expressões culturais. Inicialmente utilizada por antropólogos em estudos sobre povos originários (Malinowski, 1984, p. 16), o método de observação participante também é utilizado em pesquisas no contexto urbano e com grupos sociais não necessariamente baseados em relações étnico-raciais.

No que diz respeito ao valor teórico da observação participante em estudos etnográficos, no campo da antropologia é destacado por Shah (2020) como revolucionário por sustentar estudos que se concentram nas “pequenas vozes da história”, na “história subalterna”, ao obrigar os pesquisadores a questionarem suas visões de mundo a partir da interação ativa com o meio (Shah, 2020, p. 378). Portanto, mesmo que estudos etnográficos aliados a observação participante resultem, na maioria das vezes, em resultados focados em grupos menores, isso não os torna inválidos enquanto produção de conhecimento.

Para as Relações Internacionais, estudos etnográficos representam possibilidades de perceber fenômenos históricos, políticos e sociais para além das organizações e instituições internacionais, viabilizando percepções mais humanas e os impactos diretos destas mudanças nas vidas das pessoas. As Relações Internacionais não devem ser consideradas como uma disciplina isolada de outras ciências sociais, e se baseia em outras áreas como a Antropologia, entre outras, tornando válida a utilização de embasamento metodológico de disciplinas diversas da grande área das Ciências Humanas (Pecequillo, 2005).

A observação participante é potencialmente revolucionária porque obriga o questionamento de pressupostos teóricos sobre o mundo, mediante participação e envolvimento íntimo de longo prazo na vida de desconhecidos. Ela nos faz reconhecer que nossas concepções teóricas de mundo provêm de situações históricas, sociais e espacialmente particulares (Shah, 2020, p. 378).

Visando a necessidade de produzir um conhecimento pautado na perspectiva dos grupos atingidos e permitindo que eles exponham sua narrativa, foram

conduzidas entrevistas com lideranças femininas da ACBJ/PB a fim de compreender suas perspectivas acerca das relações de gênero que compreendem a comunidade no âmbito interno e o papel destas figuras na disseminação da cultura, língua e costumes nipônicos.

Dessa forma, foi feita uma análise qualitativa sobre os dados obtidos a partir de análise teórica baseada na tese de Yuval-Davis (1997) sobre as relações entre gênero e nação, em conjunto com as produções de Dezem (2007), Sakurai (2007) e Kebbe (2010) sobre a Imigração Japonesa no Brasil. Esta pesquisa propõe a utilização parcial de técnicas da etnografia e da observação participante como bases fundamentais para a construção de uma análise focada na perspectiva feminina destes fenômenos, a fim de colaborar para o preenchimento das lacunas existentes na produção acadêmica sobre a Imigração Japonesa no estado da Paraíba. Assim como, no que tange a compreensão das mulheres enquanto atores centrais para a manutenção e disseminação da cultura japonesa na capital paraibana através da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba (ACBJ/PB) na posição de organização instrumentalizadora de ações voltadas não somente para a comunidade nipo-brasileira de João Pessoa, como também para a população geral.

3.1 PROCEDIMENTOS

A princípio, foi realizada a pesquisa e seleção de literatura da bibliografia existente das teorias feministas das relações internacionais relacionadas aos temas de: nacionalidade, nacionalismo, relações familiares, imigração e estudos feministas japoneses e nipo-brasileiros. Posteriormente, foi feita a análise da bibliografia existente sobre mulheres nipo-brasileiras e Imigração Japonesa na Paraíba.

Em seguida, foram elaborados os roteiros para as entrevistas informais conforme as bases de fundamentação teórica do método etnográfico em conjunto com a observação participante realizada durante eventos realizados na UFPB e no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, assim como, reuniões mensais e oficinas realizadas no espaço físico da Associação no período de abril de 2023 a março de 2025. Nesse sentido, foram realizadas as entrevistas com Alice Lumi Satomi, Takako Watanabe e Tereza Mistunaga, as três únicas ex-presidentas da associação.

Para sustentar os dados coletados por meio das entrevistas, foi feita uma breve análise documental dos registros da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba para investigar a organização da associação no que diz respeito a fundação, cargos de poder e decisão e atividades realizadas. Durante o processo de transcrição das entrevistas, foram analisadas quais pessoas mencionadas poderiam ou não ter seus nomes, havendo a necessidade de anonimização somente daquelas que não são figuras que fizeram aparições públicas em veículos de mídia jornalísticos entre 2023 e 2024, para que, desta forma, fossem evitados possíveis constrangimentos ou a exposição indesejada destas. As informações obtidas previamente foram utilizadas durante as entrevistas para maior disposição de informações. Por fim, o conjunto de informações obtidas possibilitou a construção dos resultados, analisados à luz da teoria de Yuval-Davis (1997) no caso, utilizando da ótica internacional e local.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, será feita uma revisão da literatura selecionada a partir das óticas centrais que cerceiam o tema deste trabalho, ou seja, a imigração japonesa no Brasil, o processo de formação das comunidades nipo-brasileiras e as relações de gênero intrinsecamente vinculadas as noções de estado-nação, nacionalidade e nacionalismo abordadas por Yuval-Davis (1997) do decorrer de sua obra “*Gender and Nation*”. Para isso, é feita uma reflexão quando os dados e registros históricos referentes a vinda dos imigrantes japoneses para a Paraíba em 1938, tendo como base a análise de Kyotoku (2009) sobre este marco histórico.

A produção acadêmica de textos sobre a imigração japonesa no Brasil tem seu marco com os estudos do sociólogo nipo-brasileiro Hiroshi Saito a partir de 1947⁶, ou seja, tem como marco histórico o pós-II Guerra Mundial e as percepções dos imigrantes e descendentes quanto a derrota do Japão, o que faz necessário citar antes de introduzir propriamente a literatura. Durante o período que compreende a Era Meiji deu-se início ao marco dos fluxos migratórios japoneses no Brasil, especificamente em junho de 1908 (Nagata, 1986, p. 119-123). Somente em 1938 chegaram as primeiras cinco famílias de imigrantes japoneses no estado da Paraíba, oriundos de Tomé-Açú no Pará, que foram assentadas para desenvolver a agricultura na região (Kyotoku, 2009). Não existem muitas publicações acadêmicas sobre a passagem destas famílias na Paraíba, contudo, as memórias daqueles que vivenciaram as dificuldades que passaram na região ainda permanecem (Kyotoku, 2009). As experiências dos japoneses que vieram para o Brasil no período das tensões da Segunda Guerra Mundial têm em comum serem majoritariamente voltadas para o silenciamento e perseguição. Afinal, todo imigrante japonês passou a ser considerado suspeito de espionagem devido à aliança do Japão ao Eixo (Satomi, 2019).

A mando do interventor Ruy Carneiro, a polícia confinou os japoneses em 13 de março de 1942 em uma incipiente colônia agrícola em Camaratuba, localizada, então, no município de Mamanguape, divisa com o Rio Grande do Norte, conforme notícia o Jornal A União. (Kyotoku, 2009, p. 994)

⁶ COTRIM, Aline de Sá; MAIO, Marcos Chor. O nascimento de uma produção sociológica: os estudos de Hiroshi Saito sobre a imigração japonesa no Brasil (1947-1953). Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 11, n. 1, jan.- abril 2021, pp. 201-227

A permanência destas famílias na Paraíba não durou muito tempo devido à negligência estatal que acabou levando os imigrantes a se espalharem pela região sudeste (Satomi, 2019). A história da Imigração Japonesa no estado da Paraíba é de suma importância na compreensão destes processos históricos que integram fenômenos globais como a Segunda Guerra Mundial e a permanência de famílias nipo-brasileiras na região. São escassas as produções que propõem um debate histórico quanto a chegada dos imigrantes na região e sua permanência, dificultando fatores destaque da história no que compete a presença nipônica e os nipo-brasileiros na Paraíba (Kyotoku, 2009). Assim como, a formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e seu papel na união das famílias descendentes e na disseminação e manutenção da cultura de diversas formas.

A trajetória das mulheres japonesas no período pré e pós-imigração para o Brasil é dada pela supremacia masculina nos espaços de poder, decisão e proteção da família e da comunidade. A idealização da mulher como algo diretamente vinculado à necessidade de servir ao homem foi perpetuada não somente na sociedade nipônica, como também em sociedades ocidentais. Por sua vez, mulher quando jovem deve casar-se, gerar e educar os filhos, e quando mais velha tem sua sexualidade anulada e seu papel na família resumido ao de mulher sábia (Cravo e Soares, 2010).

Yuval-Davis (1997) destaca que os nacionalismos definem identidades coletivas por meio de normas de gênero que dividem aqueles que participam da nação e seus respectivos papéis neste âmbito. Ou seja, os conceitos de raça, classe e gênero interagem entre si de forma que possibilitam incluir e excluir grupos marginalizados da sociedade enquanto base para a formação de um sentimento de nação. Partindo deste pressuposto, a autora destaca que mulheres imigrantes acabam enfrentando uma dupla opressão justamente por não serem devidamente incluídas na lógica de Estado-nação estabelecida pelos clássicos (Gellner, 1983; Hobsbawm, 1990; Kedourie, 1993; Smith, 1971; 1986).

O conceito de 'Estado-nação' pressupõe uma correspondência completa entre os limites da nação e os limites daqueles que vivem em um Estado específico. Isso, é claro, é praticamente uma ficção em todos os lugares. Sempre há pessoas vivendo em sociedades e Estados particulares que não são consideradas (e muitas vezes nem se consideram) membros da nação hegemônica, há membros de coletividades nacionais que vivem em outros países[...] (Yuval-Davis, 1997, p. 20, tradução nossa).

Tal percepção nos auxilia a compreender o conceito de diáspora e seu vínculo direto com as limitações estabelecidas pela lógica do “Estado-nação” enquanto um espaço marcado por fronteiras geográficas, históricas, sociais e culturais que separam o “Eu” do “Outro”, como abordado por Edward Said (2007). Este pressuposto acaba desconsiderando a lógica da mobilidade humana enquanto um fenômeno diretamente ligado à existência humana, assim como estabelece limites excludentes para as lógicas de pertencimento aplicadas aos imigrantes e seus descendentes.

Contrariando o que a noção de patriarcado sugere, as mulheres geralmente não são somente receptoras passivas ou não participantes na determinação das relações de gênero. Provavelmente, o mais importante é que nem todas as mulheres são oprimidas e/ou subjugadas da mesma maneira, ou na mesma intensidade, mesmo inseridas em uma mesma sociedade em um momento específico. (Yuval-Davis, 1997, p. 14, tradução nossa)

A autora auxilia a fundamentar a afirmação de que a opressão contra as mulheres imigrantes é inegavelmente mais intensa quando comparadas às mulheres cujas origens, fenótipo e cultura são mais aceitos enquanto parte do conceito de Estado-nação já pré-estabelecido. A partir deste pressuposto, Yuval-Davis (1997) sustenta uma forte crítica aos feminismos ocidentais por frequentemente ignorarem as especificidades culturais e nacionais de mulheres não brancas e não ocidentais.

Deste modo, para analisar o caso das mulheres nipo-brasileiras é essencial a adoção de perspectivas feministas interseccionais, que considerem a diáspora e as relações étnico-raciais enquanto fenômenos-chave para a diferenciação dos níveis de opressão sofridos por estas mulheres. Afinal, gênero não se trata de uma diferença real estabelecida entre sujeitos, mas sim, de uma estrutura linguística e cultural que não se baseia completamente em fatores biológicos. Os papéis de gênero são designados previamente como uma tentativa de dividir sujeitos em uma coletividade, como apontado pela autora no trecho abaixo:

O gênero deve ser compreendido não como uma diferença social “real” entre homens e mulheres, mas como um modo de discurso que se relaciona a grupos de sujeitos cujos papéis sociais são definidos por sua diferença sexual/biológica, em oposição a suas posições econômicas ou pertencimento a coletividades étnicas e raciais (Yuval-Davis, 1997, p. 24, tradução nossa).

Posto isto, estes papéis de gênero são facilmente suscetíveis a mudanças, impossibilitando a ideia de analisar a opressão de gênero enquanto um fenômeno que ocorre de forma homogênea em todas as sociedades e nações que compõem o

mundo. A opressão das mulheres é um fenômeno sistêmico e estrutural, sendo inerente ao funcionamento das relações de poder, e fatores como gênero, etnia e classe, se entrecruzam sendo vinculados mutuamente nas relações sociais concretas, embora possuam bases ontológicas distintas e discursos separados (Yuval-Davis, 1997, p. 23, tradução nossa).

Mesmo que os papéis de gênero sejam mutáveis e variáveis conforme questões históricas e políticas, Yuval-Davis (1997) argumenta que existem discursos e práticas sociais hegemônicas em diferentes sociedades em contextos diversos, criando narrativas que moldam as percepções sociais. Por esse motivo, o discurso de que a mulher deveria assumir, essencialmente, as funções de cuidado com o lar e com a família foi um discurso sustentado por séculos em sociedades diversas.

O arquétipo da mulher japonesa servil e submissa, frágil e contida foi pautado com base em uma produção cultural e midiática branca e masculina, que exotiza e apaga as especificidades desse recorte (Ishida e Braga, 2019, p. 58). Este apagamento desconsidera completamente as vivências das mulheres imigrantes japonesas, cuja adesão a uma dupla jornada surge como uma necessidade para a estabilidade financeira da família, em especial, no caso dos grupos de imigrantes que exerciam a atividade agrícola nas colônias (Cravo e Soares, 2010).

As dinâmicas familiares mudaram com o êxodo rural, resultando na mobilidade de diversas famílias para os centros urbanos, uma consequência associada a melhoras nas condições financeiras e a busca por condições de educação mais bem estruturada para os filhos (Mori, 2021, p. 48). Portanto, as mulheres passaram a ocupar funções domésticas, como a educação dos filhos, a saúde da família, a alimentação e administração do orçamento familiar, enquanto aos homens recaía as responsabilidades associadas ao trabalho, o sustento da família e a vida pública (Cravo e Soares, 2010).

Conforme descrito por Cravo e Soares (2010), ainda que as funções de cuidado estivessem sob completa responsabilidade das mulheres nipo-brasileiras, era estimulada a dedicação a atividades artísticas e culturais, como o *ikebana*⁷, a cerimônia do chá, a confecção de vestimentas tradicionais, a música e a dança. Por esse motivo, também é atribuído o papel de organizadoras de atividades culturais,

⁷ A arte japonesa dos arranjos florais, baseada na apreciação da forma e cor mediante uma perspectiva naturalista. A palavra *ikebana* vem do japonês *ikeru* (生ける), que significa “arranjar (flores), ter vida, estar vivo”, e *hana* (花), que significa “flor” (Embaixada do Japão no Brasil, S.D.).

como feiras, festivais, oficinas e venda de refeições (Cravo e Soares, 2010). Mesmo que geralmente os homens ocupem os cargos de liderança, como diretores ou presidentes das associações nipo-brasileiras, as mulheres acabam sendo figuras-chave para a manutenção e disseminação da herança cultural de seus antepassados, não somente para a família ou no âmbito comunitário, mas também para o público externo.

A herança cultural é compreendida amplamente como o conjunto de bens, tradições e expressões transmitidos pelas gerações anteriores, abrangendo tanto elementos materiais quanto imateriais que um grupo social reconhece como fundamentais por seu valor histórico, identitário ou simbólico (O'Connor, 2024, p. 2).

Tais aspectos são observados até os dias de hoje em diversas associações, mas a região nordeste do Brasil se destaca justamente por contar com uma maioria significativa de lideranças e participação feminina em posições de poder e decisão, algo considerado um tanto incomum quando observado o mesmo fenômeno em cidades centrais como São Paulo, cuja maioria das lideranças ainda eram homens em meados dos anos 2010 (Kebbe, 2010, p. 127).

Alterações visíveis no perfil das comunidades estavam em andamento, pensando agora na continuidade da transmissão da cultura japonesa e valores da comunidade nipo-brasileira entre seus descendentes, um ânimo de renovação que buscava conciliar a tradição nipônica trazida pelos primeiros imigrantes com o Japão moderno das novas gerações de descendentes (Kebbe, 2010, p. 118).

O mesmo fator é observado por Kebbe (2010) em comunidades nikkei de regiões interioranas do estado paulista, a maioria das quais foi classificada como pontos fora da curva diante da composição tradicional das associações da capital. Traços como: Diretorias compostas por descendentes da terceira geração, forte presença feminina, presença de não descendentes e uma “cultura japonesa contemporânea” são fatores-chave para perceber as mudanças que afetaram majoritariamente as regiões mais afastadas do polo da imigração e tardaram a alcançar o centro (Kebbe, 2010, p. 127).

Mesmo sendo localizadas em capitais, as associações nipo-brasileiras da região nordeste podem ser percebidas como pontos fora da curva devido à distância física do Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social) e o número pontual de descendentes oriundos destas localidades. No caso da

ACBJ/PB, são poucos os membros nipo-brasileiros nascidos na Paraíba ou até mesmo, na região nordeste.

Deste modo, são notáveis as divergências que a associação paraibana apresenta diante de seu contexto de formação. Afinal, sua formação se dá sob as perspectivas progressistas de um grupo composto, em sua maioria, por professores universitários, tornando a percepção da cultura nipônica algo para além de um nacionalismo cultivado e replicado pelos antepassados. Não obstante, a primeira presidente e uma das fundadoras é a professora Alice Lumi Satomi, professora efetiva do Departamento de Educação Musical da UFPB. O fato da primeira presidente da associação ter sido uma mulher demonstra a necessidade de refletir acerca das particularidades de associações da região nordeste como forma de análise de um fenômeno histórico-social e levantando a possibilidade de romper com conceitos pré-estabelecidos acerca da forma na qual tais comunidades lidam com as relações de gênero em seu interior.

5 A PRESENÇA NIPO-BRASILEIRA NA PARAÍBA

No Brasil, os imigrantes japoneses foram atraídos por promessas de melhores condições de vida para impulsionarem a atividade hortifrutigranjeira no território nacional, cujas bases econômicas ainda se concentravam majoritariamente nas monoculturas do café e do açúcar (Kodama e Sakurai, 2008). A presença nipônica, por sua vez, não permaneceu estagnada na região do estado de São Paulo, tendo uma distribuição mais ampla conforme as áreas designadas para a formação das chamadas “colônias japonesas”. As regiões brasileiras de norte a sul receberam suas respectivas parcelas de famílias japonesas, das quais o sudeste e a região norte se destacam até hoje quanto às numerosas colônias nipônicas (Kodama e Sakurai, 2008).

No entanto, capitais nordestinas como Recife/PE e João Pessoa/PB tiveram processos um tanto quanto diferentes quando comparados ao perfil migratório de São Paulo/SP, Paraná/PR e Tomé-Açu/PA, as quais são as três maiores colônias japonesas do país (Kodama e Sakurai, 2008). Enquanto nessas três cidades, os imigrantes foram direcionados diretamente para o trabalho nas lavouras, em Recife e João Pessoa receberam seus primeiros imigrantes por meio de um processo de re-imigração, afinal, seus primeiros imigrantes viviam em outras regiões do Brasil antes de se encaminharem para as duas cidades.

O estopim para a imigração nipônica em Pernambuco foi a chegada de Asanosuke Gemba e sua família em Recife no ano de 1918, que anteriormente havia passado pelo Peru, mas fora na capital pernambucana que decidiram se reestabelecer (Kubota, 2012). Somente décadas depois, em 1958, Pernambuco abrigou seu primeiro grande grupo de japoneses, sendo que as 20 famílias foram estabelecidas na colônia de Rio Bonito, localizada até hoje no município de Bonito/PE (Kubota, 2012).

No estado da Paraíba, não houve imigração direta, sendo um caso específico de imigração interestadual, dos quais todos os japoneses que chegaram em terras paraibanas já haviam passado por outros estados brasileiros, mas ainda assim, conta com particularidades próprias, como o caso do primeiro japonês imigrante da Paraíba (Kyotoku, 2009).

Em 1920, o imigrante Eiji Kumamoto chega ao Porto do Recife acompanhado de dois irmãos, após uma longa viagem em um navio que transportava

aproximadamente 1.600 cidadãos japoneses rumo ao Brasil. Apesar de não falar ou entender a língua portuguesa, recebeu uma proposta de emprego do coronel José Pereira de Lima — popularmente conhecido como “Zé Pereira” — do município de Princesa Isabel/PB (Kyotoku, 2009).

Após sua chegada ao sertão paraibano, Kumamoto foi incumbido de gerenciar o rebanho de cabras do coronel José Pereira, líder local e figura central no movimento de insurgência contra o governo federal (Kyotoku, 2009). Esse período foi marcado por intensas tensões políticas, especialmente após a eclosão da Revolução de 1930, que desestabilizou as estruturas de poder no país e culminou na proclamação do Território Livre de Princesa — uma tentativa de autonomia municipal sob comando de Pereira, em oposição ao interventor varguista (Silva, 2019, p. 15). No ápice do conflito, Kumamoto ascendeu ao cargo de almoxarife da revolta, responsável pelo abastecimento de recursos, tendo significativa importância estratégica na logística do movimento (Kyotoku, 2009). Sua atuação, que incluía a compra e venda de insumos, não somente sustentou as operações rebeldes, mas também refletiu a complexa rede de alianças e a participação de estrangeiros em disputas locais, um fenômeno pouco explorado na historiografia regional.

FIGURA 1 - Eiji Kumamoto durante a Revolta de Princesa Isabel/PB



Fonte: Acervo da Família Kumamoto, 1930.

No entanto, mesmo com o fim da Revolta de Princesa Isabel, Kumamoto seguiu no município, e mesmo não falando português, casou-se com a paraibana Marly Duarte em 1937, com quem teve três filhos e uma filha. Durante sua vida no Sertão da Paraíba, acabou assumindo funções diversas, de comerciante à gerente de uma usina elétrica local (Kyotoku, 2009).

No ano de 1938, um grupo de 27 imigrantes japoneses chegou ao território paraibano através de um programa de incentivo local que realocou 5 famílias originalmente assentadas em Tomé-Açu, no Pará, que, devido à epidemia da malária, foram incentivadas a deixarem a região norte do Brasil. Motivado pelos constantes avanços dos imigrantes nipônicos na agricultura, o Governo do Estado da Paraíba, na época, sob comando do interventor Gratuliano de Brito, estabeleceu na Fazenda São Rafael a primeira colônia japonesa do estado (Kyotoku, 2009). Não obstante, a notícia da chegada dos imigrantes ao solo paraibano virou notícia nos principais jornais locais, como no trecho obtido do jornal *A União* em 1938.

Procedente de Belém do Pará deu entrada anteontem, em Cabedelo, o vapor Afonso Pena, do Loide Brasileiro, conduzindo as famílias japonesas contratadas para iniciar, na «Fazenda São Rafael», a cultura científica de hortaliças. Essas famílias, que são em número de cinco, se compõem de

vinte e sete pessoas, estando todas instaladas, com relativo conforto, nas casas que, para esse fim, foram construídas naquela propriedade do Estado. Cada família dispõe, no mínimo, de oito hectares de terra para o seu mister, dedicando-se todas especialmente ao cultivo de hortaliças (A União, 1938).

Vale ressaltar o interesse na mão-de-obra imigrante como oportunidade para a diversificação da produção agrícola da Paraíba, cujo foco principal estava voltado à cotonicultura⁸. Considerando a dinâmica de desenvolvimento da região nordeste — majoritariamente associada ao setor agropecuário de relativa baixa rentabilidade — ao acelerado crescimento das regiões sul e sudeste, é perceptível os impactos da distribuição de renda não somente no que diz respeito à corrida em prol da industrialização, como também no fornecimento de mão-de-obra qualificada (Furtado, 1977).

O acelerado desenvolvimento da agricultura consolidado pelos colonos japoneses no estado de São Paulo foi um fator crucial para a boa recepção e o otimismo da mídia local em relação aos imigrantes. Somente sessenta dias após a chegada na capital paraibana, os colonos japoneses foram devidamente inseridos no mercado local através da negociação de seus produtos (Kyotoku, 2009). Entretanto, a área que compreendia a colônia japonesa Fazenda São Rafael durou pouco tempo, afinal, em 1941 o exército imperial japonês ataca a base militar norte-americana de Pearl Harbor, dando início oficialmente a participação mais incisiva do Japão na Segunda Guerra Mundial.

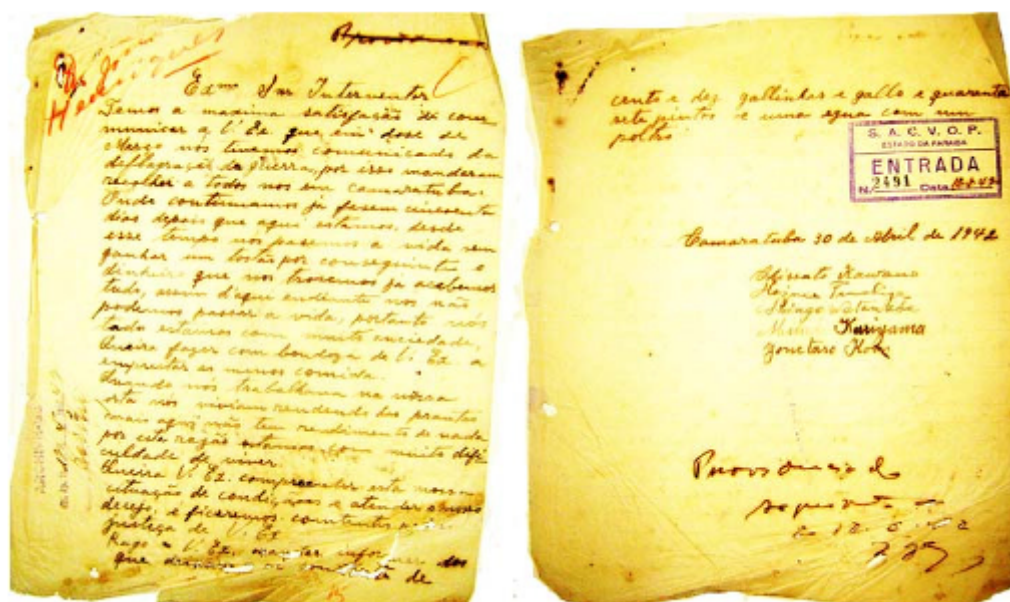
O Brasil, por sua vez, aliado dos Estados Unidos durante a guerra, rompe suas relações diplomáticas com o Japão, bloqueando abruptamente a entrada de japoneses para o seu território. Todavia, a proibição da entrada destes imigrantes veio acompanhada de um processo de perseguição, no qual os japoneses passaram a ser compreendidos enquanto uma ameaça e espiões em potencial do Eixo (Dezem, 2007). Kyotoku (2009) destaca que, apesar da postura favorável do jornal paraibano *A União* em relação à criação da colônia japonesa na Fazenda São Rafael, o veículo de notícias local rapidamente mudou seu posicionamento e passou a levantar especulações de sabotagem por parte dos colonos, corroborando com a narrativa do “perigo amarelo” e resultando na rápida remoção das famílias, como é possível observar no trecho abaixo.

⁸ Cultivo de algodão-têxtil.

Os editoriais, agora sob o título de “Os Amarelos” ou “O Perigo Amarelo”, chamavam a atenção para o perigo em se ter esta colônia próxima à cidade de João Pessoa e apoiou o governo quando o mesmo resolveu retirar os nipônicos da “Fazenda São Rafael” (Kyotoku, 2009).

Os japoneses foram confinados em uma colônia agrícola, cujos recursos eram escassos, no município de Mamanguape, localizado na divisa entre a Paraíba e os Rio Grande do Norte. Em situação de completo abandono, os colonos chegaram a enviar uma carta ao Interventor Ruy Carneiro descrevendo as dificuldades que estavam passando no isolamento e sem recursos o suficiente para estabelecer uma plantação que pudesse lhes render lucros.

FIGURA 2 - Carta dos colonos japoneses ao Governo da Paraíba⁹



⁹ Ex mo Snr. Interventor Temos a máxima satisfação di comunicar a V.Ex. que em dose de Março nos tivemos comunicado da deflagração da guerra, por isso mandaram recolher a todos nos em Camaratuba. Onde continuamos já fasem cincoenta dias depois que aqui estamos, desde esse tempo nós pasemos a vida sem ganhar um tostão por conseguinte o dinheiro que nos trosemos já acabamos tudo, assim d'aqui endiante nós não podemos passar a vida, portanto nós todos estamos com muito anciedade. Queira fazer com bondozia de V.Ex. a emprestar ao menos comida. Quando nós trabalhava na nossa orta nós viviam rendendo das prantas mais aqui não tem rendimento de nada por esta razão estamos com muito dificuldade de viver. Queira V.Ex. compreender esta nossa cuituação de condições e atender o nosso desejo, e ficaremos contentes pela justiça de V. Ex . Rugo a V.Ex mandar informar dos que deixamos ai constante de cento e dez gallinhas e gallo e quarenta e sete pintos e uma égua com um poltro.

Camaratuba 30 de Abril de 1942.

Chissato Kawano (Chisato Kawano)

Hazine Tanahijo (Hajime Tsuchiya)

Shingo Watanabe (Shingo Watanabe)

Mihidi Kossiyama (Mitsuji Kuriyama)

Yonetaro Kom (Yonetaro Ima) (FUNESC. João Pessoa, 30 abr. 1942, Cx. 33.)

Fonte: Arquivo Histórico da FUNESC. João Pessoa, 30 abr. 1942, Cx. 33.

Mesmo após enfrentarem condições precárias, as famílias retornaram para João Pessoa posteriormente ao fim da guerra. Durante o período em que ficaram fora, as casas que originalmente haviam sido cedidas aos japoneses, foram invadidas por cidadãos locais, como descrito por Kyotoku (2009) abaixo.

[..]apesar do confinamento em que viviam e das inúmeras necessidades que passavam em Camaratuba, preocupavam-se com os animais que deixaram na Fazenda, pensando, talvez, que regressariam para lá. Contudo, segundo o Sr. Toshio Adachi, após a guerra, os japoneses retornaram para a fazenda, mas não puderam recuperar suas antigas residências porque nelas já moravam outras pessoas. Acreditaram que os brasileiros as haviam invadido. Ao serem transferidos para Camaratuba, não lhes informaram que suas casas seriam entregues para os lavradores nacionais. Depois deste episódio, os “rastros” da história destes primeiros colonos foram apagados (Kyotoku, 2009).

A perseguição somada à negligência estatal para com os primeiros colonos japoneses da Paraíba resultou em uma experiência desastrosa, afinal, as famílias não permaneceram na Paraíba, como resultado de uma busca por melhores condições de vida e sustento. No entanto, essa primeira experiência não foi um empecilho para que, posteriormente, outras famílias nipônicas deixassem outros estados para tentar a vida na Paraíba, como no período da Caça à Baleia no litoral paraibano entre 1957 e 1985, do qual aproximadamente duas dezenas dos contratados pela empresa *Nippon Reizo Kabushiki* para atuar nesta atividade pesqueira (Duarte, 2014).

Por fim, no que tange a presença dos descendentes na Paraíba, para além dos herdeiros de Eiji Kumamoto e das outras famílias japonesas que vieram posteriormente, não há uma motivação única em comum, muito menos indícios de um intenso fluxo migratório interestadual. Porém, a presença de professores nikkei no corpo docente dos cursos de graduação do campus sede da UFPB resultou em uma vontade latente de formar a primeira associação brasilo-japonesa do estado.

6 A ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA

Ao considerar a dificuldade em encontrar produções acadêmicas que descrevessem ou abordassem diretamente o processo de formação da ACBJ/PB, para traçar o histórico e a estruturação da associação, foram utilizadas as entrevistas com as figuras-chave, em conjunto com a análise de documentos e notícias publicadas pelo jornal A União — estas últimas publicadas entre 2004 e 2025 —. Nesse sentido, nesse capítulo apresento a trajetória da associação, conforme foi tecida por algumas de suas lideranças femininas, entre as quais Alice Lumi Satomi e Tereza Mitsunaga, que compõem o quadro de membros fundadores.

A ACBJ/PB foi fundada em novembro de 2004 na capital paraibana e movida pela necessidade em comum de japoneses descendentes e não-descendentes que buscavam um espaço em comum para a realização de ações voltadas para a manutenção e disseminação da cultura nipônica (Satomi, 2025). Para os nikkeis, a associação se tratava de uma forma de suprir a falta constante de elementos fundamentais da cultura nipo-brasileira, como as refeições tradicionais e as manifestações artísticas e culturais.

Apesar de sua presença ser destacada pelo anual “Festival do Japão na Paraíba”, os eventos públicos da ACBJ/PB começaram a partir de uma pequena mostra cultural denominada “Feira Japonesa”, que reuniu uma pequena parcela dos até então sócios no Centro Turístico Tambaú, no qual foram dispostas mesas com livros, bonecas, quimonos e outros itens pertencentes aos associados (Satomi, 2025). Mesmo se tratando de um evento realizado de última hora e sem qualquer tipo de divulgação prévia, ocorreram apresentações musicais que incluíram um grupo musical formado pelos filhos e o esposo da professora Alice Satomi, além do até então projeto inicial do coro Hatsuhinode.

E aí logo no primeiro ano a gente já lançou a feira cultural da associação cultural Brasil-Japão, sem nenhuma pretensão sabe, foi tipo: “e aí vamos assim, fazer uma intervenção ali no espaço do Centro Turístico de Tambaú”. Ali a gente foi a primeira vez sem avisar ninguém lá, quase um flash mob. A gente chegou lá, levou mesa, acho que até rolou comida, mas a comida acho que era pra a gente, já que passamos o dia inteiro. Aí já teve a oficina de origami, e uma exposição, a gente juntou livros, eu tinha uns de cerimônia do chá e o G. tinha um monte de livros lá de cultura japonesa, a mulher do S.T. tinha umas bonecas, aquelas japonesas lindas com uns quimonos cheios de brocados. (Satomi, 2025)

A primeira experiência com organização de eventos rendeu contatos e novas possibilidades para o desenvolvimento de uma proposta maior no ano seguinte. Afinal, a ideia de formar uma Associação Nikkei na Paraíba surgiu após a realização de uma apresentação musical em um evento relacionado aos animes, cultura pop e games. A ascensão da cultura pop japonesa através dos animes e mangás no início dos anos 2000 resultou na realização de diversos eventos pelo Brasil, em especial, nas capitais. Em um evento realizado entre agosto e setembro de 2004, após a apresentação de um grupo musical nikkei de São Paulo no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, Alice Lumi destaca que a presença de nikkeis em meio a plateia lhe chamou a atenção e serviu como um impulso inicial para a organização de uma associação formada por nipo-brasileiros e aspirantes da cultura japonesa na capital paraibana.

O grupo surge da ideia de três amigos, sendo dois nikkeis e um não-descendente cujo vínculo com a cultura japonesa veio através da esposa nipo-brasileira. Em entrevista, Alice Satomi (2025) destaca a necessidade coletiva de se estabelecer um espaço em comum de manutenção e disseminação da cultura japonesa como forma de se manterem próximos dos costumes e tradições com as quais puderam conviver desde a infância. Afinal, no início dos anos 2000 ainda havia poucas opções de restaurantes nipônicos autênticos e a comercialização de ingredientes básicos ainda era escassa na região nordeste do Brasil.

A proposta alcançou mais adeptos no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, em especial, entre docentes nikkeis de diversos departamentos do Campus João Pessoa. Este fenômeno se justifica ao considerar o papel da presidente fundadora enquanto docente do Departamento de Educação Musical da UFPB, um fator que facilitou não somente o contato com outros interessados, como também estabeleceu a Universidade enquanto peça chave para o suporte de atividades e eventos realizados pela ACBJ/PB após sua fundação.

[...]Jo R. era da psicologia, Tereza que já veio na segunda reunião, aí Takako que veio um pouco depois, tinha o M. da física. Então a gente pode falar que foi uma iniciativa que partiu de um grupo de professores e funcionários da universidade, como a irmã do Adachi sensei, que é remigrante de Tomé-Açú. Na biologia tinha um monte, a

Takako, a Mioco, o Rui, que já faleceu, e na arquitetura tinha a A., mas esse pessoal não se envolveu tanto (Satomi, 2025).

O papel da UFPB no processo de formação e fomento das atividades da ACBJ/PB não se reduz somente a um ponto de encontro entre acadêmicos com um objetivo em comum, se estendendo ao financiamento de atividades e ao suporte técnico — por meio das equipes de monitores compostas por estudantes da graduação e pós-graduação —, não obstante, o XVIII Festival do Japão (2023) ocorreu no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes do Campus João Pessoa.

Em entrevista concedida para a realização deste trabalho, Alice Satomi (2025) e Takako Watanabe (2025) reforçam a importância da universidade no suporte às iniciativas da associação, que vão desde a realização de oficinas e cursos até a divulgação e o apoio a eventos culturais. Posteriormente, o Instituto Federal da Paraíba - Campus João Pessoa, passou a desempenhar um papel conjunto através da mediação do professor Luis Romeu Nunes (IFPB) do departamento de Engenharia Elétrica.

Apesar da adesão de professores e discentes das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) a associação ainda conta com uma parcela significativa de membros para além do âmbito acadêmico. Em especial, quando destacada a parcela expressiva de membros associados que não possuem descendência ou cidadania japonesa, fenômeno resultante do conjunto de políticas de projeção internacional denominado “*Cool Japan*”, estabelecidas a partir dos anos 2000 como forma de promoção da indústria cultural japonesa, a fim de superar o imaginário marcado pela 2ª Guerra Mundial (Ministry of Foreign Affairs of Japan, 2025).

Esta parcela de aspirantes da cultura japonesa e nipo-brasileira é, geralmente, impulsionada pelo interesse na cultura tradicional, cultura pop e, conseqüentemente, pelo interesse em aprender o idioma. Nesse sentido, estas pessoas acabam se aproximando de associações nikkei como resultado desta política e da afinidade estética com a cultura nipônica, o que se difere da necessidade de retomar costumes e manter-se próximo a uma cultura que lhe pertence, como os associados japoneses e nipo-brasileiros. Esse fator, no entanto, não é observado negativamente por parte das entrevistadas, que, por muitas vezes,

consideram a participação dos não-descendentes um alicerce base para a manutenção da ACBJ/PB no decorrer dos anos.

[...]já entrando muitos brasileiros e muita gente interessado na cultura mesmo de conhecer um pouco da cultura e tentar divulgar essa cultura. Tanto que nessa diretoria, o vice-presidente é um brasileiro a secretária também, os 2 secretários são brasileiros, vice-tesoureiro é brasileiro, então quer dizer as pessoas-chave, né, no caso das diretorias com brasileiros entende, então acho que é um pouco por aí sabe tentar manter, né, apesar de não ter tantos descendentes, mas pessoas interessadas em manter essa cultura, né? (Watanabe, 2025)

A presença de não-descendentes se dá desde o princípio da associação e o papel destes não se restringe somente ao suporte, mas se estende até mesmo a possibilidade de ocupar o cargo da presidência. Durante a entrevista, Alice Satomi (2025) menciona que os não-nikkeis nunca foram impedidos de ocupar o posto de presidente, mas que esse tópico chegou a ser previamente levantado no processo de fundação da associação.

A terceira reunião foi na casa do G., eu achei que ele era a pessoa mais indicada, mas ele tinha a posição de não achar válido uma pessoa que não é descendente de japonês ser presidente da associação, que pra mim não tinha o menor problema, mas aí convidamos o pessoal japonês, eles ficaram contentes e tudo, mas não entenderam bem aquela reunião (Satomi, 2025).

Mesmo que a necessidade de um presidente nikkei ou japonês não tenha partido destes grupos em específico, é importante ressaltar a presença de uma ampla maioria nikkei nesta função. No entanto, é importante ressaltar a existência de outros cargos de liderança distribuídos no corpo da chapa eleita, como o de tesoureiro/a, secretário/a de comunicação, secretário/a de cultura e entre outros. Apesar da forte presença das mulheres na organização de eventos, cursos, oficinas e do almoço mensal — principal fonte de renda da associação —, a maioria dos presidentes é composta por homens. Nesse sentido, é preciso compreender as dinâmicas que moldam as relações de gênero neste âmbito comunitário marcado pela diversidade étnica, cultural e social em específico, para além do que se compreende acerca do papel da mulher na manutenção da cultura nikkei e até que

ponto a presidência da associação representa um marco categórico nas relações de poder do grupo analisado.

7 OS PAPÉIS DAS MULHERES NA MANUTENÇÃO DA CULTURA NIKKEI NA PARAÍBA

Nesta sessão, serão utilizadas como base argumentativa os relatos obtidos por meio das entrevistas em conjunto com a literatura levantada previamente. Desta forma, os papéis das mulheres na manutenção e disseminação da cultura nikkei serão analisados sob uma perspectiva multidisciplinar, que combina a análise empírica junto a produções direta ou indiretamente relacionadas aos fenômenos analisados.

7.1 SOBRE GÊNERO

Para compreender o papel destas mulheres no processo de manutenção da cultura nikkei, é preciso retomar a discussão anterior que engloba as relações de gênero na estrutura familiar japonesa. Nesse sentido, Cravo e Soares (2010) apontam que no Japão medieval, as noções de família compreendiam somente a mãe e o filho, cabendo ao pai somente a função de fecundador, algo que perpassa por uma mudança significativa a partir do período feudal, no qual as relações de poder passam a considerar o gênero enquanto marcador social nas relações familiares. Deste modo, as mulheres ocupavam o papel de gestoras do lar e da família, afinal, aos homens da elite, cabiam somente funções políticas e militares, tornando-os ausentes e indisponíveis para a gestão da colheita e o cuidado com a propriedade e os filhos (Cravo e Soares, 2010, p. 5).

Este momento histórico foi crucial para reformular as dinâmicas de gênero na sociedade japonesa, considerando o estabelecimento da lei do primogênito ao final do período Edo (1603-1867), que restringia aos filhos homens o direito à herança de terras (Mizuno, 2014). Além da dependência de figuras masculinas, o casamento pós-Edo era sinônimo de uma relação de escravidão, no qual cabia a esposa não somente o cuidado com os filhos, mas também a obedecer cegamente à sogra, que ocupava o papel de chefe da casa (Mizuno, 2014, p. 100). Em matéria, o veículo de notícias nipônico *The Japan Times* (2025) ressalta que por conta do sistema de sobrenome único determinado pelo Artigo 750 do Código Civil japonês — que obriga os cônjuges a adotarem somente um sobrenome para ambos —, as famílias costumam ser registradas unicamente sob o sobrenome do patriarca — incluindo esposa e filhos —, fenômeno comum não somente no Japão como entre nikkeis

brasileiros, cuja maioria significativa repassa somente o sobrenome do pai para os filhos.

O Japão é o único país do mundo com uma lei que obriga um dos cônjuges a adotar o sobrenome do outro ao se casar — transformando, na prática, o sobrenome no principal marcador social da unidade familiar. Os dados mostram que, em mais de 95% dos casos, é a esposa quem adota o sobrenome do marido, um desequilíbrio que tem levado a pedidos pela introdução de novas medidas. (Ninivaggi, 2025, tradução nossa)

Apesar da legislação brasileira permitir o uso de mais de um sobrenome — além de não obrigar a mudança de sobrenome após o casamento desde 1977 (BRASIL, 1977) —, é amplamente comum o hábito de registrar os filhos e realizar a mudança de sobrenome entre cônjuges entre famílias nikkeis de origem unicamente japonesa.

Estas dinâmicas culturais cultivadas imigrantes japoneses e seus descendentes costumam ter um peso maior em localidades com maior concentração de colônias japonesas, como no estado de São Paulo. No entanto, determinadas características que estabelecem as relações de gênero em comunidades nikkei nordestinas acabam se dissipando, não somente devido às divergências geracionais, mas em especial, pela baixa concentração populacional de japoneses e nipo-descendentes na região (Ministry of Foreign Affairs of Japan, 2022).

Este fenômeno resulta na diversidade étnico-racial das famílias formadas entre isseis¹⁰ e nikkeis com brasileiros não-descendentes, tornando pouco viável a manutenção da regra do sobrenome — para casais compostos por marido japonês/nikkei e esposa não-descendente — a partir de 1977, com o estabelecimento da Lei do Divórcio no Brasil (BRASIL, 1977).

Neste sentido, para além dos sobrenomes, as famílias nikkeis do nordeste brasileiro acabam se distinguindo do caso paulista que tange à manutenção da cultura e das dinâmicas tradicionais. A baixa concentração populacional de japoneses e descendentes no nordeste resultou na formação “tardia” das associações nipo-brasileiras das capitais nordestinas, dentre as quais a Associação

¹⁰ 一世 (いっせい): Issei é um termo japonês utilizado pela diáspora japonesa nas Américas para se referir aos primeiros japoneses que imigraram para o continente.

Cultural Japonesa do Recife (ACJR) é a mais antiga da região, tendo sido fundada em 1972 (ALEPE, 2023).

7.2 SOBRE A DIÁSPORA NIPO-BRASILEIRA NO NORDESTE

Desta forma, é preciso compreender as particularidades da formação de um *kaikan*¹¹ em uma localidade com uma maior dispersão geográfica da população nipo-brasileira e imigrante japonesa, fator este que tem como resultado o surgimento de novas dinâmicas socioculturais. Por este motivo, deve-se considerar que a necessidade de fundar um *kaikan* em João Pessoa/PB partiu da vontade primordial de nipo-descendentes originários das regiões sul e sudeste do Brasil devido às vivências anteriores em comunidades de maioria nipo-brasileira, ou seja, para aplacar a falta de um ambiente comunitário voltado para práticas e costumes da cultura japonesa, e não necessariamente por nikkeis nascidos na Paraíba, como é possível perceber no relato da professora Alice Lumi Satomi:

Nós vimos que no público muita gente de ascendência japonesa. Ficamos animados, foi um evento assim que a gente ficou surpreso que tem muita gente foi no cine banguê se não me engano ali no espaço cultural e cheio de gente na capacidade de 1200, né? Digamos que tinha quase 1000 pessoas. Daí o grupo inicial, formado por 3 amigos, o R., o G. que não é [nikkei] porque ele não tem ascendência, mas é casado com O. M. que é descendente, e eu, a gente já tinha pensado antes de fundar, né, uma associação e aí eles estavam nessa apresentação. (Satomi, 2025)

O contato com famílias japonesas que já residiam em João Pessoa veio posteriormente, através do contato direto após a realização das primeiras reuniões que deram origem à ACBJ/PB. Durante a entrevista, Alice Satomi destaca que as reuniões iniciais com os isseis eram marcadas pela dificuldade no estabelecimento de uma comunicação em comum, afinal, alguns destes imigrantes vieram para o Brasil entre 1957 e 1985 — como funcionários da Nippon Reizo Kabushiki durante a época da Caça às Baleias no litoral paraibano — e não eram falantes da língua portuguesa e não compreendiam bem os objetivos do projeto que estava sendo construído.

¹¹ 会館(かいかん): Termo da língua japonesa que significa, literalmente, “prédio de reunião” ou “salão de reunião”. Utilizado pelas comunidades nipo-brasileiras para se referir aos clubes e associações de cultura japonesa que representam a união, disseminação e manutenção da cultura japonesa na cidade ou região.

[...]mas aí convidamos o pessoal japonês, eles ficaram contentes e tudo, mas não entenderam bem aquela reunião. Acho que eles não entenderam o objetivo da eleição, mas depois que foi eleito, eles começaram a questionar por que chamava Brasil-Japão não nipo-brasileiro. (Satomi, 2025)

Apesar deste fator, a comunicação foi possível, pois alguns dos então nikkeis presentes eram falantes da língua japonesa, desta forma, a comunicação em reuniões e atas foi estabelecida nos dois idiomas e segue dessa forma até os dias atuais. No entanto, a comunicação não foi o único fator responsável pelos pequenos impasses interculturais do processo de formação da associação. Durante o relato, Alice Satomi destaca a recusa da maioria dos isseis em aceitar a denominação “Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba” preferindo a proposta “Associação Nipo-brasileira da Paraíba”, mesmo que a maioria significativa dos envolvidos fosse composta por brasileiros sem qualquer descendência japonesa.

[...]Mas na época, eu priorizei o “Brasil-Japão” por conta do meu pai, ele não gostava de “guetos de cultura japonesa”, sabe, isso do pessoal que se reunir pra falar mal do brasileiro, meu pai não gostava disso, ele tinha um sentimento tão brasileiro, ele não deixava a gente chegar perto de associação. Por isso aquilo me soou meio “gueto nipo-brasileiro”, uma associação que só quer cantar karaokê, jogar beisebol e ficar só no isolamento. Ah, não, já passou essa época, e por isso fomos firmes em manter “Brasil-Japão”. (Satomi, 2025)

Para Alice Satomi (2025), o impasse quanto ao nome não parecia fazer sentido, afinal, Brasil e Japão estariam juntos de qualquer forma. Mas para os isseis, colocar o “Brasil” na frente de “Japão” no nome da associação pareceu soar como uma ofensa que arriscaria a possibilidade de qualquer diálogo com o Consulado Geral do Japão em Recife (Satomi, 2025). Neste sentido, Yuval-Davis (1997) destaca que, apesar de ocorrer a separação das noções de Estado e nacionalidade em diversos casos ao redor do mundo, várias comunidades de imigrantes ao redor do mundo seguem cultural e politicamente comprometidas com a ideia de “pertencimento” à “terra natal”, que nem sempre representa unicamente o local de nascença dos indivíduos, mas sim, a região de origem de seus antepassados (Yuval-Davis, 1997, p. 17). Estes casos, classificados pela autora como “diásporas

comprometidas”¹² são co-determinados por diversos fatores, mas no caso da ACBJ/PB, a democratização do acesso à internet nas capitais brasileiras tornou cada vez mais fácil o acesso a conteúdos culturais na íntegra, sejam estes tutoriais, receitas, novelas, música e entre outros, assim como, o compartilhamento de memórias e conhecimento no âmbito comunitário e familiar. Desta forma, torna-se possível a manutenção de costumes e dinâmicas independentemente das fronteiras físicas.

A rejeição do termo “Brasil-Japão” em detrimento do “Nipo-brasileira” por parte dos isseis pode ser explicada por esse sentimento constante de pertencimento ao Japão enquanto terra natal daqueles que imigraram para o Brasil. Por sua vez, esse fenômeno também tem como marco discursivo a formação dos ideais do nacionalismo japonês, estabelecidos a partir da Era Meiji — em especial, após a ocupação das Ilhas de Ryukyu (atual arquipélago de Okinawa) a partir de 1879 — e reformulados após o fim da II Guerra Mundial em 1945 (Toma, 2022, p. 7).

7.3 SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO

Nos relatos de Alice Lumi Satomi (2025) e Tereza Mitsunaga (2025) é descrito que, no momento da votação que decidiu o nome da ACBJ/PB, o grupo composto majoritariamente por isseis formou uma frente para votar na proposta contrária (Mitsunaga, 2025), assim como, optaram por votar no candidato homem (Satomi, 2025). Apesar do impasse, Alice foi eleita a primeira presidente da ACBJ/PB junto a sua proposta de nome oficial.

[...]eu acho que esse foi o único momento que posso dizer que encontrei uma dificuldade, nem sabia até que ponto era machismo deles ou porque eu não aceitei mudar o nome pra “nipo-brasileira”, eles até foram em massa pra votar contra, e só queriam votar em uma figura masculina. (Satomi, 2025)

Quando a situação foi mencionada em ambas as entrevistas, não houve consenso quanto até que ponto a postura dos isseis era vinculada ao pressuposto patriarcalista de que somente homens podem ocupar cargos de poder e decisão. No entanto, Satomi (2025) chegou a levantar a possibilidade de se tratar somente de

¹² “committed diaspora” na obra, originalmente publicada em língua inglesa.

uma percepção atrelada a falta de representação feminina em cargos de poder e decisão no Japão até o ano de 2004, especialmente, no campo político, afinal, somente em 2016 foi eleita a primeira governadora mulher de Tóquio¹³.

A Takako tem um modo mais sereno de fazer as coisas, mais conciliador, é o jeito dela. Assim, acho que é a que mais conseguiu aproximar os jovens, os isseis que ainda não estavam muito acostumados a ver as mulheres na liderança. (Satomi, 2025)

A percepção das entrevistadas entra em consenso quando a relação com os isseis é abordada, há um sentimento em comum de que apesar de considerarem “machistas” determinados aspectos culturais e sociais dos imigrantes japoneses, no entanto, há uma noção em comum de que, por se tratarem de pessoas mais velhas, é preciso perceber determinadas posturas enquanto fenômenos decorrentes das vivências coletivas em períodos anteriores da história.

É verdade, acho que o japonês é muito machista, também sabe, é bastante machista, e aqui como a gente não tem muitas possibilidades de ter homens assumindo a liderança, então acaba que as mulheres acabam tomando à frente da associação, mas lá no sul realmente eu não conheço nenhuma pessoa. Mas das associações que conheço, eu acho que não teve nenhuma mulher não como presidente. Mesmo em São Paulo, por exemplo, eles têm muitas associações lá, mas separadas por regiões do Japão, e acho que a maioria, quase todos, são lideradas por homens, eu acho que é a questão do machismo mesmo sabe. (Watanabe, 2025)

A socióloga brasileira Heleieth Saffioti (1987) em seu livro “O Poder do Macho” discorre sobre a divisão de papéis de gênero atrelados ao sexo na sociedade moderna, ao abordar a influência do patriarcado no campo das representações políticas, a autora afirma que:

No mundo inteiro, o número de mulheres nos órgãos legislativos (no Brasil, câmara de vereadores, assembleia legislativa, câmara federal e senado) é insignificante. O mesmo se pode afirmar sobre a presença feminina nos partidos políticos. No caso destes, quando a mulher participa, em geral, se encarrega de funções menores, sendo rara sua presença em cargos de mando. (Saffioti, 1987, p. 48)

¹³ Yuriko Koike, ex-ministra do Meio Ambiente e candidata independente, foi eleita governadora de Tóquio em 2016 com 2,9 milhões de votos, ou seja, 44% dos votos totais. (Aoki, 2016)

Apesar das dinâmicas patriarcais no Japão possuírem características particulares, é inegável que, até mesmo no Brasil, o número de mulheres ocupando cargos de poder e decisão é historicamente inferior quando comparado aos homens (Saffioti, 1987, 48). Mesmo que o cargo de presidente de uma associação cultural nikkei não tenha o mesmo impacto socio-político de funções no poder legislativo, judiciário e executivo, é inevitável que essas dinâmicas políticas de maiores níveis acabem se tornando um espelho para realidades locais. Desta forma, a postura dos isseis homens — e a reprodução deste comportamento por parte de suas esposas, também japonesas — pode ser compreendida como um reflexo das relações patriarcais no cenário político e social do Japão no pós-guerra.

Apesar da resistência inicial, a presença de mulheres na presidência da ACBJ/PB tornou-se um fenômeno corriqueiro, apesar de ainda haver uma maioria masculina dentre os presidentes até então. Conforme os relatos de Satomi (2025), Watanabe (2025) e Mitsunaga (2025), há uma baixa adesão dos associados quando o assunto é formar uma chapa e concorrer ao cargo de presidente e vice-presidente da associação, gerando a necessidade constante de reeleição de pessoas que já ocuparam essa função anteriormente.

É verdade, acho que tem é tanto é que todas as gestões, eu acho que tem sempre, mas a primeira foi a Alice no caso, né, mas teve o R.K. que foi embora daqui para o Paraná, depois teve o H.O., depois teve o irmão dele que é o J.O., né, e depois eu acho que foi nessa que entrei, depois mais uma vez fui eu, depois foi H.O. de novo, daí foi a Tereza, e agora H.O. de novo, então sempre tem mais homem. (Watanabe, 2025)

Ao mesmo tempo que há a repetição constante das mesmas pessoas no cargo de presidente, as únicas mulheres a ocuparem esta função foram as três entrevistadas (Watanabe, 2025). Contudo, apesar de serem mulheres nikkeis, as ex-presidentas possuem perfis diversos e pouco convergentes em alguns aspectos. Durante a entrevista, Satomi (2025) aponta que Takako Watanabe possui um perfil mais conciliador, que se difere completamente do seu próprio na aproximação com os isseis, assim como Tereza Mitsunaga, cujo perfil é descrito como conciliador e favorável às demandas particulares dos issei e dos jovens, capazes de aproximar gerações distintas através das ações e demandas da ACBJ/PB.

A questão principal é a seguinte, o que fazer para que as reuniões do domingo sejam mais participativas e o pessoal possa propor mais coisas? Um pouco da impressão que eu tenho, que aquela reunião do domingo segue um pouco a cultura japonesa típica, certo? O chefe fala e os de baixo concordam com tudo, né? Então, em algumas reuniões que eu fiz, acho que fiquei durante um ano como presidente, o que mudei era, na associação, os jovens vão falar e então a gente abria a reunião, depois que o responsável pela ATA anotar tudinho, é importante que os jovens compartilhem o que eles estão fazendo e o que eles pretendem fazer ao longo do ano. E aí vai os vários grupos, o fujinkai, o IFPB, para que possa... Ser uma coisa mais participativa. (Mitsunaga, 2025)

Apesar de somente três mulheres terem ocupado a presidência da associação pessoense, a presença de mulheres nos cargos que compõem as diretorias é frequente, em especial, na diretoria de comunicação e na diretoria de cultura, sendo a última a maior responsável pela organização das edições anuais do Festival do Japão na Paraíba (Watanabe, 2025). As entrevistadas destacam que as mulheres lideram a ampla maioria das oficinas, eventos e do preparo do almoço mensal, apontado como a maior fonte de renda da ACBJ/PB, além de estarem frequentemente presentes em cargos de direção. Já os homens, costumam ser vinculados a funções mais organizacionais e orçamentárias, como no aluguel de mesas e tendas para o festival e a gestão financeira na totalidade (Mitsunaga, 2025). Os trabalhos manuais que envolvem o transporte de materiais, manutenção e organização do espaço físico costuma ser dividido de forma igualitária, conforme a presença de mulheres com maiores aptidões físicas (Mitsunaga, 2025).

Em suma, a partir dos relatos é possível observar que as funções ligadas à disseminação e manutenção da cultura estão ligadas às mulheres que compõem o corpo de associados, sejam essas japonesas, nikkeis ou não-descendentes. Porém, ainda há uma certa participação dos homens no suporte às tarefas domésticas e, recentemente, de rapazes mais jovens em oficinas de artesanato, culinária, pintura e caligrafia.

A cozinha e o cardápio dos almoços mensais são comandados por um grupo de mulheres denominado fujinkai¹⁴, composto por 10 integrantes cuja maioria é issei ou nikkei, sendo Ana Maria Oashi a única não-descendente e cuja ligação com a cultura nipônica se dá através do marido — atual presidente da ACBJ/PB — e dos

¹⁴ 婦人会(ふじんかい): Pode ser traduzido como “Associação de Mulheres”, nas comunidades nipo-brasileiras, costuma ser um grupo composto por mulheres mais velhas (a partir dos 40 anos);

filhos que são descendentes de japoneses. As entrevistadas destacam o papel das mulheres do fujinkai enquanto fundamental para o sustento financeiro da associação e para a manutenção dos costumes culinários japoneses, afinal, a ACBJ/PB é o único espaço que comercializa mensalmente — e durante o festival — pratos autênticos e diversificados da culinária japonesa, indo contra aos restaurantes de comida japonesa da capital paraibana, cujos cardápios contam com iguarias ocidentalizadas e com uma menor diversidade.

E na maioria dos eventos como mochitsuki¹⁵ os homens têm uma grande participação, decidir quem deles vai martelar o arroz. Mas apesar das mulheres martelarem um pouco, são elas que vão fazer os bolinhos, que fazem a sopa, a comida e a distribuição. Elas têm um papel muito grande, e não é nada subalterno. (Mitsunaga, 2025)

As funções das mulheres não são restritas somente ao festival anual, tendo em vista a realização mensal de oficinas ofertadas pela ACBJ/PB e ministradas por associadas. Atualmente, a associação conta com oficinas de origami¹⁶, ikebana¹⁷, terrário, shodō¹⁸, chigiri-e¹⁹, kumihimo²⁰, furoshiki²¹, sumiê²², kokedama²³, orinuno²⁴ e oficinas de culinária voltadas para pratos sazonais. Além disso, são ofertadas aulas de taiko²⁵ pelo grupo Tatakina-Daiko (叩き何太鼓) — o grupo de tambores japoneses mais antigo da região nordeste — e aulas de japonês do nível básico (N1) ao avançado (N5), conforme as definições do *Japanese Language Proficiency Test* (JLPT).

¹⁵ 餅つき(もちつき): Cerimônia tradicional japonesa que envolve bater o arroz glutinoso já cozido com um grande martelo de madeira (kine) em um pilão de madeira (usu) para fazer mochi, a celebração ocorre na véspera de Ano Novo (Shogatsu) e o mochi deve ser consumido junto a um caldo de legumes na virada do ano para atrair sorte e prosperidade.

¹⁶ 折り紙(おりがみ): Arte japonesa de dobradura de papel;

¹⁷ 華道(いけばな): Arte japonesa dos arranjos florais;

¹⁸ 書道(しどう): Caligrafia japonesa;

¹⁹ ちぎり絵(ちぎりえ): Arte japonesa feita com pedaços de papel colorido no intuito de se assemelhar a uma pintura.

²⁰ 組み紐(くみひも): Arte japonesa de fios trançados.

²¹ 風呂敷(ふろしき): Estilo de amarração com panos para formar embrulhos e bolsas.

²² 墨絵(すみえ): Técnica de pintura que utiliza tinta nanquim e água.

²³ 苔玉(こけだま): Técnica de arranjo para plantas aéreas que utiliza musgo, argila e raízes vivas moldadas em formato circular

²⁴ Técnica de origami que utiliza tecido ao invés de papel.

²⁵ 太鼓(たいこ): Tambores japoneses.

7.4 SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

As oficinas costumam ser ministradas por associadas mais velhas, mas possuem uma faixa etária de participação diversificada. Apesar da preocupação quanto a presença dos mais jovens enquanto figuras igualmente responsáveis pela manutenção e disseminação da cultura japonesa em João Pessoa, a ACBJ/PB tem fortalecido seus laços com a UFPB e o IFPB sob mediação da professora Ana Berenice Peres Martorelli — atual coordenadora da Agência de Cooperação Internacional da UFPB (ACI) — e do professor Luis Romeu Nunes — professor efetivo do IFPB — através da concessão de certificados com horas complementares para estudantes do ensino técnico, graduação e pós-graduação que possuem interesse em serem voluntários durante o Festival do Japão na Paraíba.

[...]então aqui, por exemplo, a gente tem incentivado, apesar de que agora tava aumentando o número de jovens mais brasileiros, sim, tem muitos brasileiros que têm interesse na cultura, também possuem interesse de ir para o Japão e conhecer um pouco da cultura. Tem um curso de japonês oferecido pelo professor Romeu no IFPB, ele passou 10 anos no Japão, então tem muitos alunos interessados, mais até do que no curso da associação. Como é gratuito, acho que as pessoas preferem ter as aulas lá, do que aqui pagando uma taxa. E ele tem uma certa experiência com a língua e a cultura também, já que passou tanto tempo no Japão. (Watanabe, 2025)

A maioria significativa dos jovens associados é composta por brasileiros sem ascendência japonesa, um fenômeno que vem sido debatido em diversas associações nikkei ao redor do Brasil (Watanabe, 2025). Afinal, o sentimento de pertencimento cultural costuma ser intrinsecamente vinculado a ideia de “terra-natal” cultivada pelos antepassados que imigraram para outro país e mantida por seus herdeiros (Yuval-Davis, 1997, p.17). A adesão significativa de jovens não-descendentes está diretamente relacionada ao conjunto de políticas de projeção internacional do governo japonês a partir da cultura pop. Esta parcela costuma ser composta por aspirantes da cultura japonesa, fãs de anime, jogos, mangás e *doramas*²⁶, apelidados como “*gaijin*”²⁷ ou “*otaku*”²⁸, ou seja, trata-se de um interesse movido por tendências culturais e não ao pertencimento cultural e histórico a uma nação.

²⁶ ドラマ: Séries e/ou novelas japonesa;

²⁷ 外人(がいじん): Termo em língua japonesa para se referir a “estrangeiros” e “não-japoneses”.

²⁸ オタク: Termo utilizado para se referir a pessoas com forte interesse em animes, mangás e jogos.

7.5 SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Quando abordado o impacto social da ACBJ/PB, Satomi (2025) afirma que a partir do trabalho desempenhado pela associação vinculado a popularização da cultura pop asiática, a população pessoense acabou “se acostumando” com a presença de pessoas asiáticas amarelas, sejam estas brasileiras ou não.

[...]quando cheguei na Paraíba, eu sentia um certo incômodo quando as pessoas falavam: “a senhora é japonesa ou chinesa?”, isso era muito estranho. Hoje em dia não tem tanto estranhamento. (Satomi, 2025)

Este fenômeno é descrito por Matsuo, *et al.* (2024) enquanto “estrangeirização”, ou seja, a associação frequente de pessoas asiáticas amarelas a ideia de “forasteiros”.

A noção de estrangeirizado diz respeito ao imaginário, às práticas discursivas ou não discursivas relacionado ao Outro (sujeito da alteridade) como diferente, estranho, procedente de outro lugar, que apresenta marcas simbólicas e culturais lidas e vistas como “de fora” do lugar do nacional ou que se vê como original. Exemplos não faltam: 1) povos indígenas, autóctones, originários ou tradicionais do Brasil concebidos como estranhos, estrangeiros, forasteiros, não brasileiros; 2) comunidades de diversas origens asiáticas (incluindo brasileiros amarelos), que, mesmo sendo nacionais, são cotidianamente interpretados enquanto estrangeiros; 3) brasileiros nascidos na região Nordeste ou seus descendentes, residentes no Nordeste ou não, concebidos como “de fora” dos grandes centros e regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste, de outro lugar, não representantes dos bens simbólicos e imaginários do Brasil daquelas regiões. Há outras categorias de sujeitos estrangeirizados, ainda que gozem política e juridicamente dos direitos e cidadania brasileiros como qualquer outro nascido no país ou que tenham adquirido cidadania. (Matsuo, *et al.*, 2024)

Neste sentido, apesar das entrevistadas possuírem opiniões distintas sobre o racismo cometido contra asiáticos amarelos, seus relatos deixam claras algumas das experiências vividas que podem ser caracterizadas desta forma (Matsuo, *et al.*, 2024, p. 396). Nos relatos compartilhados, há um sentimento comum de que o discurso do brasileiro amarelo ser um “eterno estrangeiro” é vinculado a “curiosidade” devido à histórica baixa densidade demográfica de brasileiros

amarelos no estado da Paraíba²⁹. Entretanto, o desconforto com situações de estrangeirização é evidente nos relatos de Satomi (2025) e Mitsunaga (2025).

[...]eu cheguei aqui em 1976, com o cabelão aqui embaixo, liso, sendo que a maioria não tinha cabelo liso, eu lembro que fui no centro, e as mulheres iam atrás de mim, porque eu era novinha, e os meninos... tinha um monte de meninos lá, acho que eram cinco, seis, que estavam atrás de mim. Aí na época tinha filme do Bruce Lee, né? Daí eles falavam “olha, é a irmã do Bruce Lee lá”, e ficavam na minha frente, atentando, né? E fazendo de conta que estava lutando comigo. Isso me constrangeu muito, porque eu não conseguia andar direito, aí pensei, “ah não! Eu não sou dessa de ficar parada, e quer saber de uma coisa? Da próxima vez que eles estiverem fazendo isso comigo, eu vou investir contra eles.”. Você acredita que um dia eu fiz... E então nunca mais me desafiaram, ou seja, ficaram com medo de apanhar, né? Mas assim, nunca teve discriminação. (Mitsunaga, 2025)

Mesmo que, em termos teóricos, tendo como base as reflexões de Yuval-Davis (1997) e Matsuo, *et al.* (2024), estas experiências narradas pelas entrevistadas possam ser compreendidas como resultado do preconceito racial e de gênero, é perceptível que, por se tratar de formas de discriminação veladas de “curiosidade” ou estranhamento, são vivências que acabam passando despercebidas pelas próprias entrevistadas, ao ponto de não serem interpretadas como formas de discriminação pelas próprias.

Em síntese, é possível afirmar que a Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba tem sido fundamental para o fortalecimento dos laços entre culturas, países e relações étnico-raciais através da promoção da cultura japonesa em conjunto com a cultura brasileira — em especial, a cultura nordestina (Cavalcanti, 2023) — por meio das mais diversas formas. A partir dos relatos, é perceptível que no âmbito comunitário a diversidade étnica e racial segue sendo fundamental para a construção de uma associação culturalmente diversa, que não se restringe somente aos costumes mais tradicionais do Japão. Do mesmo modo que, as mulheres seguem a desempenhar um papel crucial na manutenção e disseminação da cultura das mais diversas formas e independentemente das origens étnicas de suas facilitadoras. Por fim, é válido destacar o caso da ACBJ/PB como um ponto fora da curva no que diz respeito ao processo de formação e a ampla liderança feminina em seu âmago e trajetória até os dias atuais.

²⁹ O resultado do Censo realizado em 2022 pelo IBGE destaca que de 3.974.687 habitantes, somente 4.912 pessoas são autodeclaradas amarelas na Paraíba (IBGE, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a Imigração Japonesa no nordeste brasileiro são um marco para a reconstrução de capítulos que, como no reconhecimento do processo de formação da comunidade nipo-brasileira de João Pessoa, acabam sendo esquecidos pelo poder legislativo e pela população que constitui a região metropolitana da capital paraibana. Repensar a história da Paraíba e dos grupos étnico-raciais que constituem seu território é fundamental para o fomento de espaços culturalmente diversos e para o combate a discriminação e ao preconceito racial em suas mais diversas formas. Este resgate, quando feito a partir dos marcos teóricos e metodológicos da etnografia em conjunto com a observação participante, enriquece fontes históricas e amplifica as vozes daqueles que fizeram e fazem parte deste fenômeno histórico, social e cultural. Desta forma, este trabalho buscou analisar as relações de gênero e raça presentes no processo de formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba, considerando, sobretudo, os impactos da diáspora na determinação dos papéis das mulheres neste espaço comunitário.

A partir do levantamento de bibliografia acerca da Imigração Japonesa no Brasil, na região nordeste e, por fim, no estado da Paraíba, foi possível observar dinâmicas particulares que fogem ao padrão de comunidade nipo-brasileira formada inicialmente por uma frente ampla de imigrantes japoneses. Afinal, a associação paraibana teve sua base composta por nikkeis, não-descendentes e uma minoria de imigrantes japoneses. Este fator mostrou-se essencial para compreender a forma na qual papéis de gênero foram estabelecidos na associação e como as lideranças femininas seguem sendo fundamentais para a manutenção e disseminação da cultura japonesa e nipo-brasileira em João Pessoa.

Os resultados indicam que, com base nos relatos e na observação participante realizada de abril de 2023 a setembro de 2025, o protagonismo feminino em funções decisórias é algo característico do *kaikan* pessoense desde sua fundação em 2004 e até os dias atuais. Em especial, quando consideramos funções para além do cuidado e da manutenção da associação e das manifestações artísticas e culturais japonesas. Mesmo com a existência de impasses iniciais originados a partir da diversidade geracional e da origem dos associados, a ACBJ/PB conseguiu se manter graças à presença de mulheres nos processos coletivos e individuais de tomada de decisão. Desta forma, é essencial considerar

que, apesar de comunidades imigrantes possuírem um viés mais nacionalista em relação a “terra-natal” — que neste caso seria o Japão — (Yuval-Davis, 1997), a associação pessoense pôde superar essas dinâmicas frequentemente reforçadas pelo ideal dos japoneses enquanto uma “raça insolúvel”, ou seja, incapaz de se integrar completamente na sociedade brasileira enquanto cidadãos. Ao reunir práticas da cultura japonesa com as manifestações culturais do nordeste brasileiro e suas vivências, a ACBJ/PB fortalece o sentimento de uma comunidade nikkei capaz de unir suas raízes múltiplas por meio das artes, da história e do artesanato.

Este estudo se limitou com base na pouca disponibilidade de produções acadêmicas voltadas para a compreensão e o estudo da Imigração Japonesa na Paraíba e da Formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba. Teve assim, como fundamentação basilar a utilização de metodologias empíricas e em entrevistas informais realizadas com as figuras-chave, composta exclusivamente por ex-presidentas da associação estudada. Espera-se contribuir para futuros estudos que podem aprofundar esta análise sob perspectivas diversas no campo das Ciências Sociais e das Ciências Humanas, que possibilite uma ampliação das questões e o enriquecimento da produção bibliográfica acerca deste tema, de forma em que seja mantida a memória e a valorização da ACBJ/PB e da história da imigração japonesa na Paraíba para além dos muros da universidade.

REFERÊNCIAS

- ASSEMBLEIA Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE). **Solene celebra 105 anos da presença da comunidade japonesa no Estado**, 2023. Recife/PE. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/2023/06/15/solenidade-da-alepe-celebra-105-anos-da-presenca-da-comunidade-japonesa-no-estado/> . Acesso em: 21 set. 2025.
- AOKI, Mizuho. **Former environment minister Yuriko Koike wins landslide election as Tokyo's first female governor**, 2016. The Japan Times. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/news/2016/08/01/national/politics-diplomacy/tokyo-elect-s-former-environment-minister-yuriko-koike-as-citys-first-female-governor/> . Acesso em: 21 set. 2025.
- A UNIÃO. **Instalado um Núcleo de Colonos Japoneses na “Fazenda São Rafael”**. João Pessoa, 30 set. 1938. Cad. A União Agrícola, p. 1 e 7.
- BRASIL. Lei nº 6.515 de 26 de dezembro de 1977. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**, p. 17953, col. 1, Brasília/DF, 26 dez. 1977.
- CAVALCANTI, Joel. **Pelos olhares nipo-brasileiros do Nordeste**, 2023. A União. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/pelos-olhares-nipo-brasileiros-do-nordeste . Acesso em: 21 set. 2025.
- CRAVO, Ana Carla; SOARES, André Luis Ramos. **Um breve olhar sobre a mulher nikkei na Imigração**. Congresso Internacional de História. Maringá, 2009.
- DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DEZEM, Rogério. **Matizes do Amarelo. A Gênese dos Discursos Sobre os Orientais no Brasil. 1878-1908**. Coleção Histórias da Intolerância, volume 4. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007.
- DUARTE FILHO, Francisco Henrique; AGUIAR, José Otávio. Baleias e ecologistas na Paraíba: uma história do fortalecimento do movimento ambientalista e o debate sobre a crise da economia baleeira (1970-1980). Rio de Janeiro: **Revista Topoi**. v. 15, n. 28, p. 116-142, jan./jun. 2014. Disponível em: https://www.revistatopoi.org/site//numero_atual/topoi28/TOPOI_28_A3.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.
- EMBAIXADA do Japão no Brasil. **Ikebana - Arte do Arranjo Floral**. 2012. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/ikebana1.html#:~:text=Ikebana%2C%20a%20palavra%20japonesa%20para,reconhecidos%20em%20todo%20o%20mundo>. Acesso em: 29 mar 2025.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. Oxford: Blackwell, 1983.

HOBSBAWN, Eric. **Nations and Nationalism since 1970**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: Resultados da Paraíba**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?localidade=25> . Acesso em: 21 set. 2025.

KEBBE, Victor Hugo. Os caminhos da comunidade nikkei: desafios para os próximos 200 anos. **Centenário: contribuições da imigração japonesa para o Brasil Moderno e multicultural**. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.

KEDOURIE, Elie. **Nationalism (1960)**. Cambridge: Blackwell, 1993.

KODAMA, Kaori; SAKURAI, Célia. Episódios da imigração. Balanço de 100 anos. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magada Prates (Orgs.) **Resistência & Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, p.17-29, 2008.

KOSMINSKY, E. V. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. **Revista Estudos Feministas**, 15(3), 773–804, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300016> Acesso em: 20 mar. 2025.

KUBOTA, Marília. Nikkeis em Pernambuco. **Revista Memai**, 2012. Disponível em: <https://revistamemai.wordpress.com/2012/04/23/10-imin-nikkeis-em-pernambuco/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

KYOTOKU, Virginia Regis de Barros Correia. A (RE)-IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL: RASTROS NA PARAÍBA (1938-1958), **Anais do Congresso Internacional de História, Maringá**, 2009.

LEE, Caroline Rica; SHIMABUKO, Gabriela Akemi; HIGA, Laís Miwa. Feminismo Asiático In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 325-342.

LÓPEZ, Graciela Lima. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**, Canoas, V. 1, n.2º sem, p. 45-50, 1999. Disponível em: www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/660/470. Acesso em: 26 abr. 2025.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: objeto, método e alcance desta investigação. In: MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MATSUO, Esther Yuri; BATISTA, João Paulo Santos; RIBEIRO, Jocenilson. A propagação de discursos hostis contra asiáticos amarelos na pandemia de covid-19: uma análise de discursos xenofóbicos em jornais on-line. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netili**, Crato, v. 13, n. 2, p. 393- 414, maio- ago. 2024.

MINISTRY of Foreign Affairs, Latin American and Caribbean Affairs Bureau. 2022年度『中南米日系社会実相調査』－13か国版(アルゼンチン、ウルグアイ、エクアドル、キューバ、コロンビア、チリ、ドミニカ共和国、パラグアイ、ブラジル、ベネズエラ、ペルー、ボリビア、メキシコ)－調査結果 全体報告書. 2022. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/mofaj/files/100517825.pdf> . Acesso em: 21 set. 2025

MINISTRY of Foreign Affairs of Japan. **Pop-Culture Diplomacy**. Foreign Policy, 2025, Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/policy/culture/exchange/pop/index.html> Acesso em: 22 set. 2025

MIZUNO, Noriko. A família no Japão: a noção de família. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPGDir./UFRGS**, [S. l.], 2014. DOI: 10.22456/2317-8558.48653. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ppgdir/article/view/48653>. Acesso em: 21 set. 2025.

MORI, Robson Hideki. A fluída condição dos nipo-brasileiros nas relações étnico-raciais no Brasil. **Movimentação**, [S. l.], v. 8, n. 15, 2022. DOI: 10.30612/mvt.v8i15.15476. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/movimentacao/article/view/15476>. Acesso em: 3 abr. 2025.

NAGATA, H. Koyomi to uranai no kagaku. Tóquio: Shincho-sha, 1982. In: **Resistência & Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil/ IBGE**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

NINIVAGGI, Gabriela. **Eternal debate over surname law comes to fore again**, 2025. The Japan Times. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/news/2025/03/10/japan/politics/dual-surname-debate-wrap-up/> . Acesso em: 21 set. 2025.

OUTRA COLUNA. **1º Ato – “O japonês é como o enxofre... insolúvel”: identidade nacional, raça e violência de estado**, 2016. Disponível em: <https://outracoluna.wordpress.com/2016/08/23/1-ato-o-japones-e-como-o-enxofre-insolovel-identidade-nacional-raca-e-violencia-de-estado/> . Acesso em: 28 mar 2025.

PECEQUILO, Cristina. **Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões**. 1ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

PERAZZO, Priscila Ferreira, **Prisioneiros de Guerra: os “súditos do eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)**. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial, 2009.

PORTAL JORNAL DOS ESTADOS. **XVIII Festival do Japão na Paraíba comemora 100 anos da chegada de Eije [sic] Kumamoto em Princesa Isabel**. [S. l.], 20 out. 2023. Disponível em: <https://www.portaljornaldosestados.com.br/noticias/xviii-festival-do-japao-na-paraiba-comemora-100-anos-da-chegada-de-eije-kumamoto-em-princesa-isabel.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

PYKE, K. D.; JOHNSON, D. L. Asian American Women And Racialized Femininities. **Gender & Society**, vol. 17, 1ª ed, 33–53, 2003.

RADHAY, Rachel Anneliese. A imigração, a etnografia e a ética. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 45–56, 2010. DOI: 10.26512/les.v9i2.9244. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9244>. Acesso em: 4 abr. 2025.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAFIOTTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica. 1ª ed, 2001.

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SATOMI, Alice Lumi. **Cultura Japonesa: conexões, expressões e memória**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

SHAH, A., Álvares, L. P., Benassi, G., Olegário, A., & Lanna, M. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **Revista De Antropologia Da UFSCar**, 12(1), 373–392. 2020. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/342> Acesso em: 20 mar 2025.

SILVA, Liliana Amy Murakami Rodrigues da. **Associação Cultural Japonesa do Recife: sobre a preservação dos registros da comunidade nipo-brasileira no Recife**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/48058> . Acesso em: 20 mar. 2025.

SMITH, Anthony. **Theories of Nationalism**. London: Duckworth, 1971.

SMITH, Anthony. **The Ethnic Origins of Nations**. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

TOMA, Priscila Miki Cortez. **Entre Okinawa e Ryukyu: as consequências de um duplo colonialismo**. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35841> . Acesso em: 21 set. 2025.

UNESCO, **Gender Equality: Heritage and Creativity**, 2014.

VO, Mathilde. **The role of women in the preservation of intangible cultural heritage**, Institut du Genre en Géopolitique, 2010.

WINTER, Bronwyn. Women as Cultural Markers/Bearers. In: **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies**, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss695>. Acesso em: 10 fev. 2025.

YUVAL-DAVIS, Nira. **Gender and Nation**. Londres: Sage Publication, 1997.

APÊNDICE A — ENTREVISTA COM ALICE LUMI SATOMI

João Pessoa/PB, 22 de Março de 2025

Giovanna:

Como e quando foi fundada a Associação cultural Brasil-Japão da Paraíba?

Alice Lumi Satomi:

Foi fundada, então ela foi fundada em novembro de 2004, foi depois de um ano, a gente observou que teve um grande evento de na cultura pop. Já naquele ano, acho que foi o primeiro também é que aconteceu. Acho que em agosto ou setembro aí quando foi uma apresentação. Aliás, resultado da minha tese de doutorado que foi sobre, mas escolas de música na das dos imigrantes, né, meu decotou, e aí quando se fez eu trouxe um grupo de São Paulo pra fazer essa apresentação. Nós vimos que no público muita gente de ascendência japonesa. Ficamos animados, foi um evento assim que a gente ficou surpreso que tem muita gente foi no cine banguê se não me engano ali no espaço cultural e cheio de gente na capacidade de 1200, né? Digamos que tinha quase 1000 pessoas. Daí o grupo inicial, formado por 3 amigos, o R., o G. que não é [nikkei] porque ele não tem ascendência, mas é casado com O. M., e eu, a gente já tinha pensado antes de fundar, né, uma associação e aí eles estavam nessa apresentação. Ficaram também uma surpresa e falaram ali: “Precisamos aproveitar esse momento e convocar pra uma primeira reunião”. Já era o mês de outubro, então marcamos a reunião para o mês de novembro, aí nesse já eram domingos, que era o primeiro domingo do mês e juntamos, lá no restaurante do R. que tinha um restaurante japonês, e aí nós fizemos, juntou umas 3 famílias japonesas: a do próprio R., a minha, a da N., que é descendente de Okinawa e casada com um paraibano, acho que foram 3 casais, e assim tudo mestiços, né? É assim a mulher japonesa e o marido não nikkei. Mas e aí, desses e veio mais um estudante, talvez de direito. Eu sei que no total eram 5 representante, sim, e aí, então 3 famílias e 2 pessoas estudantes que eram muito interessantes interessados, já conheciam a cultura

Giovanna Gomes:

Os estudantes eram não nikkeis?

Alice Lumi Satomi:

É, eram estudantes, então a ideia já era fazer uma associação cultural Brasil Japão. O modelo, inclusive pra nós, foi o da Bahia em Salvador que eu tinha acabado de fazer o doutorado lá em Salvador, né, inclusive essa apresentação que foi feita, foi porque, na minha defesa eu trouxe um grupo de São Paulo não o mesmo que veio pra João Pessoa e aí a pró-reitora da pós-graduação daqui também quis fazer, então ela até ajudou a bancar, pagou a passagem de uma pessoa só lá de São Paulo, mas vieram 5 pessoas, né, essa comunidade assim musical é muito unida, né, só sai em coletivo, eu pensei: “Não vou convidar só uma profissional da Bahia, então vieram 2”. E aí nessa questão era um momento, né que a cultura japonesa tava ficando, mas vamos dizer com mais entusiastas, né? Entusiastas que, independente do fenótipo, sendo japonês ou não. Os restaurantes tavam aumentando, na verdade, só tinha um, que, aliás, era do R. aí começar a abrir mais restaurantes e todo esse movimento de cultura pop novelas passando na televisão, as pessoas comendo sushi, e aí começa a virar moda.

Giovanna Gomes:

Começa a passar anime na TV também.

Alice Lumi Satomi:

Ih, senhor e os jovens já gostavam muito, já era muito moda assistir anime. Daí nos juntamos, era essa ideia no começo convocação naquele apelo enorme, mas só vieram 5 pessoas mais próximas que já eram conhecidos e aí aos poucos foram chegando outras pessoas.

Giovanna Gomes:

E quais foram os principais objetivos em motivações por trás da criação da situação?

Alice Lumi Satomi:

Então, a motivação se for para a primeira reunião foi essa que eu já adiantei de observar esse movimento, o interesse pela cultura japonesa e o objetivo principal inicial era divulgar mais, né, então não tinha cursos de japonês aqui, então tomando

como base outras associações, que mesma coisa que se tem é da cultura é a língua japonesa e esse foi a nossa primeira atividade, né, fazer, então a gente dava aula com o pessoal, tinha o Mauro da física que oferecia um espaço na UFPB aos sábados. E aí quem dava as aulas era eu, o Adachi sensei, o M. e tinha mais um professor que ele já dava aula anteriormente, mas esqueci o nome dele, ele ficou pouco tempo na associação, acho que foi embora.

Giovanna Gomes:

Todos nikkeis?

Alice Lumi Satomi:

Os que davam aula, sim, ah, e tinha o S. A., não sei se foi desde o começo. Ele era muito interessado na cultura, tanto chinesa como japonesa, ele chegou a ganhar um concurso de uma rádio chinesa e foi selecionado para uma viagem pra China. Ele era tão fissurado pela cultura chinesa, ele disse que por acaso viu esse concurso e se inscreveu. Daí ele ganhou, viajou e chegou a escrever um livro sobre essa experiência. Aí já na segunda viagem ele foi pro Japão por conta de um concurso da NHK.

Giovanna Gomes:

E as motivações?

Alice Lumi Satomi:

Então era a difusão da cultura japonesa e formar um espaço de lazer. A gente tinha muitos passeios no começo. Às vezes alugava uma tarde num sítio, assim, um pouco mais distante ou ia na praia, em Mamanguape. Juntava lá os piqueniques com os obentôs pra comer nos passeios. E aí logo no primeiro ano a gente já lançou a feira cultural da associação cultural Brasil-Japão, sem nenhuma pretensão sabe, foi tipo: “e aí vamos assim, fazer uma intervenção ali no espaço do Centro Turístico de Tambaú”. Ali a gente foi a primeira vez sem avisar ninguém lá, quase um flash mob. A gente chegou lá, levou mesa, acho que até rolou comida, mas a comida acho que era pra a gente, já que passamos o dia inteiro. Aí já teve a oficina de origami, e uma exposição, a gente juntou livros, eu tinha uns de cerimônia do chá e o G. tinha um monte de livros lá de cultura japonesa, a mulher do S.T. tinha umas

bonecas, aquelas japonesas lindas com uns quimonos cheios de brocados.

Então é teve a exposição de objetos, de livros, origami, e se não me engano, a gente já chamou a parte musical, a minha família tocava e tinha um pequeno coro, que começou antes da primeira apresentação no espaço cultural, nós fomos convidados pra Recife, por grupo chamado associação nordestina de bolsistas bolsas no Japão, eles estavam fazendo 20 anos, a presidente que era a F., me chamou pra fazer uma apresentação de música japonesa, eu já tinha um repertório, mas era só a mais instrumental, né, aí eu tava dando aula eu te amo uma classe boa de uma disciplina obrigatória, então eu via que tinha boas vozes nesse grupo e aí convidei algumas pessoas. Esse grupo era um sexteto, na verdade, tinham sopranos, contraltos, um baixo e um tenor e esse grupo foi pra Recife e a apresentação aconteceu lá na Associação Cultural Japonesa do Recife, a ACJR. Lógico que naquela época eu já frequentava muito a Feira Japonesa do Recife, justamente com saudade da comida. A gente se espelhou muito neles, falando: “ah, um dia vamos fazer a uma coisa parecida”. Então começou bem pequenininho, lá em Tambaú, foi a primeira, uma coisa bem caseira, tipo uma intervenção. Já na segunda vez, a gente já pediu o ofício na secretaria de turismo e aí, eles já cederam o auditório, e antes foi só ali no pátio, bem no meio onde passam as pessoas.

E aí no segundo já foram reservadas salas pra palestras, e aí que começou esse formato de palestras, a gente chamava o professor de japonês, esse que passou pouco tempo. Ele era militar, e comentou com o general ali do agrupamento de engenharia, que era um japonês, um nikkei, e então a nossa primeira parceria assim e a gente começou a fazer. Vamos dizer assim, sai daquele grupinho, aí começar a procurar apoio de instituições onde tivessem, né no caso. Coincidiu. Sim, ele sugeriu: “ah, eu posso falar com o general, quem sabe ele vai fazer uma palestra”. Ele não só fez a palestra como trouxe plateia, um monte de militar assistir à palestra, mas pra falar da cultura japonesa, sempre tem alguém assim que fala poesia nos aspectos da arte e cultura japonesa, né? É aí na segundo no segundo festival, eu lembro de tá de ter haicaístas, nenhum nikkei, todos Paraíba sem a ascendência, né? Era um grupo inclusive já estabelecido de haikai, e acho que o presidente que foi lá pra dar uma palestra sobre haikai, o general falou dos objetivos e das possíveis alianças que podiam fazer. E ficou pra um futuro, né? Já na terceira vez já pôde chamar gente de Recife, uma professora de ikebana por que o agrupamento foi o hotel professora. Foi um período bem frutífero, nossa passou sensacional e rápido,

né? É já na terceira já tinha gente ali todo o sistema, o terceiro já foi no Espaço Cultural, e então o segundo é que teve muitos convidados desde quando já desde o primeiro que tinha então artes marciais, música é a exposição de flores do Adachi-san. Ele era expositor de artigo de participar de concurso e tal profissional mesmo e fora isso eu trazia todas as marcas. Ele gostava fazer uma exposição de quantas aí já no segundo já veio expositor de bonsai e de ikebana. A gente se espelhou muito na associação de Recife, e era onde tinha o consulado mais próximo. Nós convidamos as lideranças da associação dos ex-bolsistas, aí veio a presidente.

Giovanna Gomes:

E do consulado?

Alice Lumi Satomi:

Primeira vez que veio, já foi ali ainda no Centro de Tambaú, no segundo festival.

Giovanna Gomes:

Hum, então já escalonou pra um nível bem mais alto?

Alice Lumi Satomi:

Isso, e tudo muito rápido, assim vamos dizer que isso nem estava na nossos objetivos iniciais, mas foram acontecendo. Ah, e o origami foi desde o primeiro também. E também a exposição de quimono, porque a gente tinha poucos. Eu lembro que a Olinda, ela tinha um quimono lindo, só que incompleto, tinha aquele brocado bonito de cima, mas não tinha obi, mas já expunha ou colocava nas mocinhas mais bonitas da associação, pra ficar ali desfilando, e não era só o quimono, né, aí quem tinha yukata também. Eu lembro da filha da Tereza de yukata, logo no primeiro, eu acho que o primeiro foi uma sementinha você, algo muito assim o rumo, né?

Giovanna Gomes:

E pensar que naquela época a internet não era o que era hoje em dia, então a divulgação era mais de passar e chamar mais pessoas pra ver.

Alice Lumi Satomi:

Era no boca-a-boca mesmo, e agora a imprensa né, mas acho que do primeiro não teve, foi sem divulgação. Mas aí a gente conheceu o pessoal das artes marciais, juntamos com a escola Suzuki de violino, eles participaram também desde o primeiro, então sempre tinha esse lado também da música instrumental, que é um diferencial da nossa, as outras são mais do karaokê, né?

Giovanna Gomes:

E o taiko, que tem muito também. Realmente, um fator interessante que percebi na associação daqui que é justamente essa proximidade com esse campo da música e principalmente dos instrumentos tradicionais, o koto e tudo mais que pra Paraíba, que tinha uma comunidade muito pequena, é um uma grande novidade, né? Até hoje é uma novidade.

Alice Lumi Satomi:

Sim, e no primeiro ano o pessoal viu a gente tocar koto, aí a Mioco e a Virgínia, que são 2 grandes nomes de mulheres da associação, se interessaram demais em aprender, aí comecei a dar aulas, elas vinham aqui em casa, conseguiram logo o instrumento. Já na segunda edição, a gente tocou o primeiro quarteto de kotos do nordeste, estreamos lá e elas aprenderam muito rápido porque as 2 tinham muita facilidade.

Giovanna Gomes:

E o taiko era formado por jovens nikkeis ou era como é hoje, uma mistura?

Alice Lumi Satomi:

É naquela época tinha mais nikkei, porque eram os filhos do pessoal que tá na diretoria, então tinha a XX, que era filha do R., tinha a Maiara, minha filha, tinha filha da L. e do M.. Além dos 3 tinha uma colega minha, que é professora de piano do departamento de música, a Harue, que hoje é líder do Maracatu Pé de Elefante, que é um grande maracatu do estado, e ela é uma japonesa.

Giovanna Gomes:

Então tinha uma maioria nikkei, mas ainda assim um ou outro sem nenhuma

ascendência japonesa.

Alice Lumi Satomi:

É, e os filhos do H.O., que é o atual presidente, a filha e o namorado dela, acho que era isso, umas 16 pessoas.

Giovanna Gomes:

E que já é um grupo grande, né? Considerando que não tinha antes.

Alice Lumi Satomi:

Não tinha, só tinha 4 instrumentos, aí eu dividia take com mais alguém que é grande, a gente ganhou take quando comprou 2 e ganhou 1. Aí pro festival minha mãe trouxe outro.

Giovanna Gomes:

Então a senhora além de tocar o koto, também tocava taiko?

Alice Lumi Satomi:

Ah, e eu que trouxe o repertório também, o mesmo que eles usam até hoje.

Giovanna Gomes:

Então, é como se a senhora assumisse essa parte da liderança musical da associação?

Alice Lumi Satomi:

Pode-se dizer que foi uma força, né?

Giovanna Gomes:

E qual foi o seu papel como fundadora da associação?

Alice Lumi Satomi:

Bom, eu não tinha um papel definido porque nem sabia que tava fundando a associação, só foi uma reunião de 3 pessoas interessadas e a brincadeira acabou dando certo. Aí na terceira reunião a gente já quis definir porque na segunda a gente

já conseguiu convidar os japoneses, mas eles não vieram, aí foram vir só na terceira e na terceira a gente já tava com fim propósito de eleição. Aí é os candidatos foram os 3 que tiveram a iniciativa, o R., o G. e eu. A terceira reunião foi na casa do G., eu achei que ele era a pessoa mais indicada, mas ele tinha a posição de não achar válido uma pessoa que não é descendente de japonês ser presidente da associação, que pra mim não tinha o menor problema, mas aí convidamos o pessoal japonês, eles ficaram contentes e tudo, mas não entenderam bem aquela reunião. Acho que eles não entenderam o objetivo da eleição, mas depois que foi eleito, eles começaram a questionar por que chamava Brasil-Japão não nipo-brasileiro.

Giovanna Gomes:

Bom ponto.

Alice Lumi Satomi:

Daí o desafio inicial foi: como convencê-los? Porque eles falavam: “Ah, se falar Brasil-Japão, consulado não vai ajudar.”

Giovanna Gomes:

É porque tá colocando o Brasil na frente do Japão?

Alice Lumi Satomi:

Mais lá na frente, pensei assim: “Nossa a ordem dos fatores altera a soma?” de tanto que eles não tavam aceitando o nome. Aí a gente começou a explicar, né, ou pelo menos demonstrar que as pessoas mais ativas até o momento não eram nikkei, então como assim fazer uma sua vontade e a do outro ao mesmo tempo?

Hoje eu me recinto de não ter dado um pouco mais de espaço pra eles é porque, afinal, eles são os que ficaram, enquanto os outros transitam pela associação, então, os japoneses eram pessoas que mereceriam. Mas na época, eu priorizei o “Brasil-Japão” por conta do meu pai, ele não gostava de “guetos de cultura japonesa”, sabe, isso do pessoal que se reunir pra falar mal do brasileiro, meu pai não gostava disso, ele tinha um sentimento tão brasileiro, ele não deixava a gente chegar perto de associação. Por isso aquilo me soou meio “gueto nipo-brasileiro”, uma associação que só quer cantar karaokê, jogar beisebol e ficar só no isolamento. Ah, não, já passou essa época, e por isso fomos firmes em manter “Brasil-Japão”. O

consulado apareceu no segundo festival, mas foi algo bem rápido, no terceiro, nós convidamos novamente, mas o cônsul [da época] só veio quando confirmamos a presença do presidente do Bumkyo. Vale lembrar que, no terceiro festival, a UFPB que bancou a passagem de alguns dos convidados, passagem e hospedagem também.

Giovanna Gomes:

E uma coisa interessante é que tinha um número significativo de professores da UFPB envolvidos diretamente com a associação.

Alice Lumi Satomi:

A gente pode dizer que sim, o R. era da psicologia, Tereza que já veio na segunda reunião, aí Takako que veio um pouco depois, tinha o M. da física. Então a gente pode falar que foi uma iniciativa que partiu de um grupo de professores e funcionários da universidade, como a irmã do Adachi sensei, que é remigrante de Tomé-Açú. Na biologia tinha um monte, a Takako, a Mioco, o Rui, que já faleceu, e na arquitetura tinha a A., mas esse pessoal não se envolveu tanto.

Giovanna Gomes:

E o seu papel com fundadora?

Alice Lumi Satomi:

Eu acho assim, não existe um papel, mas vamos dizer que a música foi um alimento. Assim aí não parece que a gente incentivou os jovens e criou essa cultura de sempre ter uma programação musical, toda vez trazia uma novidade, teve uma cantora japonesa que acabou vindo 3 vezes, ela adorou o grupo da Paraíba. Acho que meu papel foi importante, sim, nessa internacionalização e na conexão interestadual.

Uma coisa de relação assim, pelo fato de eu estar sempre transitando, teve uma época que eu estava sempre em São Paulo, minha mãe já estava nos últimos anos e eu tive que tá sempre lá. Então lá eu ia aos encontros, nas oficinas de taiko via tudo que tava passando e absorvia todas as tendências pra trazer e fazer esses contatos, né, a Mariko Nakahira, essa cantora japonesa tinha acabado de cantar lá naquele negócio grandão lá do parque de exposição de São Paulo, então fui lá

conversar com ela. E comprei o disco pra ela assinar, ela assinou e aí falei: “a gente tem uma associação na Paraíba”, então ela me pediu pra entrar em contato com o agente dela aqui no Brasil, e comecei a falar com ele e deu certo e ela amou, ficou num hotel, aí essas coisas que eu acho que a universidade dá suporte logístico, ela ficou no hotel lá no Bessa, um dos primeiros do bairro, e ela gostou de ficar lá de ficar sossegada e acho que um calor tanto calor humano quanto calor do clima. Acho que foi o ano que mais teve divulgação, a Rede Globo tava em toda hora lá e tinha muita atração.

Giovanna Gomes:

Na época, a televisão era muito mais popular, né?

Alice Lumi Satomi:

Então, até hoje em dia ainda vejo isso, no último festival muita gente apareceu porque ligou a televisão logo de manhã e começou a aparecer notícias sobre o festival.

Giovanna Gomes:

Passou no Bom Dia Paraíba, e isso movimenta muito né? Porque todo mundo tá ligando a televisão de manhã pra ver as notícias.

Alice Lumi Satomi:

Então, nossa, eu acho que foi um período muita sorte, surgiu um caminho, daí as coisas conspiram a favor pra a gente, mas tivemos muitas despesas, e também teve a Tsubasa Imamura, outra atração internacional, foi caríssima. E, na verdade, o que eu acho que é interessante mostrar pros homens, que Japão também tem o olhar pra o diverso, e que tem que ter algum estranhamento também, eles adoram música brasileira, então mostrar que os valores da música brasileira que às vezes eu ficava preocupada que tivesse [presente]. Eu conversava com alguns jovens que não conheciam nada na música nordestina, brasileiros vindos do nordeste, que é ainda mais profundo, no início eu tava achando interessante trazer, mas não era de interesse, daí os japoneses do Japão perguntavam: “pra quê trazer uma japonesa que canta bossa nova?”.

Giovanna Gomes:

Mas é muito interessante perceber isso, né, que é desde o princípio foi-se cultivando o sentimento de juntar, Brasil e Japão, até porque a boa parte das pessoas que tomou à frente são brasileiras, independente de ter ascendência [japonesa] ou não, todo mundo é brasileiro, e muitas vezes é alguns eventos, outros festivais e etc, se cultivava uma ideia de priorizar um pouco mais o Japão, por ser novidade e tal, mas a ideia não necessariamente precisa ser essa, né?

Alice Lumi Satomi:

É, eu só lembro mais assim da parte musical mesmo.

Giovanna Gomes:

Que também é uma parte enorme, né? Se considerar uma enorme contribuição cultural.

Alice Lumi Satomi:

É, o que costuma ser um chamativo, isso é verdade.

Giovanna Gomes:

Você acredita que as mulheres desempenharam um papel significativo na formação e no desenvolvimento da associação ao longo dos anos?

Alice Lumi Satomi:

Bem, eu acho que as mulheres refletem o papel das mulheres na sociedade nikkei com base na cultura japonesa, porque o que eu tenho observado desde a minha pesquisa na associação que na hora. As mulheres é que são responsáveis pela reunião, para começar pelo estômago, a comida, as pessoas sempre vão muito por causa das comidas e aí, e isso ainda tá muito, cada pessoa mais dependente na nossa associação tem o H.O. mesmo ajuda na cozinha, não é assim exclusivamente pelo mundo, mas e o C., ele não ajuda na cozinha exatamente, mas ele fica na secretaria. Então acho que o papel das mulheres é de trazer os seus filhos, nem sempre a gente consegue, fazer com que eles participem, né? Eu vejo pelo lado do taiko, e, por exemplo, a mulher do presidente atual, sempre faz com que a caçula participe fazendo tudo que ela sempre soube fazer que é a pintura, é ela contribui

com as pinturas, faz exposição. Já foi miss nikkei Paraíba, o único que a gente teve miss nikkei Paraíba.

Giovanna Gomes:

Você pode compartilhar algumas histórias? de mulheres que tiveram impacto notável na associação?

Alice Lumi Satomi:

É todas fazem uma contribuição se você olhar todas as lideranças foram mulheres, eu fui presidente duas vezes, a Takako acho que já umas três na época, agora ela veio substitui um pouco a Teresa, né e a Tereza foi, tivemos também na diretoria mulheres notáveis, como a Mioco, a N., que já foi embora pelo Paraná, voltou para terra dela, além de fazer parte da diretoria, ela foi tesoureira e a Mioco foi secretária. A Mioco trabalhou na construção do censo de japoneses aqui da Paraíba, e ela ia na fila de supermercado “ah o você é descendente?”, já que a pessoa podia não ser de japonês, mas de chinês ou coreano, então sempre perguntando e já anotava. As primeiras listonas que a gente teve de levantamento de nikkeis na Paraíba, foi a Mioco que fez. Eu tenho guardado até hoje cada arquivo dela, e eu lembro que ela batalhou tanto pra que no ano da imigração já foi 2008 é alguém da associação recebesse a comenda. A comissão do centenário pediu para que indicassem uma pessoa de cada estado, pelo menos, pra receber a comenda, e ela fez de tudo pra que essa comenda fosse pra mim, que fui a primeira presidente. Ela sempre tava na diretoria cultural, ela fez um trabalho gigantesco, era muita burocracia, precisa de tanta papelada, a gente tinha tanta informação, eu nem tava muito esperançosa, achava que não ia vingar, uma associação tão pequeninha pequena né? Naquela época éramos nem 50 sócios. Ela persistiu lá e conseguimos, aí eles chamaram gente da Bahia, aqui do Nordeste só foi Bahia, Recife e nós.

A Mioco sempre vinha com ideias, sobre os festivais muitas das ideias foram dela, também conseguiu uma parceria com o Instituto Kumamoto, ela dava aula de inglês, já que no Instituto Kumamoto já tinha aula de francês e já tinha uma sala lá pra isso. Mas o Ítalo cedeu essa sala pra associação fazer aulas japonês, não ganhamos assim uma sala só nossa, mas era onde a gente fazia nossas reuniões. Ele cedia o local para fazer as reuniões e as aulas japonês.

A Takako tem um modo mais sereno de fazer as coisas, mais conciliador, é o jeito

dela. Assim, acho que é a que mais conseguiu aproximar os jovens, os isseis que ainda não estavam muito acostumados a ver as mulheres na liderança. E sobre os desafios, eu acho que esse foi o único momento que posso dizer que encontrei uma dificuldade, nem sabia até que ponto era machismo deles ou porque eu não aceitei mudar o nome pra “nipo-brasileira”, eles até foram em massa pra votar contra, e só queriam votar em uma figura masculina.

Giovanna Gomes:

Em questão de números, entre os japoneses, a maioria era homem ou era meio-a-meio?

Alice Lumi Satomi:

Não, é porque eles são os dominantes, né, várias mulheres participam, mas sempre de uma forma, outro tipo de conduta, mas a mulher nissei geralmente é mais subserviente ao marido, então se o marido votasse em fulano, a esposa também tinha que votar nele. De início, foi quase um empate na primeira eleição, mas com o tempo foi ganhando mais confiança dos japoneses. Com a Takako foi bem mais tranquilo, e também, ninguém quer assumir a cadeira da presidência, mas aí Takako já estava se aposentando, e ela sempre foi muito presente, participando do origami do furoshiki, ikebana.

Giovanna Gomes:

Mas em relação a tipo, desafios e processo de tomada de decisão é a organização interna, você acredita que foram poucos os momentos em que existiu, de fato, a possibilidade de ter a motivação, o machismo, ou enfim, uma cultura mais patriarcal.

Alice Lumi Satomi:

É, ela costuma ser, mas não consigo lembrar de algo assim.

Giovanna Gomes:

E é uma coisa interessante a se pontuar, né? Porque o caso da Paraíba, assim como algumas associações do nordeste, as mulheres se destacam como presidentas, fundadoras, etc. As primeiras presidentes terem sido mulheres. E isso é um fator muito interessante, é porque em São Paulo, por exemplo, não é uma coisa

que a gente vê tão comumente talvez hoje em dia nos últimos 10 anos, mas é um fator muito particular das comunidades do Nordeste. A associação evoluiu ao longo do tempo em relação à participação e liderança das mulheres, ou foi algo que desde o início já era muito marcante?

Alice Lumi Satomi:

Ah, mas cresceu, elas já eram tão envolvidas na época, quase todas estavam também na ativa, e foram ficando cada vez mais disponíveis. Acho que de início e até para os isseis mesmo. Por exemplo, a H.S.-san que foi esposa do S.-san, começou também a entender mais esse lado das lideranças femininas quando a Takako assumiu, no começo, eu senti que ela tinha um pouquinho daquele comportamento meio machista. Eu achava estranho, no começo eu sempre fui a primeira pessoa que pedia para ela dar aula de japonês, e ela não aceitava, só foi aceitar quando Tereza pediu alguma coisa assim, porque ambas estavam no grupo de origami, daí ela ganhou confiança.

Giovanna Gomes:

E isso acabou modificando a percepção dela, né?

Alice Lumi Satomi:

Acho que sim, acho que ela foi se adaptando.

Giovanna Gomes:

Quais os principais projetos, programas ou iniciativas que a associação realizou pra promoverem a cultura japonesa na Paraíba? Você já mencionou muitos.

Alice Lumi Satomi:

Mas não pode esquecer de uma mulher fundamental, que foi a M.K. sensei, ela veio em um programa que trouxe estagiários japoneses da JICA para as associações no Brasil. A M.K sensei foi a primeira [desse programa], nós já conseguimos trazer duas professoras.

Giovanna Gomes:

Ela veio pela primeira vez em 2012. Foi direto pra associação?

Alice Lumi Satomi:

Ela veio pelo programa da JICA, nos pedimos inicialmente uma pessoa que pudesse ensinar japonês que falasse português, e ela foi ideal. Não sei se foi já foi no estágio, mas ela sabia o português de Portugal, e adorou o Brasil. Tanto é que depois voltou para o Brasil e conseguiu trabalhar no consulado em São Paulo.

Giovanna Gomes:

E ficou no Brasil?

Alice Lumi Satomi:

Ficou no Brasil. Acho que esse foi um programa bem interessante da JICA, na época tinha aula de japonês das 7h da manhã até as 9h, eram duas turmas. Foi justamente o ano que pedi pra H.S. ajudar no japonês. Eu só tinha o Adachi-san, então tive que dar aula, sem ser habilitada. Mas definimos que as turmas mais avançadas seriam do Adachi-san e as iniciantes seriam minhas. Nessa época, eu fiz uma pesquisa pra encontrar um método bom de se ensinar japonês no Brasil, já que muitos dos livros que vinham do Japão envolviam exemplos que não eram aplicáveis no contexto brasileiro. Acredito que seja o método usado até hoje no curso de japonês da associação.

Giovanna Gomes:

E foi o suficiente para manter?

Alice Lumi Satomi:

Sim, até hoje. Sobre as parcerias, além do caso da JICA tem também o consulado , que sempre esteve presente, e assim com muita honra, sempre mandam o cônsul principal. Mas aqui acho que foi bem importante a gente firmar logo de início essas relações com o consulado, e cada ano foi crescendo a confiança deles, né, no começo eles só vinham, mas depois começaram a fornecer materiais pra fazer oficina de mangá, origami, o que precisasse, além das exposições fantásticas. A exposição a gente conseguiu a partir do primeiro ano em que o festival ocorreu no espaço cultural, que é um lugar grandioso. Esse programa e essas parcerias foram

muito importantes pro reconhecimento da associação, e na pandemia a gente conseguiu manter e também nos juntamos com uma liderança feminina de outra associação, a Lika de Salvador. Ela faz muitos projetos, uniu todo nordeste, na pandemia tava fazendo festival, undokai, tudo on-line.

Giovanna Gomes:

Então, na pandemia continuou tendo atividade?

Alice Lumi Satomi:

Tivemos mais de 6000 visitas no festival, muitos nipo-brasileiros que estavam no Japão, na Europa, nos Estados Unidos, todos os lugares do mundo.

Giovanna Gomes:

É uma parte interessante, né? Desse período que conectou ainda mais as pessoas ao redor do mundo.

Alice Lumi Satomi:

E olha, os modelos que tinham de festival on-line, acho que o pessoal de Salvador foram muito inspiradores. Depois fizemos outro festival com outra parceria boa que foi com ADUFS, que emprestou o canal do YouTube pra fazer o streaming do festival online, ficou tudo registrado lá.

Isso eu posso dizer que foi uma iniciativa minha, eu tava muito sozinha só com o meu projeto, na verdade, as pessoas da associação frequentaram esses festivais online, mas não participaram assim da organização, eu coloquei meus bolsistas trabalhando, eles que fizeram todo o trabalho de divulgação, tudo e é aí, eu falei assim se eu usar o nome do Festival do Japão, vai parecer que estou centralizando e já tava tendo um os mal entendidos até porque, o pessoal era resistente a coisas on-line e eu resolvi fazer assim. Devemos trabalhar com os recursos que temos, e eu consegui discurso do cônsul discurso da presidência [da associação], assim né eles mandam tudo gravado, o presidente da Fundação Japão fez uma cerimônia de chá online, e ele fazia coisa muito conectada com a temática sabe.

Giovanna Gomes:

E foram muito importantes pra consolidar no que é hoje, né? Isso e construir coisas

que assim período pandêmico. É um período que pouco se imaginava, né? A possibilidade de fazer um Festival do Japão on-line e o undokai.

Alice Lumi Satomi:

E agora undokai foi o pessoal, assim a gente se reunia com as lideranças do Nordeste, pelo menos uma vez a cada 15 dias, só bolando essas atividades.

Giovanna Gomes:

Quais são as principais conquistas da associação em relação à promoção da cultura japonesa na Paraíba?

Alice Lumi Satomi:

Bem, eu acho que em relação a isso, me veio na cabeça agora o primeiro panfleto que a gente fez do festival, a gente precisava explicar cada palavra como ikebana, origami, sushi, poucas palavras japonesas, eu como professora sinto essa necessidade de ficar explicando pro público que é o que. Mas acho que a gente contribuiu pra isso na Paraíba de fazer com que a cultura japonesa fosse sendo cada vez mais acolhida, menos estranha. Porque quando cheguei na Paraíba, eu sentia um certo incômodo quando as pessoas falavam: “a senhora é japonesa ou chinesa?”, isso era muito estranho. Hoje em dia não tem tanto estranhamento.

E sem querer levar pro lado pessoal, mas quando fui indicada pela primeira vez pra receber a comenda do Ministério das Relações Exteriores do Japão, acho que tinham umas cento e poucas comendas no mundo todo, e no Brasil foram 11 e se não me engano naquele ano, a única mulher era eu, daqui do Nordeste.

Giovanna Gomes:

Foi a de 2023?

Alice Lumi Satomi:

Não, foi a de 2022, essa foi na pandemia, o cônsul e a consulesa e deram um banquete dos deuses na casa deles, porque não podia ser público, então eles limitaram para o cônsul, a consulesa, o vice-cônsul, eu e mais 2 ou 3 convidados, eu convidei a Mioco, mas ela não pode ir. O cônsul atual é realmente muito fofo, o mais fofo que passou por aqui. Foi o primeiro que eu não vi machismo, sabe, a coisa que

mais me admirou foi ele ter mostrado o ikebana da consulesa antes mesmo de se apresentar.

Giovanna Gomes:

E ela participa de forma tão ativa nas atividades ao lado dele. Ela tem de fato um papel, além de ser a companheira dele.

Alice Lumi Satomi:

Os outros que vieram aqui dificilmente vieram com a consulesa, só vinham eles é e ele não, sempre vem com ela.

Giovanna Gomes:

Sobre a questão das aberturas do governo da Paraíba e da Secretaria de Cultura em relação às ações da associação, festival e tudo mais. A senhora enxergaria isso de certa forma como a forma de compensar pelo passado triste que o governo da Paraíba teve em relação aos imigrantes que vieram pra cá?

Alice Lumi Satomi:

Não, eu acho que não. Embora o secretário atual quando ele encontrou conosco na primeira vez que convocou, né, a secretaria de cultura do estado e do município justamente pra se fazer presentes essas autoridades na entrega da comida. Aí ele a gente lembrou muito da história da imigração. Mas eu acredito que eles começaram isso porque tem o interesse nas relações com o Japão, então vai ser sempre uma troca, né?

Giovanna Gomes:

Você acredita que a associação contribuiu pra empoderar as mulheres da comunidade nipo-brasileira da Paraíba de alguma maneira?

Alice Lumi Satomi:

Então, a mínima contribuição é que muitas de nós estamos afastadas da cultura japonesa, acho que chega a ser empoderamento, você se aproximar das raízes. Acho que é um ganho, né?

Giovanna Gomes:

Em sentido de visibilidade, liderança e reconhecimento.

Alice Lumi Satomi:

Sim, por exemplo, pessoal, na usina cultural, qualquer coisa depois que a gente faz esse festival lá chamava pra fazer oficina de origami, furoshiki, eu acho que pelo menos a Tereza, Takako, eu acho que elas não tinham tanta visibilidade nessa área, né, e hoje elas representam em si sabe. Acho que é mais nisso, né? E quanto mais elas vão tendo estímulo, mas elas se dedicam, e eu acho que se não tivesse associação, por exemplo, talvez elas nem se dedicassem tanto. Acho que a tendência é cada vez mais [mulheres em posição de liderança] e já temos uma, agora mesmo tá o H.O. [como presidente], mas a gente vê muito o pulso da D., né, então mesmo que ele seja figura representante do presidente, ela também é quem está muito fazendo na associação e eu vejo que ela vai longe. Muito proativa, muito empenhada com a cultura, mais do que qualquer descendente.

Giovanna Gomes:

E em relação à participação das mulheres na liderança de vários setores da associação, para a cozinha, na parte cultural, etc. Expectativas positivas?

Alice Lumi Satomi:

É na parte cultural e culinária e artística, né, agora a Denise esta aprendendo o kotô. Eu acho que cada associação é composta por setores que não funcionam sozinhos. E acho que as mulheres estão na maioria, né? A atividade mais importante é o almoço, o obentô japonês. Então é isso, acho que tem outras pessoas que vão chegando e como a associação já tem sede ainda é bem firme. E quanto a associação, dizem que a tendência de crescimento é se adaptar, mas é interessante se esse estudo de gênero, até porque se reflete nas novas tendências.

Giovanna Gomes:

E por causa desse entrevista e do próprio histórico da associação, que como um todo, se mostrou como um ponto fora da curva, considerando a perspectiva nacional. Essas lideranças femininas, que desde o início assumem papéis de direção, não só cuidando da parte cultural, como na maioria dos casos.

Alice Lumi Satomi:

Você acredita que recentemente fui a um encontro de organizadores de festivais e achei impressionante a quantidade de mulheres. Tem mulher do Rio Grande do Sul que é incrível. A associação de lá não tem nenhum japonês, daí ela sozinha e o filho dão tudo quanto é curso, de japonês, de dança, de taiko. São só os 2, mãe e o filho, e já conseguiram até a sede. Que vai ser uma casa japonesa que eles conseguiram pelo estado, porque é uma cidade meio um marco de imigração. Então lá tem a feira de imigrante, coisa mais linda, alemães, italianos, japoneses. Como não tem muito japonês, é ela que representa e traz toda a cultura lá, então assim foi uma das que eu mais fiquei boquiaberta. Acho que ela é professora universitária, também.

Giovanna Gomes:

Outro fator interessante, né?

Alice Lumi Satomi:

É, e se fosse tipo 10 anos atrás eu não teria tantas mulheres, acho que a maioria continua sendo homens [na presidência das associações], mesmo aqui é assim.

APÊNDICE B — ENTREVISTA COM TAKAKO WATANABE

João Pessoa/PB, 28 de Março de 2025

Giovanna Gomes:

É qual o seu estado de origem quando você vai morar em João Pessoa?

Takako Watanabe:

Eu sou de São Paulo, não da capital, é do interior de São Paulo e eu vim morar em João Pessoa em 1978 a convite do reitor da Universidade Federal da Paraíba.

Giovanna Gomes:

Quais foram as suas motivações para mudar para João Pessoa?

Takako Watanabe:

Bom, primeiro foi o convite, né que eu tava terminando biologia, fiz biologia e tava no mestrado quando recebi esse convite do então reitor, na época. Através do nosso coordenador lá em São Paulo. Mudei para cá, mas não para a associação diretamente, vim para a universidade para dar aula.

Giovanna Gomes:

Quando você decidiu ingressar na associação, quais foram as suas motivações?

Takako Watanabe:

Acho que foi um convite não me lembro muito bem, não, mas eu não sou desde o começo não, mas eu acho que foi algum convite que me fizeram. Não sei se foi Tereza. Foi a própria Alice que me convidaram para uma reunião, né e eu participei dessa reunião e achei interessante porque como a gente tem ascendência japonesa, né? E eu achei importante a gente participar dessa associação, então foi por aí que tem isso.

Giovanna Gomes:

Foi qual ano mais ou menos?

Takako Watanabe:

Depois da fundação, acho 2006 ou 8 mais ou menos, né, porque acho que foi criado em 2004, né e eu não fazia parte ainda, né, aí deve ser por volta de 2006-2008 por aí, né?

Giovanna Gomes:

Quando você se tornou o presidente da associação pela primeira vez?

Takako Watanabe:

Eu não, eu não estou muito lembrada, mas acho que fui a terceira ou quarta presidente porque põe a Alice depois teve um rapaz que tá no Paraná.

Giovanna Gomes:

E quais foram os outros anos que a senhora lembra de assumir a gestão novamente?

Takako Watanabe:

Olha, eu já sumi a gestão fiquei 2 anos seguidos, né, depois teve H.O., e aí eu só entrei novamente substituindo a professora Teresa, ela adoeceu e eu tava na vice e aí, acabei assumindo de novo foi o ano passado.

Giovanna Gomes:

Você acredita que as mulheres desempenharam um papel significativo na formação e no desenvolvimento da associação ao longo dos anos?

Takako Watanabe:

Muito importante, eu acho que as mulheres foram o braço forte da associação, apesar de ter muitos homens inicialmente. Mas eu acho que as mulheres lideraram bastante sabe trazendo novidades, criando grupos de estudos, né, criando grupos de fujinkai, por exemplo, que é o grupo das mulheres, para fazer alimento, uma série de atividades, como o origami. Então tudo isso acho que foram as mulheres que incentivaram a criação desses grupos.

Giovanna Gomes:

A parte cultural, né?

Takako Watanabe:

Também é na parte cultural, mas também é nos eventos, né, então a gente trazia muitas pessoas para fazer outros eventos, mas sempre assim esses convites vamos dizer assim que era para trazer alguém de fora. Tudo era sempre liderado por mulheres, sabe?

Giovanna Gomes:

Uma coisa muito interessante que a Alice comentou na nossa entrevista foi em relação à comida, né que inicialmente tinha muito essa movimentação das mulheres na cozinha, o que os homens ajudavam pontualmente, mas nada muito expressivo e que ela mencionou querendo ou não. A comida é uma parte essencial de uma associação geral. Né?

Takako Watanabe:

Isso acho que a alimentação, antigamente, na verdade, aqui não tinha muitas verduras, mas quando cheguei aqui em 85 mais ou menos, ainda se comia muito pouco verdura, o que tinha era alface, tomate era mais essas coisas. Depois começou a aparecer acelga, rabanete, brócolis com tudo isso, mas inicialmente, então acho que a cultura japonesa ajudou muito, né a trazer esses vegetais para cá também.

Giovanna Gomes:

Até porque, quando eu estava lendo o trabalho da Virgínia, ela mencionava que trouxeram essas famílias de Tomé-Açu para cá justamente para diversificar a produção hortifrutigranjeira do estado, que era mais focada no algodão e na cana-de-açúcar.

Takako Watanabe:

É incentivar realmente a produção desses alimentos. Acho que uma das primeiras pessoas que chegaram aqui foi o Adachi-san, né que ele foi nosso tesoureiro por

muitos anos aqui, né e foi o professor do nihongo³⁰ também.

Giovanna Gomes:

Você pode compartilhar alguma história ou algum exemplo de mulheres que tiveram um impacto notável na associação?

Takako Watanabe:

Impacto notável esclareceu bem com a própria Alice nela recebeu algumas encomendas do governo japonês, né, que foi ela é música, na verdade, né, então ela teve uma série de ações importantes com relação à própria organização dos festivais. Ela sempre foi a cabeça, né desses festivais, acho que ela. Foi uma pessoa que se sobressaiu bastante, né? Claro que temos a forma dela agir, né? Mas acho que ela é uma das pessoas que a gente tem que considerar que foi muito importante na criação e na manutenção da cultura e da própria associação.

Giovanna Gomes:

É interessante perceber que nessa parte de transmissão e manutenção da cultura aqui, as mulheres muitas vezes tomam à frente, né nesse aspecto, porque consideram que aqui tem uma comunidade muito pequena de nipo-descendentes, e até japoneses, então meio que coube às mulheres transmitirem a cultura de certa forma.

Takako Watanabe:

É verdade, acho que tem é tanto é que todas as gestões, eu acho que tem sempre, mas a primeira foi a Alice no caso, né, mas teve o R.K. que foi embora daqui para o Paraná, depois teve o H.O., depois teve o irmão dele que é o J.O., né, e depois eu acho que foi nessa que entrei, depois mais uma vez fui eu, depois foi H.O. de novo, daí foi a Tereza, e agora H.O. de novo, então sempre tem mais homem.

Giovanna Gomes:

As únicas que foram presidentes foram a senhora, Alice e Teresa.

Takako Watanabe:

³⁰ 日本語(にほんご): “Língua Japonesa” em Japonês.

Isso.

Giovanna Gomes:

Interessante.

Takako Watanabe:

Quer dizer, na verdade, a gente repetiu várias vezes, mas os outros até entraram em outros momentos, né?

Giovanna Gomes:

Mas em questão de liderar atividades culturais, etc. da associação?

Takako Watanabe:

É, acho que as mulheres se sobressaíram, sempre foi o que dizia o que tinha que fazer, como fazer, né, então assim Alice, por exemplo, ela criou o grupo de taiko, né? Então isso é muito importante, já que ficou uma época sem muita atividade. Mas hoje tá retomando, as pessoas estão a frente de umas oficinas, o Tai Chi Chuan, que foi ideia de Alice, é algo que também tava ali desde o começo.

Giovanna Gomes:

E na questão das aulas de nihongo?

Takako Watanabe:

Bom das aulas de nihongo, primeiro começou com o Adachi, um homem, né, mas tivemos também professoras que vieram no Japão, duas bolsistas.

Takako Watanabe:

Bolsistas, mas eles vieram pela JICA, né, então vieram duas pessoas que ficaram dois anos, cada uma, então 4 anos de atividade aqui, que foi muito interessante. Uma delas é a M.K, né, então ela ensinou muita coisa da cena das artes marciais, né? E a outra era mais do ikebana, além das aulas de nihongo, foi bem legal também.

Giovanna Gomes:

Essa questão do ikebana, quando é que chegou assim o João Pessoa de fato?

Takako Watanabe:

Não sempre acho que existiu um pouco, né, mas aí acho que a M.K, ela reforçou bastante, né, apesar que a gente já fazia um pouco porque inicialmente eu trazia pessoas do Recife para cá, então eu convidava na época, eu trazia essas pessoas e elas. Vinham sobretudo no na época dos festivais, então sempre tinha oficina aqui, já que elas vinham e davam a oficina. Depois a gente fazia a exposição de todos os arranjos e foi assim que a gente incentivou a formação do grupo de ikebana.

Giovanna Gomes:

Então, pode-se dizer que a associação foi quem deu esse primeiro passo para expandir a arte do ikebana no estado?

Takako Watanabe:

É verdade, eu já participei, por exemplo, de uma oficina com o pessoal do Rotary. Foi de grupo em grupo disseminando um pouco.

Giovanna Gomes:

Você percebe que a associação evoluiu ao longo dos anos em relação à participação e liderança das mulheres?

Takako Watanabe:

Evoluir, não sei, porque se todas essas associações aqui no Brasil estão em decadência, vamos dizer assim, né, está diminuindo muito as pessoas adeptas. A gente tá tentando ver se consegue incentivar mais os jovens a participarem disso tudo. Já tem tido várias reuniões a nível nacional para ver o que a gente pode fazer para melhorar a participação de jovens, mas não tá sendo muito fácil. Aqui mesmo, por exemplo, nós temos muito mais brasileiros hoje do que os próprios descendentes, mas eu acho que a gente tem que começar a incentivar realmente, se não a Associação vai acabar morrendo. Acho que é um dos nossos papéis como descendentes, tentar manter um pouco essa cultura.

Giovanna Gomes:

Uma coisa interessante que percebi tanto na entrevista com a Alice quanto no levantamento biográfico que fiz, é que a região Nordeste tem uma característica muito diferente das associações do sudeste. Que é justamente esse fato de ter muito mais pessoas que não têm descendência, além das mulheres muitas vezes assumirem a liderança em vários aspectos em comparação aos homens, coisas que no sudeste, geralmente eram tradicionalmente lideradas por homens.

Takako Watanabe:

É verdade, acho que o japonês é muito machista, também sabe, é bastante machista, e aqui como a gente não tem muitas possibilidades de ter homens assumindo a liderança, então acaba que as mulheres acabam tomando à frente da associação, mas lá no sul realmente eu não conheço nenhuma pessoa. Mas das associações que conheço, eu acho que não teve nenhuma mulher não como presidente. Mesmo em São Paulo, por exemplo, eles têm muitas associações lá, mas separadas por regiões do Japão, e acho que a maioria, quase todos, são lideradas por homens, eu acho que é a questão do machismo mesmo sabe.

Giovanna Gomes:

Sim, e, por exemplo, aqui tem um traço muito marcante, que é o fato da primeira presidente ter sido uma mulher, mas no decorrer dos anos, você sente que as mulheres têm mantido esse local de liderança ou que tem diminuindo?

Takako Watanabe:

Eu acho que tem mantido, principalmente pelas atividades que exercem na própria associação, a gente faz culinária, por exemplo, dá oficina de origami, então tudo é incentivado ou é liderado por mulheres, né? Então eu acho que não tem nenhuma atividade que foi assim “os homens propuseram fazer isso”, teve um caso que era o do beisebol, mas também não foi para frente, né? Foi o único caso, e o do taiko que agora está com os rapazes, mas acho que não tem nenhuma outra atividade. Não vamos fazer isso tipo assim, né então, a iniciativa é sempre das mulheres. Eu acho que o mais forte aqui são as mulheres.

Giovanna Gomes:

É muito interessante, porque nos estudos que analisei previamente era muito

mentorado que em muitas culturas a mulher, ela assumir esse papel, né? Sim e guardiã da cultura de transmitir a cultura para gerações seguintes. Algo que dá para perceber até aqui.

Takako Watanabe:

Pois é, agora eu não sei se esse bom isso acho que é caso do Nordeste até do Norte, talvez, mas no sul e sudeste não sei como é que funciona direito. Mas eu acho que deve ser pela presença de mais pessoas, lá costuma ter mais famílias. Por exemplo, lá no sul de onde eu participava, meu pai podia até fazer parte (de uma diretoria da associação), mas minha mãe nunca foi convidada para fazer parte de uma diretoria, nesses casos, as mulheres eram sempre mais submissas, então meio que aceitam aquilo que os homens estão determinando.

Giovanna Gomes:

Alice mencionou que foi um problema nas primeiras eleições em relação ao nome da associação, porque boa parte dos isseis eram homens e as esposas acabavam seguindo o voto do marido porque não pegava bem votar no contrário.

Takako Watanabe:

Isso era bem comum, mas é porque realmente acho que é muito por conta do machismo, essa ideia de que “os homens decidem, os homens fazem, os homens lideram”.

Giovanna Gomes:

E também, boa parte delas são das primeiras gerações que vieram (para o Brasil), elas eram muito acostumadas com o Japão de muitos anos atrás.

Takako Watanabe:

Eu vejo isso pelas pessoas daqui mesmo, como o caso da H.S. que é esposa do S., elas aceitaram muito, quase não falavam, então aceitavam muito o que os maridos diziam, eram sempre muito obedientes, né, sempre obedeciam, podiam até estar contra, mas sempre obedeciam às ordens do marido. Mas lá no Japão tem uma coisa interessante, por exemplo, os homens trabalham fora, e as mulheres ficam em casa, então a parte financeira é controlada pelas mulheres, então isso foi

interessante também, então tipo assim o marido recebe uma mesada que pode gastar.

Giovanna Gomes:

Porque assim, apesar de ter essa cultura de trabalho de cuidado, a mulher tem essa certa liberdade de controlar as finanças da casa.

Takako Watanabe:

E até a educação dos filhos, porque às vezes os homens são tão ausentes que não tão nem aí, e a mulher é que toma à frente da educação dos filhos sabe.

Giovanna Gomes:

Quais foram os principais projetos, programas ou iniciativas que a associação realizou para promover a cultura japonesa na Paraíba? E as mulheres? Elas desempenharam um papel importante nesses projetos?

Takako Watanabe:

Sim, nós tivemos vários festivais, que eram inicialmente a Feira Japonesa. A gente fazia umas feiras e sempre liderado por mulheres mesmo, e depois passou a ser Festival do Japão e aí nessas festividades sempre traziam várias atividades, várias oficinas e sempre quem convidava as pessoas ou quem determinava que oficina ia acontecer eram sempre as mulheres. Eu acho que os homens nunca chegaram a determinar essas atividades. Mas hoje em dia, nós temos undokai³¹ no IFPB e lá tem uma liderança masculina, mas quem atua da associação são as mulheres também, então a gente tá sempre ajudando nesse intercâmbio cultural.

Giovanna Gomes:

Alice mencionou que muitos jovens estudantes que foram da associação conseguiram bolsa.

Takako Watanabe:

Sim, é verdade. É, então é aí que a gente tem uma dificuldade, porque colaboramos para que essas pessoas possam ir para o Japão passar 10 dias ou até passar um

³¹ Gincana tradicional japonesa.

ano. Tivemos também bolsas da própria JICA, do consulado, onde as pessoas passavam 10 dias ou um mês, tem gente que foi fazer o mestrado, o doutorado lá, inclusive. Só que no retorno a gente não consegue muito da adesão dessas pessoas para a associação sabe, o que é lastimável, mas infelizmente acontece, porque cada um vai trabalhar, e começa a ter suas atividades, daí ficam sem tempo, e a associação passa a ser algo secundário na vida da pessoa, mas é isso que acontece geralmente, acho que é normal.

Giovanna Gomes:

Ah, e também é como a senhora falou, que tiveram muitas reuniões entre várias associações do Brasil para ver como é que mantém esses jovens, quem sabe seja um ponto a ser considerado também.

Takako Watanabe:

Ah, sim, é verdade, então aqui, por exemplo, a gente tem incentivado, apesar de que agora tava aumentando o número de jovens mais brasileiros, sim, tem muitos brasileiros que têm interesse na cultura, também possuem interesse de ir para o Japão e conhecer um pouco da cultura. Tem um curso de japonês oferecido pelo professor Romeu no IFPB, ele passou 10 anos no Japão, então tem muitos alunos interessados, mais até do que no curso da associação. Como é gratuito, acho que as pessoas preferem ter as aulas lá, do que aqui pagando uma taxa. E ele tem uma certa experiência com a língua e a cultura também, já que passou tanto tempo no Japão.

Giovanna Gomes:

Quem sabe isso seja uma forma de atrair os jovens para a associação?

Takako Watanabe:

É essa a proposta, inclusive do professor R., propôs que os alunos do IFPB venham para o curso da associação pagando uma mensalidade menor. E está dando certo, eles têm contribuído bastante nos festivais com o pessoal da UFPB.

Giovanna Gomes:

E em relação aos próprios nikkeis daqui que ainda não chegaram a participar

ativamente da associação?

Takako Watanabe:

Eu acho que falta um pouco de divulgação, realmente a gente não tem feito muito isso, então é então acho que a gente precisa divulgar mais, e estamos tentando melhorar o grupo de comunicação, mas ainda temos bastante dificuldade nessa parte. Eu acho que é uma das falhas da associação seria um pouco por aí, porque cresceu muito essa questão da mídia, das redes sociais, mas nós não conseguimos avançar e acompanhar toda essa evolução, agora os jovens entrando pode ser que melhore.

Giovanna Gomes:

Quais foram os principais desafios que você acredita terem sido enfrentados pelas mulheres que se envolveram na associação ao longo dos anos?

Takako Watanabe:

Não sei se desafios, mas é a gente tem dificuldade, por exemplo, para solicitar financiamento, por exemplo, nos festivais a gente precisa de muito financiamento e quando é mulher que chega nesses ambientes para isso. Recebi muitos “nãos” na minha época, sabe e essas grandes empresas que podem patrocinar sempre tem alguma desculpa, que eu não sei se é por ser mulher ou é pela dificuldade financeira da empresa. Mas eu acho que tem esse tipo de dificuldade e, também enfrentamos muitos problemas para conseguir recursos externos.

Giovanna Gomes:

Mas já teve alguma situação, por exemplo, interna, até externa, em que o fator “ser mulher” foi um empecilho para algo?

Takako Watanabe:

Não que eu me lembre, não acho que tivemos esse tipo de problema na associação, não sei no começo, não participei do comecinho, só sei que os japoneses eram mais rígidos, mas eu não peguei muito essa fase.

Giovanna Gomes:

Quais as principais conquistas da associação na promoção da cultura japonesa?

Takako Watanabe:

Bem, só de conseguirmos oportunidades para muitos alunos que tem interesse pela cultura e acho que já é uma grande coisa. Outra conquista foi a questão da culinária que já atrai bastante gente. Nos almoços de antigamente fazíamos uma diversidade maior de pratos, mas depois da pandemia, tivemos que mudar, o sistema passou a ser tipo obento³² que é tipo marmita, né que não podia se aglomerar, continuamos com esse formato até hoje.

Giovanna Gomes:

O grupo da cozinha é composto por só mulheres? Ou tem homens também?

Takako Watanabe:

Hoje tem homens também.

Giovanna Gomes:

Quantas pessoas em média?

Takako Watanabe:

Ah, tem umas 10 pessoas, mas nem todo mundo participa sempre, acho que tem dois ou três homens só é, mas a maioria é mulher.

Giovanna Gomes:

Em relação a tipo, mulheres descendentes e não descendentes.

Takako Watanabe:

A maioria é descendente, só tem a Ana Maria Oashi de não-descendente e os homens são todos brasileiros sem descendência.

Giovanna Gomes:

Uma coisa que a Alice comentou, também nessa parte das conquistas, foi que com a associação, com essas atividades, o festival, etc. ela sentiu que ser nipo-brasileiro,

³²弁当 (べんと): Marmita tradicional japonesa.

na Paraíba, passou a ser uma coisa menos “estranha” porque as pessoas tendem a apontar e perguntar: “Você é japonês, chinês ou coreano?”

Takako Watanabe:

Ah, sim, quando eu cheguei aqui o pessoal estranhava muito, então acho que eu era diferente dos outros, mas sempre tinham umas perguntas assim. Mas hoje em dia, as pessoas não estranham tanto a presença da gente, até pela fisionomia.

Giovanna Gomes:

Você acredita que a associação contribuiu para empoderar as mulheres da comunidade nipo-brasileira da Paraíba?

Takako Watanabe:

Empoderar, não sei, acho que não teve tanto esse empoderamento, cada uma veio já com sua bagagem só e continuou.

Giovanna Gomes:

É uma coisa que a Alice mencionou que foi interessante também foi que nessa questão das comendas, a primeira que surgiu a oportunidade foi há muitos anos e quem conseguiu e fez questão de colocar o nome dela foi M.F..

Takako Watanabe:

Ah, sim.

Giovanna Gomes:

Foi, e que as 3 ou 4 comendas que vieram, foram para Alice que é mulher.

Takako Watanabe:

Claro, é verdade, é, mas ela fez muito também, né pela associação, ela fez muito pela cultura, sabe as músicas, então ela era da do grupo latino-americano, mas ela sempre misturou muito né, a cultura japonesa com a cultura latino-americana. Eu acho que ela puxou muito também nessa questão da divulgação levando. Muita cultura japonesa em todos os shows que ela promovia. Ela sempre introduziu alguma coisa japonesa, né? Alguma música assim entende? Trouxe muita gente de

fora, né, nós fizemos vários intercâmbios assim com o pessoal do Canadá, então nesses festivais durante a pandemia, a gente fazia as palestras on-line, né, então trazia muita gente fora. Tem gente que tava no Canadá, tava no Japão, né, esse último mesmo o S.A. tava no Japão quando ele deu uma entrevista para cá, né? Uma pessoa que já foi professor aqui, e que foi morar no Japão, né? Só que a gente não tinha como trazê-lo aqui, né, então acho que ele entrou on-line também, né, para falar um pouco da experiência dele lá no Japão, é então talvez é nesse sentido, né que a gente levou um pouco, mas isso não é para as, mulheres, sei lá, mas de qualquer maneira, Alice foi bem muito importante nesse sentido, né?

Takako Watanabe:

Que a gente também nem se falava, né! E na época da caça da baleia. Parecia como é que foi importante também, né, mas a liderança era dos homens. A gente não conhece nenhuma mulher que trabalhou nessa fase, né, sim, e eram todos homens no castor, sim. Pulando, varejo, isso tudo isso aí foi acompanhando e ainda tem algumas pessoas que estão morando aqui, né? Alguns morreram, né? Muitos foram embora daqui, mas ainda tem algumas pessoas aqui, mas sempre os homens não têm mulheres não.

Giovanna Gomes:

E como você vê o futuro da associação daqui para frente?

Takako Watanabe:

Olha, eu acho que tá renovando um pouco sabe a mentalidade. Vamos dizer assim, né, de manter simplesmente só os japoneses descendentes, né, tá entrando muitos brasileiros e muita gente interessado na cultura mesmo de conhecer um pouco da cultura e tentar divulgar essa cultura, né, tanto é que nessa diretoria. O vice-presidente é um brasileiro a secretária também, os 2 secretários são brasileiros, vice-tesoureiro é brasileiro, então quer dizer as pessoas-chave, né, no caso das diretorias com brasileiros entende, então eu acho que é um pouco por aí sabe tentar manter, né, apesar de não ter tantos descendentes, mas pessoas interessadas em manter essa cultura, né?

Giovanna Gomes:

Então, também é o fato de terem pessoas brasileiras mais jovens, seja um atrativo pra os nikkeis.

Takako Watanabe:

Isso também pode ser é, eu não sei se apresenta, eu vejo meus filhos, eles não têm muito interesse, minha filha até que tem vontade de ir para o Japão, mas não faz nenhum esforço para estudar o japonês. Então é diferente, né, quando cê tem interesse. Realmente, na cultura, né aí, mas eu não sei não, minha filha, por exemplo, não tem muito interesse. Aí tem talvez até a culpa seja mesmo da gente mesmo, sabe que a gente não passa muito, né, essa necessidade, né? Mas não sei de repente tava diluindo, sabe?

Giovanna Gomes:

Você acha que talvez essa geração mais atual de nikkeis não tem se interessado tanto pela cultura?

Takako Watanabe:

Eu acho que a outra cultura, outra época sabe, então não sei, acho que o Japão não tá em tanto em evidência como a Coreia, que tem aqui a seus seriados, o Japão tem os doramas também, então tem essas coisas assim que achar um pouco por aí sabe, então tá faltando um pouco para voltar. Também nosso nome do Japão até tá começando, sabe que acho que eles tão sentindo um pouco isso da diminuição dessa do interesse pela cultura japonesa, né, então, por exemplo, nós estamos fazendo 130 anos da amizade Brasil Japão neste ano, então eles estão investindo bastante nesse sentido de mostrar a importância do Japão, né, mas não sei. Se tá atingindo quem a gente quer sabe, acho que. Teria que ver o que como fazer.

Giovanna Gomes:

Uma renovação isso?

Takako Watanabe:

Por exemplo, aqui na associação a gente deveria tá montando um projeto né para o próximo festival incentivando e mostrando essa relação de amizades, 130 anos, né, utilizando inclusive a logomarca desse evento, né, mas tá muito devagar, sabe. Eu

acho sabe interessante é então as pessoas não tão muito sérias. Engajadas, sabe, uma pena, né! É porque acho que tem tanta coisa do Japão que é importante sabe questão do respeito ao humano, né, a educação. Então isso tudo acho que é importante, mas hoje em dia cê vê a educação aqui no Brasil, não tenho respeito ao professor, não tem o respeito, então isso tudo eu acho que no Japão é muito forte na disciplina, tudo isso, né, então acho que isso seria interessante isso tentar retomar pouco por aí sabe?

Giovanna Gomes:

É uma pena mesmo porque até aspectos da etiqueta que são muito. Não só a questão de costumes, mas também do crescimento pessoal, da aproximação com a própria cultura. Isso pela língua é uma coisa que assim... tá se perdendo.

Takako Watanabe:

É verdade, é verdade, mas teria que ter alguma coisa mais forte, né? Para atrair as pessoas.

Giovanna Gomes:

E como você vê o futuro da associação em relação à participação em liderança das mulheres?

Takako Watanabe:

Acho que vai continuar pelo menos aqui no Nordeste. Acho que as mulheres tão liderando em vários lugares sabe Bahia, Fortaleza, Rio Grande do Norte tá criando uma associação também que tá renovando. Essas regiões são mulheres que tá lá (na liderança) também, mas Recife são os homens, por enquanto acho que tem muito mais, Manaus é mulher também. Acho que Maranhão eu não sei como tá, mas acho que a maioria aqui do Nordeste são mulheres que tão na liderança sabe.

APÊNDICE C — ENTREVISTA COM TEREZA MITSUNAGA

João Pessoa/PB, 23 de Abril de 2025

Giovanna Gomes:

Quando e como a senhora ficou sabendo da associação?

Tereza Mitsunaga:

Então foi nesse evento que teve no espaço cultural, né? Eu não lembro exatamente um mês e o dia, mas foi em 2004, Alice se apresentou e veio um grupo musical de fora. Foi nesse momento que eu já conheci vários professores, pelo menos me sei, um deles era o M.. E vieram outras pessoas que conheci nesse dia, né? Parte era o pessoal que trabalhou na pesca da baleia. E daí começamos a conversar sobre criar uma associação e talvez dar aula de japonês. O M., que sugeriu dar as aulas, se propôs a conseguir uma sala para nossas reuniões e para as aulas de japonês no departamento de física da UFPB, não sei por quanto tempo, mas depois conseguimos um espaço para as aulas e reuniões no Instituto Kumamoto.

Aí quando a gente se organizou de fato, resolvemos fazer uma espécie de feirinha lá em Tambaú. Nessa época a minha filha vinha fazendo reuniões com o grupo de amigos sobre origami, e M. também fazia origami, daí decidimos fazer uma oficina lá mesmo, com todos em pé. O senhor Adachi colocou uma banca expondo as orquídeas que ele plantava, outro pessoal colocou uma banca de comida. Essa foi nossa primeira feira.

Eu não lembro depois quanto tempo depois, mas tiveram outras feiras, né, mas eu só tenho registro a partir da 4ª edição, mas Alice deve ter de todas. Nesse período a gente começou a fazer origami, mas foi depois de uma viagem para Recife a convite do consulado, eu e Luiza Arakaki nos tornamos facilitadoras de furoshiki. Aí a gente fez várias oficinas de furoshiki e origami. Na época éramos nós e o grupo OriJampa dando oficinas de origami na Usina Energisa. Nesse grupo tinham algumas senhoras issei, como a H.S., nessa mesma época conheci a Marília Medeiros e fiz um curso de origami com ela, daí pra frente virei facilitadora.

Depois, mais recentemente, vieram duas bolsistas para auxiliar nas oficinas e ensinar outras coisas.

Giovanna Gomes:

Bolsistas da JICA?

Tereza Mitsunaga:

E aí a segunda que veio, deu oficina de ikebana, eu sabia um pouquinho, né? Já que minha mãe fazia ikebana.

Daí ela deu oficina de ikebana, a gente sentiu segura, e Takako também estava nesse grupo, a gente passou, então, a também fazer oficina de ikebana. Então, ikebana, furoshiki, origami, e mais recentemente, kumihimo, né? As pulseiras de kumihimo. Mioco queria ensinar macrame também, que não é japonês, né, mas é interessante.

Na associação, então, com o tempo, também se criou o grupo do taiko, que Alice começou, mas depois o grupo ficou independente, Alice preparou os primeiros repertórios, mas agora eles têm autonomia. O grupo de taiko é composto por jovens, no geral. Aliás, a única pessoa de mais idade que tentou ficar teve problema no ombro, já que exige muito movimento. Então, basicamente é isso, a gente, assim, a gente se reúne mensalmente, no primeiro domingo do mês, e depois também passou a vender o almoço mensal. E aí, com isso aí, também criamos o grupo do fujinkai, que é composto por senhoras da associação, esse grupo passou a fazer comida na associação e faz até hoje, no terceiro domingo do mês.

No almoço o grupo de senhoras se reúne, o Masao sensei e Clistenes ajudam. Alguns jovens também vão lá. Então, também é outro momento de reunião, conversa, enquanto trabalha, né? E, basicamente, é Takako que comanda esse grupo, né? Ela leva à frente. Que é o que, de certa forma, financia a associação para pagar o aluguel.

Todo mês tem que pagar aluguel e as aulas de japonês são insuficientes para pagar. Além disso, todo ano, a gente programa festival. Se não me engano, teve um ano que eu acho que não fez festival. Mas quase todo ano tem festival.

E, além do festival, dá todo um trabalho para organizar ao longo do ano. Como é que vai ser a decoração, quem que a gente vai chamar, vai ter que buscar o consulado. A gente se reúne no final do ano num restaurante em uma confraternização chamada Bonenkai. E, também, o Mochitsuki, que agora, a gente regularmente, sempre no mês de dezembro. Todo ano eu participo, porque eu encomendo o arroz de mochi de São Paulo e mais alguns ingredientes necessários.

Quando você me convidou pra entrevista, fui olhar as fotos que tenho de alguns desses momentos. Alguns dos isseis estão partindo. Lembro que em 2023, antes do meu acidente, estávamos reativando outro grupo, o do Mahjong.

Giovanna Gomes:

Pra jogar?

Tereza Mitsunaga:

Pra jogar e pra reunir pessoal de idade que gosta de campeonatos, né? Eles vão pra Recife e jogam nesses campeonatos na região do Nordeste, basicamente homens, eles lhe perguntaram se eu tinha interesse em entrar. E nisso eu reuni as mulheres junto com Denise e chegamos a fazer algumas reuniões, mas tivemos que parar quando, infelizmente, Adachi-san faleceu. Mas o filho dele é craque no Mahjong também. Então, quando eu voltar, eu quero reativar esse grupo, porque é muito bom, né? O Mahjong é um jogo de pedrinha que ajuda no raciocínio. Então, achei de gente interessada, acho que a gente tem, no total, uns quatro jogos que o Mahjong já tinha reunido, então dá pra ativar.

Giovanna Gomes:

E o que motivou a senhora a participar desse projeto de construção da associação?

Tereza Mitsunaga:

A necessidade desse processo de resgate cultural, minha filha faz origami, mas assim, o resgate mesmo da cultura em si, das aulas de japonês, pra quem quer. A minha neta participou das aulas de japonês. A gente não tinha esse espaço antes. Claro que tem uma instituição que ensina inglês e japonês, mas a gente não tinha o da associação. Então, pra fortalecer a associação, o fato de a gente realizar também

essas atividades, né? Vai juntando, reunindo e nós seguimos compartilhando conhecimento.

Eu sei fazer alguns origamis, outros sabem outros modelos, e nisso vamos juntando nossos conhecimentos. A gente hoje tem um grupo grande de origami que não é vinculado (ORIJAMPA: cerca de 15 pessoas, a maioria não nikkei). Tem um grupo de origami da associação, mas tem origami também independente, né? Inclusive tem uma peça por mês a fazer agora do desafio. Então, pra mim foi muito importante poder conversar com o pessoal mais velho.

Inclusive, eu acho que é um espaço que eles precisam também, né? E claro, precisam continuar fazendo alguma coisa, inclusive, não ficar só com aquela única reunião por mês. Com a Covid, a gente se dispersou um pouco, porque deixou de lado.. Mas seguimos nesse sentido de resgatar as práticas culturais que a gente tem, e divulgando junto ao consulado.

Lembro de um dia em que fomos conversar com a antiga cônsul, que na época era uma mulher que ocupava esse cargo, mas atualmente é um homem. E aí a gente foi conversar com ela pra trazer uma cantora. Eu tava querendo trazer uma cantora de *enka*, que é um estilo de música japonesa antiga. Pra poder trazer os isseis mais velhos. Ela falou: “Não... A ideia não é trazer os isseis mais velhos. É trazer os jovens. Aí eu disse: “você propõe quem?”, e ela propôs a Tsubasa Imamura.

Giovanna Gomes:

A cantora japonesa que canta Bossa Nova?

Tereza Mitsunaga:

É isso sim, a Tsubasa também é importante, mas na edição seguinte a gente pediu outra, a Mariko Nakahira. Ela é excelente porque ela interage muito com os isseis antigos e idosos, né? Enquanto que a Tsubasa interage mais com o jovem. Tocar no festival com essas duas seria melhor ainda, né?

Então é basicamente isso, tem esses momentos mensais, mas tem esses momentos de divulgar essas artes culturais.

Giovanna Gomes:

As artes marciais também.

Tereza Mitsunaga:

Ah, a gente trouxe para os festivais, sempre tem Jiu-Jitsu, Karatê, Kendo. Além disso tem gente que faz Shodô, que é a caligrafia tradicional japonesa. Teve gente querendo também trazer a religião, mas a gente achou complicado. Um dos ex-presidentes é pastor protestante. Bom, mas aí depois, como é que fica, né? Não posso negar para pastor protestante se for o caso.

Então, talvez religião e política, a gente não envolve o nome da associação. Inclusive, de política, me pediram uma época se podia trazer pra associação uma pessoa que estava em campanha... eu era, acho que vice-presidente na época, então falei: “olha, eu posso avisar que fulana é candidata e quem quiser ir em tal lugar, mas que aqui a gente não pode trazer.” Porque senão vai criar problema. Então... são esses cuidados que a gente tem que tomar. De vez em quando, nas redes, começa uma discussão política, mas sempre tem alguém falando que não é permitido. Até porque não é o objetivo da associação.

Giovanna Gomes:

Uhum, até porque querendo ou não, é uma comunidade em potencial pra você querer angariar votos. Enfim, a Alice comentou que a senhora ocupou mais uma vez o cargo de presidente. ela disse que na maioria das situações acaba revezando entre a senhora Takako, ela também já chegou a revezar dos homens também, sim, ela disse que a maioria foi homem.

Tereza Mitsunaga:

Não lembro quantas vezes fui presidente, eu preciso até resgatar isso para poder depois fazer o relatório. Porque teve T. que foi presidente. Teve J., que foi várias vezes presidente, depois Alice novamente, depois foi J.O. irmão de H.O.. E... talvez nesse momento eu tenha assumido, mas não me recordo.

Giovanna Gomes:

Você acredita que as mulheres elas empenharam um papel significativo na formação e no desenvolvimento da associação?

Tereza Mitsunaga:

Sem dúvidas, sim.

Giovanna Gomes:

De que forma?

Tereza Mitsunaga:

Então, é isso que eu te disse, né de organizar evento, assim a gente organiza o que vai acontecer. Teremos oficinas, inclusive quem é que vai ser facilitadora, materiais, etc. E os homens assumem toda a parte física de aluguel das mesas, que tipo de tenda vai ter que alugar. Como é que vão funcionar as barracas, quem vai alugar o que, o orçamento geral. Aliás, a maioria dos tesoureiros foram homens, eu até tenho uma grande experiência com orçamento, mas acho que nunca cheguei a assinar os da associação. Acredito que o Massao sensei ainda seja tesoureiro, mas não me recordo de quem esteja no cargo de vice-tesoureiro. Então, na diretoria sempre teve, acho que não sei se maioria, mas metade pelo menos sempre foram mulheres. E na maioria dos eventos como mochitsuki os homens têm uma grande participação, decidir quem deles vai martelar o arroz. Mas apesar das mulheres martelarem um pouco, são elas que vão fazer os bolinhos, que fazem a sopa, a comida e a distribuição. Elas têm um papel muito grande, e não é nada subalterno.

Giovanna Gomes:

Inclusive é uma característica bem comum das mulheres assumirem justamente a liderança nas atividades culturais e de manutenção e disseminação da cultura, enquanto os homens ficam mais naquelas funções organizacionais e administrativas.

Tereza Mitsunaga:

Aqui sim, no Japão eu não sei. Desde que eu morava no interior, a associação de lá tinha umas 500 pessoas, e os eventos principais como o Undokai, os professores das escolas a cultura japonesa são os responsáveis por organizar ao longo do ano. Mas as coisas que terão no undokai, eles pedem ajuda pra comunidade.

Então, todas as mulheres ajudam. Os homens têm o papel de ficar lá pra distribuir presentes. Mas as mulheres sempre têm um papel fundamental, apesar de na

cultura japonesa elas serem sempre subalternas, quando se trata dos filhos e da casa, elas ficam no comando.

Giovanna Gomes:

Você pode compartilhar algumas histórias, o exemplo de mulheres que tiveram um impacto notável na associação.

Tereza Mitsunaga:

Eu acho que a Alice é principal. Ela que criou coral, ela toca as músicas japonesas. E quando a gente organiza o festival, ela reunia os bolsistas da universidade pra fazer o folder o festival e os cartazes. Então, de certa forma, ela faz parte da estrutura principal e a gente cuida das oficinas. Quanto ao fujinkai, nessa parte não participa, mas sempre tivemos Olinda, Megumi, Takako, H.S. e Ana Oashi, o fujinkai decide o cardápio, se reúne pra comprar os ingredientes e separa o que cada uma vai cozinhar. Ano passado Megumi faleceu, mas o grupo ainda foi mantido e agora conta com pessoas novas.

Giovanna Gomes:

Mas no fujinkai, a maioria são mulheres issei ou nikkei?

Tereza Mitsunaga:

A maioria é nikkei, Ana Oashi não é descendente, mas é casada com H.O. que é o atual presidente.

Giovanna Gomes:

Alice, inclusive, comentou sobre isso que é no início da associação, e ela não via problema nenhum em ter um presidente que não seja nikkei, mas que ainda assim houve uma certa insistência.

Tereza Mitsunaga:

Por conta do pessoal mais velho ser issei, isso era fundamental para eles. Eu lembro que o Sato-san exigia que fosse, já que antes da associação, esse grupo de isseis que veio por conta da pesca das baleias que tinha contato direto com o consulado,

então não fazia sentido perder os isseis por conta desse detalhe. Inclusive, alguns ainda estão vivos, acredito que tenham muita história para registrar.

Giovanna Gomes:

A associação evoluiu ao longo do tempo em relação à participação e liderança das mulheres?

Tereza Mitsunaga:

De vez em quando aumenta, às vezes diminui. Mas em relação ao número de associados, bem no seu início, acho que já teve quase 100 pessoas. Eu estava contando, acho que teve 93 pessoas. Depois a gente deu uma diminuída grande, Então eu acho que eu consegui aumentar de talvez 40 e pouco para 60 e pouco. Isso chegou a 70, né? Então, de certa forma, as mulheres que participam e fazem alguma coisa se mantiveram. Mas o que tem aumentado é o número de jovens. Já que o Romeu, de uma forma muito boa, está trazendo os alunos dele, alunos e alunas do IFPB, e ele está pedindo para a gente transformá-los em facilitadoras. Então, por exemplo, hoje eles são capazes de oferecer algumas oficinas. Por exemplo, de origami, de kumihimo. De furoshiki, ainda não vi nas oficinas, não sei se é porque não interessa muito por enquanto. Já as mulheres estão sempre na diretoria, sempre mantendo, inclusive agora, mesmo mudando a diretoria. A Takako, acho que não está como diretora, agora ela está com Denise, se não me engano. Ah, Denise, é a nova secretária, acho que está acumulando [trabalho], né? Não precisa acumular, é só convidar algumas pessoas que têm interesse. Tem algumas pessoas que têm algumas dificuldades, digamos, mas essas também têm que estar lá. A questão principal é a seguinte, o que fazer para que as reuniões do domingo sejam mais participativas e o pessoal possa propor mais coisas? Um pouco da impressão que eu tenho, que aquela reunião do domingo segue um pouco a cultura japonesa típica, certo? O chefe fala e os de baixo concordam com tudo, né? Então, em algumas reuniões que eu fiz, acho que fiquei durante um ano como presidente, o que mudei era, na associação, os jovens vão falar e então a gente abria a reunião, depois que o responsável pela ATA anotar tudinho, é importante que os jovens compartilhem o que eles estão fazendo e o que eles pretendem fazer ao longo do ano. E aí vai os vários grupos, o fujinkai, o IFPB, para que possa... Ser uma coisa mais participativa. E fazer oficina logo depois, né? Alguma coisa assim. Apesar que

a gente costuma ter, logo depois, uma confraternização de aniversariantes do mês. Mas eu acho que é insuficiente, em relação a participação direta.

Giovanna Gomes:

A senhora diria que as mulheres tendem a participar mais do que os homens em oficinas e atividades mais culturais?

Tereza Mitsunaga:

Então, a gente tem uma participação em relação ao que se faz, assim, evento, né? Então, as oficinas são, basicamente, mulheres. No origami tem gente, rapazes do Orijampa agora, e talvez o Romeu traga alguns alunos para participar. Mas o Ikebana é mulher, né? Já tem homens fazendo também, mas, basicamente, mulher. Furoshiki, basicamente, mulher. Kumihimo tá aparecendo os meninos também fazendo. No taiko, homens e mulheres, mas, basicamente, homens. Só tem poucas mulheres, né? Fujinkai, é a comida, né? O que eu tenho dito é que, assim, eu ainda não quis interferir. Para mim, o momento de cozinhar é um momento também de passar a cultura de como se faz essa comida. Então, eu, com a Denise, fizemos uma oficina para os jovens de ensinar a fazer temaki. Aí, eu queria, de novo, fazer essa oficina dos temakis pequenos, já que eles foram bem participativos. É como se o grupo de Fujinkai, que são a Ana, a Olinda, Takako e algumas outras pessoas que ajudam, Romeu tem ido agora pra ajudar.

É como se esse grupo dissesse “eu vou fazer o prato principal”, “eu vou fazer sushi”, “eu vou fazer isso, eu vou fazer isso”. Para vender é importante. Mas, eu acho que é importante que os mais jovens comecem a participar nesse processo também. É um momento de socialização, isso não está tendo. Então, nesse sentido, precisa realmente fazer uma mudança, né?

Então, em relação às mulheres, eu acho que começaram no início, mas continuam se mantendo, né? Às vezes, eu me preocupo com o que vai acontecer se a Alice se afastar, se a Alice for embora. Como é que vai ser o grupo de música? Só tem um pessoal herdeiro, né? Tem um menino de seus 12 anos, que eu já falei para ela, se ele está a fim de aprender a tocar kotô. Daí a mãe dele foi com ele lá e eu disse para a Alice “olha tem gente aqui querendo aprender”.

Giovanna Gomes:

Ainda mais é um descendente, né? Que ajuda a aproximar mais a comunidade daqui.

Teresa Mitsunaga:

Eu não sei como a Alice pensa nesse sentido. O coral está sempre se ampliando, claro, mas tem que ter alguém para caso ela sair, né? Como que esse coral vai ser depois, para cantar as músicas japonesas, as músicas nordestinas também, né?

Ah, sim, e tem o grupo de Tai Chi. Eu participava no começo, assim que a Alice começou a ensinar Tai Chi na associação, depois começamos lá na praia. Depois ela foi para lá na prefeitura da universidade, que agora se mantém. E tem duas facilitadoras, né? Tem a L. e tem outra que se chama G.. Mas aí você vê também, né? Se mais gente vai poder aprender a ensinar também.

Giovanna Gomes:

Até porque é interessante pensar que, por exemplo, tantas pessoas mais velhas já faleceram, ou se não se mudaram. E acaba que muitos desses aspectos podem se perder. Já que, querendo ou não, boa parte das pessoas que continuam à frente da organização e do Fujinkai, etc., são senhoras. Então, assim, as pessoas cansam, as pessoas ficam doentes.

Tereza Mitsunaga:

Apesar que o pessoal que está na diretoria do Fujinkai é novo, relativamente, né? Tipo com cinquenta anos, sessenta anos [risos].

Giovanna Gomes:

Tem que ativar esse seinenkai né?

Tereza Mistunaga:

Realmente.

Giovanna Gomes:

Em relação aos principais projetos que a senhora já comentou, as mulheres desempenharam um papel extremamente significativo na continuidade também. Mas

quais foram os principais desafios que a senhora acredita terem sido enfrentados pelas mulheres na associação?

Tereza Mitsunaga:

Então, primeiro é que boa parte do pessoal que participa são professoras universitárias ou professores, diretora de escola L.A., por exemplo, é diretora de escola, né? Então todas nós somos pessoas autônomas, ou seja, nunca ninguém vai nos assediar para nada. Às vezes é o que você tem, é H.S. e os isseis, nas reuniões, eles ficam lá atrás e eu sento do lado e pergunto, “o que tá acontecendo?”, mas fica o tititi entre eles, né? Agora, não deve ser nada, em relação (ao machismo), deve ser fofoca, né? Não deve ser assédio porque senão a gente logo saberia, né? Agora... teve isso bem no início, né? Com relação à Alice, mas eu não sei exatamente se a Alice chegou a contar alguma coisa, eu nunca entendi.

Giovanna Gomes:

Contou, ela disse que foi em relação à escolha do nome da associação porque ela havia proposto “Brasil-Japão” só que os isseis queriam “nipo-brasileira” para o Japão não ficar atrás do Brasil (na ordem dos nomes). E a Alice disse que ela considerou o “Brasil-Japão” justamente por ter mais brasileiros do que japoneses e nikkeis, e que eles (isseis) fizeram um paredão para voltar contra ela.

Tereza Mitsunaga:

Ah, sim eles faziam um paredão.

Giovanna Gomes:

Então acho que talvez só essas leves resistências, né?

Tereza Mitsunaga:

O almoço foi tudo no centro, né? Na cozinha, todos sempre nos respeitaram. Nunca teve problema. O que mais? Nos festivais também, acho que eu nunca vi problema. Ah, bem no início teve, assim, tipo, tem seis bancas, né? E aí, fulana disse “essa fulana pegou minha banca” [risos] e falou, “não, mas deixa pra lá.” Então, assim, a banca de um, dois, três, a três estava com fulana. Aí teve almoço, tiraram. Nessa daí, alguém falou, mas foi tudo tranquilo.

Giovanna Gomes:

Nada de mais, né? Coisinhas de convivência.

Tereza Mistunaga:

A convivência sempre foi muito boa.

Giovanna Gomes:

E quais são as principais conquistas que a associação teve na promoção da cultura japonesa aqui?

Teresa Mitsunaga:

Então, acho que a gente tem conseguido ampliar, principalmente com a internet, e manter, né? Não sei se ampliar, porque eu não sei nenhum número, mas tem conseguido aumentar, manter, né? O pessoal que tá fazendo japonês, como, por exemplo, Denise. Denise foi lá pra estudar japonês.

Giovanna Gomes:

E ela tá dando aula agora.

Tereza Mitsunaga:

Ela foi estudar, segundo ela, porque ela queria ir pro Japão. Aí, de repente, ela gostou, se juntou, e agora secretária. Inclusive, tem umas ideias muito boas, gosto muito de Denise. A Marília, que é artista plástica, se integrou lá. E olha, faz anos que ela ajuda no origami, bom, dessa vez ela tá, acho que o filho dela também. Então, assim, tá chegando muita gente. Eu não vejo nenhuma dificuldade. Isso ajuda, porque, de repente, acho que aumentou, eu não tô acompanhando atualmente, mas eu acho que aumentou o número de associados também, de forma bastante ampla. Deixa eu ver, com setenta e seis membros. Bastante, né? Tava com, por exemplo, sessenta e quatro, então aumentou, sem dúvida.

Giovanna Gomes:

E, em relação a, por exemplo, quando fiz essa pergunta pra Alice, além dela falar, das cooperações que vocês fizeram com a JICA, de conseguir capacitar facilitadores

aqui, pra dar oficinas, ela também comentou uma situação bem curiosa. Ela disse que, pra ela, uma das conquistas também foi fazer com que a população comesse a aceitar cada vez mais a cultura, parar de olhar os nikkeis ou os isseis com estranheza, ela disse que no início ela sentia muito isso, das pessoas ficarem apontando e perguntando “ah, você é japonesa, chinesa ou coreana?”.

Tereza Mitsunaga:

Mas isso é, assim, eu cheguei aqui em 1967, com o cabelão aqui embaixo, liso, sendo que a maioria não tinha cabelo liso, eu lembro que fui no centro, e as mulheres iam atrás de mim, porque eu era novinha, e os meninos... tinha um monte de meninos lá, acho que eram cinco, seis, que estavam atrás de mim. Aí na época tinha filme do Bruce Lee, né? Daí eles falavam “olha, é a irmã do Bruce Lee lá”, e ficavam na minha frente, atentando, né? E fazendo de conta que estava lutando comigo. Isso me constrangeu muito, porque eu não conseguia andar direito, aí pensei, “ah não! Eu não sou dessa de ficar parada, e quer saber de uma coisa? Da próxima vez que eles estiverem fazendo isso comigo, eu vou investir contra eles.”. Você acredita que um dia eu fiz... E então nunca mais me desafiaram, ou seja, ficaram com medo de apanhar, né? Mas assim, nunca teve discriminação. Tinha no interior. Talvez ali se tenha voltado pra época que a gente foi discriminado por conta da guerra, né? Meus irmãos sofreram discriminação, então, eu ouvia algo, assim, uma frase, né? “Japonês cara chata, come queijo com barata!”, e “japonês, calabrês, o diabo que te fez...”. Tinha disso, mas eu nunca levei desaforo pra casa desde pequena, eu era bem peralta. Se alguém fizesse isso comigo, eu partia pra cima. Então, seria mais um...

Giovanna Gomes:

É porque, assim, querendo ou não, é uma forma de preconceito, só que é uma forma muito mais velada, comparado ao que era no período da Segunda Guerra.

Tereza Mitsunaga:

Vamos pensar, assim, racismo contra o negro. Então, contra o negro, eu acho que tem racismo, no sentido de diminuição, de achar que, né, vai fazer algo mal. Com o japonês é curiosidade. Acho que é preconceito. É uma curiosidade em relação a ser... e ao contrário, né? Acho que você, sendo japonês, tem aquilo de que você vai

fazer tudo certinho, e sempre são curiosos, né? Então, seja pegando táxi, aplicativo, na rua, no supermercado, alguém me aborda e fala assim “a senhora nasceu no Japão?”, aí eu explico que não, mas falam “ah, não, com esse rosto, não pode ter nascido aqui”. Aí, se é, por exemplo, descendente de africano, eu digo “então, você não é daqui”, “seus pais vieram de onde?”, aí respondem “Não, é daqui.”, e eu digo “Mas, digamos, se seu pai tivesse vindo da Itália e foi para o Japão, se teus pais são italianos e vão para o Japão, você vai nascer com essa cara mesmo (sem fenótipo japonês)”. Ai eles ficam “não, de jeito nenhum, no Japão nasce com a cara de japonês”. Entendeu? É assim, mais nesse sentido de desconhecimento.

Giovanna Gomes:

Sempre ser tratado como estrangeiro, né?

Tereza Mitsunaga:

É, mas nunca no sentido pejorativo. Muito pelo contrário. Nunca senti.

Giovanna Gomes:

Mas, hoje em dia, a senhora sente que isso diminuiu com a popularização da cultura?

Tereza Mitsunaga:

Não, muito pelo contrário. O pessoal diz “ah, eu tô assistindo aqui um um dorama aqui em casa”. Mas assim, é isso, a minha cara não vai mudar. É a cara de oriental mesmo. Sempre perguntam quanto tempo que eu tô aqui (no Brasil). As pessoas sempre vão falar. Mas não é bem discriminante.

Giovanna Gomes:

E como a senhora enxerga o futuro da associação daqui pra frente?

Tereza Mitsunaga:

Então, tem uma coisa que me preocupa. A gente não conseguiu uma associação (espaço físico) certa. E eu venho colocando que pra você ter uma associação certa, você precisa ter uma diretoria que se empenhe pra isso aí, né? Então, é preciso que uma das pessoas seja capaz de fazer isso, eu acho, quem tem essa capacidade de

se movimentar, é o Romeu. Eu havia proposto ele pra presidente, inclusive, na época, algumas pessoas falaram que não. Logo os gaijin, que disseram que não, que tem que ser filho de japonês ou descendente. Mas por quê? Afinal, ele é muito hábil, né? Ele sempre vai no consulado, então, ele tem porta aberta no consulado pra ele. Porque na hora que a gente conseguir um terreno, ou uma casa velha, sei lá, vamos pensar que a gente consiga uma doação de um terreno ou uma casa velha, eu tenho certeza que se a gente conseguir um projeto que é tranquilo fazer, o Japão paga. Mas você precisa ter um espaço. Então, isso pra mim é o principal problema, porque quanto tempo a gente vai conseguir vender o almoço todo mês? A gente tem que ter as refeições pra vender e poder manter, né? Eu não sei quanto tempo a gente vai conseguir manter, porque cada vez mais aumenta também o número de restaurantes.

Giovanna Gomes:

Cada vez mais, mas assim, querendo ou não, aumenta, mas não é uma culinária japonesa autêntica, é mais sushi, temaki, aquele sushi mais abrigado, então, japonês, japonês mesmo não tem.

Tereza Mitsunaga:

Mas o bentô também é abrigado.

Giovanna Gomes:

É, mas comparado as opções que tem em João Pessoa... Aqui a gente pelo menos não tem bentô {em outros restaurantes}, só tem na associação.

Tereza Mitsunaga:

Mas assim, esse é o desafio, né? Ter gente pra ir mantendo. A própria diretoria vai ter que ir evoluindo e trabalhando esses jovens pra subir (nos cargos da associação), né?

Giovanna Gomes:

Sim, com certeza. Até porque, querendo ou não, se os mais antigos já estão cansados, etc., quem vai fazer?

Tereza Mitsunaga:

Eu tenho uma netinha de 9 anos. A Primeira coisa que ela faz quando vem aqui, é perguntar “vó, o que nós vamos fazer hoje?” E ela faz temaki melhor do que qualquer um. Então preparo os legumes e digo “você só não pode usar a faca.”. Então deixo tudo preparadinho, ela faz muito bonito, melhor que eu. Então fico imaginando, né? Porque o pessoal lá na associação não pode pegar o jovem e fazer a comida.

Giovanna Gomes:

Capacitar, convidar, tipo, informando o dia e a hora. É uma coisa que seria muito proveitosa.

E como a senhora enxerga o futuro da associação em relação à participação e liderança das mulheres?

Tereza Mitsunaga:

Ah, eu acho que sempre vai ter. Exatamente por conta das atividades em si, né?

Giovanna Gomes:

Que querem ou não quem sustenta são as mulheres, né?


Tereza Mitsunaga:

O nihongo que talvez a gente precisa sempre estar atento, mas o sensei está lá sempre, né? A Denise é mulher. Já tivemos outras pessoas também. E o importante é também a iniciativa que as pessoas vão pro Japão através das bolsas, né? Então essas pessoas que vão quando voltam, elas dão uma contribuição durante um tempo.

Giovanna Gomes:

É importantíssimo, inclusive, esse retorno, porque querem ou não muitas bolsas que são concedidas com a declaração de que essa pessoa é associada de uma associação Nikkei, etc.

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO POR ALICE LUMI SATOMI



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Prezado(a) **PARTICIPANTE DE PESQUISA**,

Os pesquisadores Giovanna Gomes Cardoso de Lima e Xaman Korai Pinheiro Minillo convidam você a participar da pesquisa intitulada "RELAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA SOB UMA PERSPECTIVA DIASPÓRICA NA FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA". Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.


Objetivo da Pesquisa

Analisar o papel da mulher nikkei e imigrante no processo de formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e sua importância para a manutenção da cultura japonesa na região. Assim como observar o que tal atuação implica em termos de relações de gênero.

Metodologia

O presente trabalho se trata de uma etnografia de base qualitativa e interpretativa, baseado majoritariamente em entrevistas informais com figuras-chave que compõem a Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba levando em consideração a ausência de produções voltadas para análise o processo de formação e os modos de vida desta população situada em João Pessoa/PB. Inicialmente será realizada uma análise bibliográfica de artigos e capítulos de livros que discorrem quanto à teoria, explorando os temas das Teorias Feministas das Relações Internacionais quanto às relações de gênero em diáspora, seguindo o caráter qualitativo proposto. Também serão utilizados documentos pertencentes a ACBJ/PB e matérias jornalísticas sobre ações realizadas pela associação no decorrer dos anos a fim de obter maior compreensão sobre o caso em análise.

Apesar de não ser o foco principal, o trabalho utilizará de matérias jornalísticas e registros históricos acerca da Imigração Japonesa na Paraíba, tendo em vista a necessidade de abarcar o contexto



histórico do surgimento da comunidade nipo-brasileira sediada em João Pessoa. Visando produzir um conhecimento pautando a perspectiva dos grupos atingidos, representando-os e permitindo que eles exponham sua narrativa, serão conduzidas entrevistas com mulheres e lideranças femininas da ACBJ/PB a fim de compreender suas perspectivas acerca das relações de gênero que compreendem a comunidade no âmbito interno e o papel destas figuras na disseminação da cultura, língua e costumes nipônicos. As entrevistas terão caráter semi-estruturado e serão realizadas presencialmente.

Dessa forma, será feita uma análise qualitativa sobre os dados obtidos a partir da análise bibliográfica com as teorias estudadas, mostrando como elas podem ser usadas como instrumento de compreensão para o caso das mulheres na Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba.

O recorte geográfico é localizado em João Pessoa, no estado da Paraíba, e, de maneira mais ampla, na região nordeste do Brasil, sendo analisado como raça e gênero interferem na formação da ACBJ/PB. O recorte temporal limita-se a partir da fundação em 2004 e a atualidade, onde ainda ocorrem os desdobramentos devido a diversos fatores como: idade, origem, e a presença de não-descendentes.

Riscos ao(à) Participante da Pesquisa: Cansaço e Constrangimento

Benefícios ao(à) Participante da Pesquisa

O trabalho irá explorar as perspectivas que compreendem as comunidades japonesas no que diz respeito ao papel da mulher frente a uma situação de diáspora, assim como, a mulher nikkei como figura fundamental para a formação da Associação Cultural Brasil-Japão. A pesquisa tem o objetivo de compreender as relações de gênero no âmbito comunitário e na formação histórica da comunidade japonesa do estado. Busca-se analisar a questão da formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e o papel das mulheres que compõem essa comunidade, seja na organização, manutenção e até mesmo na disseminação de conhecimento acerca da cultura, história, língua e costumes oriundos dos primeiros imigrantes japoneses que permaneceram na região.

Seu desenvolvimento é relevante tendo em vista o papel de preservar a memória e a cultura das famílias que migraram para o Brasil e enfrentaram duras dificuldades neste processo. Deste modo, se mostra necessário investigar as contribuições das mulheres para a associação e como as práticas estão conectadas à herança japonesa, ao contexto histórico de chegada e estabelecimento desta comunidade. Para além disso, é importante compreender a importância cultural desta associação para a comunidade nikkei e para o município de João Pessoa como forma de disseminação de conhecimento e cultura.

A pouca produção acadêmica acerca da presença nipônica e da comunidade nipo-brasileira no estado da Paraíba é outro fator motivante para a realização deste projeto. Além disso, a ausência da inclusão da discussão de gênero no que diz respeito ao estudo das comunidades nipo-brasileiras é outro aspecto que destaca a necessidade do desenvolvimento de um estudo com este escopo.

Sendo assim, este trabalho surge da necessidade de tentar colaborar para a produção de conhecimento acerca de um tema que tem sido pouco explorado ativamente nos últimos anos. Em especial, ao amplificar as vozes das mulheres que compõem a ACBJ/PB como forma de registrar experiências, vivências e narrativas que auxiliem na produção de cada vez mais registros sobre a presença nipo-brasileira no estado da Paraíba.

Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa

Giovanna Gomes Cardoso de Lima
 Graduada em Relações Internacionais
 Universidade Federal da Paraíba
giovanna.gomes2@academico.ufpb.br



(82)991363524

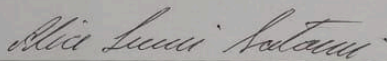
Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)
Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba
Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB
Telefone: +55 (83) 3216-7791
E-mail: comitedestica@ccs.ufpb.br
Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.
Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

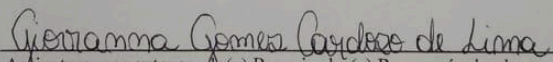
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, **VOCÊ**, de forma voluntária, na qualidade de **PARTICIPANTE** da pesquisa, expressa o seu **consentimento livre e esclarecido** para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

João Pessoa/PB, 22 de Março de 2025.



Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa



Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 - E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Bairro Asa Norte, Brasília-DF - CEP: 70.719-040 - Fone: (61) 3315-5877 - E-mail: conep@saude.gov.br



ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO POR TAKAKO WATANABE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Prezado(a) **PARTICIPANTE DE PESQUISA**,

Os pesquisadores Giovanna Gomes Cardoso de Lima e Xaman Korai Pinheiro Minillo convidam você a participar da pesquisa intitulada “RELAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA SOB UMA PERSPECTIVA DIASPÓRICA NA FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Objetivo da Pesquisa

Analisar o papel da mulher nikkei e imigrante no processo de formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e sua importância para a manutenção da cultura japonesa na região. Assim como observar o que tal atuação implica em termos de relações de gênero.

Metodologia

O presente trabalho se trata de uma etnografia de base qualitativa e interpretativa, baseado majoritariamente em entrevistas informais com figuras-chave que compõem a Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba levando em consideração a ausência de produções voltadas para análise o processo de formação e os modos de vida desta população situada em João Pessoa/PB. Inicialmente será realizada uma análise bibliográfica de artigos e capítulos de livros que discorrem quanto à teoria, explorando os temas das Teorias Feministas das Relações Internacionais quanto às relações de gênero em diáspora, seguindo o caráter qualitativo proposto. Também serão utilizados documentos pertencentes a ACBJ/PB e matérias jornalísticas sobre ações realizadas pela associação no decorrer dos anos a fim de obter maior compreensão sobre o caso em análise.

Apesar de não ser o foco principal, o trabalho utilizará de matérias jornalísticas e registros históricos acerca da Imigração Japonesa na Paraíba, tendo em vista a necessidade de abarcar o contexto

histórico do surgimento da comunidade nipo-brasileira sediada em João Pessoa. Visando produzir um conhecimento pautando a perspectiva dos grupos atingidos, representando-os e permitindo que eles exponham sua narrativa, serão conduzidas entrevistas com mulheres e lideranças femininas da ACBJ/PB a fim de compreender suas perspectivas acerca das relações de gênero que compreendem a comunidade no âmbito interno e o papel destas figuras na disseminação da cultura, língua e costumes nipônicos. As entrevistas terão caráter semi-estruturado e serão realizadas presencialmente.

Dessa forma, será feita uma análise qualitativa sobre os dados obtidos a partir da análise bibliográfica com as teorias estudadas, mostrando como elas podem ser usadas como instrumento de compreensão para o caso das mulheres na Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba.

O recorte geográfico é localizado em João Pessoa, no estado da Paraíba, e, de maneira mais ampla, na região nordeste do Brasil, sendo analisado como raça e gênero interferem na formação da ACBJ/PB. O recorte temporal limita-se a partir da fundação em 2004 e a atualidade, onde ainda ocorrem os desdobramentos devido a diversos fatores como: idade, origem, e a presença de não-descendentes.

Riscos ao(à) Participante da Pesquisa: Cansaço e Constrangimento

Benefícios ao(à) Participante da Pesquisa

O trabalho irá explorar as perspectivas que compreendem as comunidades japonesas no que diz respeito ao papel da mulher frente a uma situação de diáspora, assim como, a mulher nikkei como figura fundamental para a formação da Associação Cultural Brasil-Japão. A pesquisa tem o objetivo de compreender as relações de gênero no âmbito comunitário e na formação histórica da comunidade japonesa do estado. Busca-se analisar a questão da formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e o papel das mulheres que compõem essa comunidade, seja na organização, manutenção e até mesmo na disseminação de conhecimento acerca da cultura, história, língua e costumes oriundos dos primeiros imigrantes japoneses que permaneceram na região.

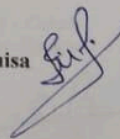
Seu desenvolvimento é relevante tendo em vista o papel de preservar a memória e a cultura das famílias que migraram para o Brasil e enfrentaram duras dificuldades neste processo. Deste modo, se mostra necessário investigar as contribuições das mulheres para a associação e como as práticas estão conectadas à herança japonesa, ao contexto histórico de chegada e estabelecimento desta comunidade. Para além disso, é importante compreender a importância cultural desta associação para a comunidade nikkei e para o município de João Pessoa como forma de disseminação de conhecimento e cultura.

A pouca produção acadêmica acerca da presença nipônica e da comunidade nipo-brasileira no estado da Paraíba é outro fator motivante para a realização deste projeto. Além disso, a ausência da inclusão da discussão de gênero no que diz respeito ao estudo das comunidades nipo-brasileiras é outro aspecto que destaca a necessidade do desenvolvimento de um estudo com este escopo.

Sendo assim, este trabalho surge da necessidade de tentar colaborar para a produção de conhecimento acerca de um tema que tem sido pouco explorado ativamente nos últimos anos. Em especial, ao amplificar as vozes das mulheres que compõem a ACBJ/PB como forma de registrar experiências, vivências e narrativas que auxiliem na produção de cada vez mais registros sobre a presença nipo-brasileira no estado da Paraíba.

Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa

Giovanna Gomes Cardoso de Lima
Graduanda em Relações Internacionais
Universidade Federal da Paraíba
giovanna.gomes2@academico.ufpb.br



(82)991363524

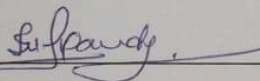
Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)
Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba
Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB
Telefone: +55 (83) 3216-7791
E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br
Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.
Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, **VOCÊ**, de forma voluntária, na qualidade de **PARTICIPANTE** da pesquisa, expressa o seu **consentimento livre e esclarecido** para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

TAKAKO WATANABE, João Pessoa/PB, 22 de Março de 2025.



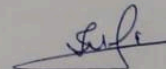
Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa

Giannama Gomes Cardoso de Lima

Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

*Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 - E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.*

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Bairro Asa Norte, Brasília-DF - CEP: 70.719-040 - Fone: (61) 3315-5877 - E-mail: conep@saude.gov.br



**ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO
POR TEREZA MITSUNAGA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Prezado(a) **PARTICIPANTE DE PESQUISA**,

Os pesquisadores Giovanna Gomes Cardoso de Lima e Xaman Korai Pinheiro Minillo convidam você a participar da pesquisa intitulada "RELAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA SOB UMA PERSPECTIVA DIASPÓRICA NA FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL-JAPÃO DA PARAÍBA". Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Objetivo da Pesquisa

Analisar o papel da mulher nikkei e imigrante no processo de formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e sua importância para a manutenção da cultura japonesa na região. Assim como observar o que tal atuação implica em termos de relações de gênero.

Metodologia

O presente trabalho se trata de uma etnografia de base qualitativa e interpretativa, baseado majoritariamente em entrevistas informais com figuras-chave que compõem a Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba levando em consideração a ausência de produções voltadas para análise o processo de formação e os modos de vida desta população situada em João Pessoa/PB. Inicialmente será realizada uma análise bibliográfica de artigos e capítulos de livros que discorrem quanto à teoria, explorando os temas das Teorias Feministas das Relações Internacionais quanto às relações de gênero em diáspora, seguindo o caráter qualitativo proposto. Também serão utilizados documentos pertencentes a ACBJ/PB e matérias jornalísticas sobre ações realizadas pela associação no decorrer dos anos a fim de obter maior compreensão sobre o caso em análise.

Apesar de não ser o foco principal, o trabalho utilizará de matérias jornalísticas e registros históricos acerca da Imigração Japonesa na Paraíba, tendo em vista a necessidade de abarcar o contexto

histórico do surgimento da comunidade nipo-brasileira sediada em João Pessoa. Visando produzir um conhecimento pautando a perspectiva dos grupos atingidos, representando-os e permitindo que eles exponham sua narrativa, serão conduzidas entrevistas com mulheres e lideranças femininas da ACBJ/PB a fim de compreender suas perspectivas acerca das relações de gênero que compreendem a comunidade no âmbito interno e o papel destas figuras na disseminação da cultura, língua e costumes nipônicos. As entrevistas terão caráter semi-estruturado e serão realizadas presencialmente.

Dessa forma, será feita uma análise qualitativa sobre os dados obtidos a partir da análise bibliográfica com as teorias estudadas, mostrando como elas podem ser usadas como instrumento de compreensão para o caso das mulheres na Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba.

O recorte geográfico é localizado em João Pessoa, no estado da Paraíba, e, de maneira mais ampla, na região nordeste do Brasil, sendo analisado como raça e gênero interferem na formação da ACBJ/PB. O recorte temporal limita-se a partir da fundação em 2004 e a atualidade, onde ainda ocorrem os desdobramentos devido a diversos fatores como: idade, origem, e a presença de não-descendentes.

Riscos ao(à) Participante da Pesquisa: Cansaço e Constrangimento

Benefícios ao(à) Participante da Pesquisa

O trabalho irá explorar as perspectivas que compreendem as comunidades japonesas no que diz respeito ao papel da mulher frente a uma situação de diáspora, assim como, a mulher nikkei como figura fundamental para a formação da Associação Cultural Brasil-Japão. A pesquisa tem o objetivo de compreender as relações de gênero no âmbito comunitário e na formação histórica da comunidade japonesa do estado. Busca-se analisar a questão da formação da Associação Cultural Brasil-Japão da Paraíba e o papel das mulheres que compõem essa comunidade, seja na organização, manutenção e até mesmo na disseminação de conhecimento acerca da cultura, história, língua e costumes oriundos dos primeiros imigrantes japoneses que permaneceram na região.

Seu desenvolvimento é relevante tendo em vista o papel de preservar a memória e a cultura das famílias que migraram para o Brasil e enfrentaram duras dificuldades neste processo. Deste modo, se mostra necessário investigar as contribuições das mulheres para a associação e como as práticas estão conectadas à herança japonesa, ao contexto histórico de chegada e estabelecimento desta comunidade. Para além disso, é importante compreender a importância cultural desta associação para a comunidade nikkei e para o município de João Pessoa como forma de disseminação de conhecimento e cultura.

A pouca produção acadêmica acerca da presença nipônica e da comunidade nipo-brasileira no estado da Paraíba é outro fator motivante para a realização deste projeto. Além disso, a ausência da inclusão da discussão de gênero no que diz respeito ao estudo das comunidades nipo-brasileiras é outro aspecto que destaca a necessidade do desenvolvimento de um estudo com este escopo.

Sendo assim, este trabalho surge da necessidade de ~~tentar~~ colaborar para a produção de conhecimento acerca de um tema que tem sido pouco explorado ativamente nos últimos anos. Em especial, ao amplificar as vozes das mulheres que compõem a ACBJ/PB como forma de registrar experiências, vivências e narrativas que auxiliem na produção de cada vez mais registros sobre a presença nipo-brasileira no estado da Paraíba.

Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa

Giovanna Gomes Cardoso de Lima
 Graduanda em Relações Internacionais
 Universidade Federal da Paraíba
giovanna.gomes2@academico.ufpb.br



(82)991363524


Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

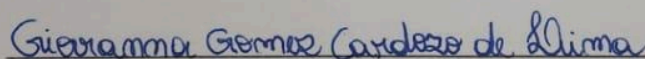
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)
Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba
Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB
Telefone: +55 (83) 3216-7791
E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br
Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.
Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, **VOCÊ**, de forma voluntária, na qualidade de **PARTICIPANTE** da pesquisa, expressa o seu **consentimento livre e esclarecido** para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

João Pessoa/PB, 22 de Março de 2025.


TEREZA MITSUNAGA RULS 24
Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa


Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

*Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 - E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.*

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Bairro Asa Norte, Brasília-DF - CEP: 70.719-040 - Fone: (61) 3315-5877 - E-mail: conep@saude.gov.br

